



# escola de CRIAÇÃO

PRIMEIRAS  
DRAMATURGIAS

Org. Alessandra Augusta  
e Henrique Fontes





# escola d<sup>e</sup> CRIAÇÃO

## PRIMEIRAS DRAMATURGIAS

Org. Alessandra Augusta  
e Henrique Fontes



# **APRESENTAÇÃO**

## **A JORNADA DA DRAMATURGIA**

O Primeiro Laboratório Dramatúrgico da Escola de Criação da Casa da Ribeira surgiu da urgência de facilitar caminhos para o nascimento de novas dramaturgias e “dramaturgues”, em Natal e em todo o Rio Grande do Norte.

Cerca de 30 participantes, durante quatro meses, vivenciaram oportunidades educativas presenciais em escrita criativa, ancestralidade como potência e dramaturgia documental. Com o tempo, o grupo naturalmente foi afunilando, uma vez que era preciso escrever e reescrever o que, até então, era só ideia.

É um tanto angustiante o processo de quem cria dramaturgia. A sensação que se tem é a de que é sempre muito conteúdo e,

ao mesmo tempo, o que fica na boca das personagens é pouco, é raso - não dá conta do tamanho da ideia e do desejo de comunicar.

Talvez, justamente por isso, poucas pessoas se desafiam a enfrentar todo o processo, desde o aprendizado das técnicas e procedimentos ao surgimento das primeiras palavras, à reelaboração constante e à possível publicação ou estreia da obra. A consequência desse “afunilamento” reflete diretamente na ainda pequena quantidade de pessoas que escreve para Teatro hoje no Brasil.

O que a leitora ou o leitor vai poder ler aqui, neste compilado de 7 dramaturgias, é resultado de muitas horas dessas/es “dramaturgues” em frente à tela do computador, na busca da síntese, da verossimilhança, da teatralidade, do humor e de tantas outras buscas orientadas, através de mentorias presenciais e on-line da Escola de Criação.

São temas diversos, em formatos variados, mas que partiram do mesmo ponto: “Ancestralidade como Potência” – o valor das pessoas que vieram antes de nós e como elas nos influenciam para ser quem somos hoje. Os processos de escrita não necessariamente resultaram em obras estritamente documentais, mas a ficção é encarada aqui como parte dessa potência para retratar o real.

Agora, entregamos ao mundo o trabalho dessas/es “dramaturgues”, na esperança de que elas/eles/elus continuem escrevendo e que suas obras e narrativas, num futuro breve, virem carne e ocupem os teatros e ruas deste país.

**Henrique Fontes**

*Mentor e Coordenador da Escola de Criação*

A Escola de Criação, iniciativa da Casa da Ribeira, proporcionou a realização de um Laboratório Dramatúrgico, por meio do qual pudemos compreender outras narrativas a serem contadas. A “Ancestralidade como Potência”, assim como a dramaturgia clássica documental, foi um ponto fundamental para a produção de textos dramatúrgicos dos/as/es jovens participantes do projeto. Alguns fizeram uso da metodologia da Escrivivência, da escritora Conceição Evaristo, e também se basearam na autoficção.

Durante o laboratório, dialogamos com a turma sobre alguns conceitos básicos para iniciar uma escrita que tratasse de identidade, a exemplo de “O que é Lugar de Fala?”, obra da escritora e filósofa Djamilia Ribeiro. Com esse e vários outros questionamentos, realizamos em sala de aula discussões muito pertinentes e que reverberaram na escrita dos/as/es participantes.

Esse acontecimento é uma felicidade para nós, que apostamos em trabalhar com grupos sociais originários, maioria no projeto. São dramaturgias ancestrais que trazem perspectivas de luta, de amor, de corpos diversos etc.

Esse projeto foi feito por muitas mãos. Somos gratos a todas as pessoas da equipe que trabalharam no laboratório dramatúrgico: a Henrique Fontes e Ana Cláudia Viana, que de forma voluntária fizeram a elaboração do projeto I Laboratório Dramatúrgico da Casa da Ribeira, a Clotilde Tavares, mentora do Laboratório, a Jeane Ataíde, pela produção executiva; a Filipe Maia, pela produção; a Francinaldo Nascimento, intérprete de libras, ao Prof. Yuri Silva, consultor em acessibilidade cultural, a Luana Tayze e Taline Freitas, pelos registros de foto e vídeo, a Gustavo Farache, pela assessoria de imprensa, a Di Gatti, pelo gerenciamento de mídias, a Daniel Torres, pelo trabalho com designer gráfico e a Mariana Hardi, editora, que topou o convite de lançar este livro no mundo. Caminhos abertos para nós e muita escrita pela frente!

**Alessandra Augusta**

*Mentora e Coordenadora da Escola de Criação*

Esse projeto da Casa da Ribeira, sendo um projeto de formação, é indispensável na cena da cidade, tanto para o desenvolvimento de novos profissionais quanto para a formação de plateias.

Foi desenvolvido visando à universalidade do atendimento, colocando numa só turma pessoas de todas as formações e de todas as idades. A troca, nessas situações, contribui fortemente para o enriquecimento do processo. Também contamos com um intérprete de Libras, que acompanhou lindamente o trabalho.

Como pessoa de teatro e militando na cena há 40 anos, não só aposto nesse tipo de trabalho como no papel da Casa, oferecendo iniciativas como esta.

**Clotilde Tavares**

*Mentora da Escola de Criação*

# SUMÁRIO

## **A TAL DA BELEZA E EU**

*Silvana Oliveira*.....9

## **DRAMA, SUSHI E CIGARROS**

*Joni Kleyson*.....23

## **O ARTISTA E O ATIVISTA**

*Di Gatti*.....51

## **PALAVRAS SURDAS**

*Jéssica de Pádua*.....119

## **RETOMADA**

*Fábio Pereira de Oliveira (Ta'angahara)*.....143

## **SEBO, BÍU E EU**

*Tavinho Miranda*.....153

## **SESSÃO DA TARDE**

*Gláucia Maria*.....175



FOTO DE SILVANA OLIVEIRA

Silvana Oliveira, 26 anos, natural de Natal/RN, estuda Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Adora conhecer mais sobre o audiovisual e o teatro, em especial sobre dramaturgia.

# **A TAL DA BELEZA E EU**

*Cena curta escrita por Silvana Oliveira*

## **PERSONAGENS:**

**Margarida:** Aposentada, 76 anos, avó de Cecília

**Beatriz:** Advogada, 55 anos, mãe de Cecília

**Cecília:** Estudante de Ciência da Computação, 24 anos, pessoa com sobrepeso

## A TAL DA BELEZA E EU

*(A cena se passa na sala de jantar de Margarida, com poucos móveis, dentre eles uma mesa de jantar com cadeiras. As três personagens entram uma em seguida da outra – primeiro Cecília, depois Beatriz e, por fim, Margarida. Enquanto Cecília fala, Margarida vai organizando minuciosamente a mesa de jantar: muda a posição das cadeiras, traz xícaras e uma garrafa de café. Quando Beatriz tenta mudar a posição de alguma peça, Margarida dá um tapinha em sua mão ou depois retorna o objeto para a posição anterior, mostrando insatisfação para Beatriz e para os espectadores).*

**CECÍLIA (para o espectador):** Essa é uma história sobre mim, minha mãe, Beatriz, e minha avó, Margarida. Três gerações de mulheres que têm visões de mundo e são muito diferentes, apesar de dizerem que somos praticamente iguais (**Cecília demonstra que discorda dessa suposta igualdade**). A história não é extraordinária, mas tem sua beleza. Aliás, tenho questionado o significado dessa palavra ultimamente. O que seria “beleza”? (**Começa uma projeção, no fundo, da imagem da obra de arte “O nascimento de Vênus”, ficando somente a sombra das personagens**). Quem foi que projetou isso e apagou as luzes? Ah, você está querendo dizer que isso é a beleza? (**Ela bate palmas para acender as luzes**) Agora sim. Segundo o dicionário Priberam, “beleza é (**Cecília pega o celular e lê**) perfeição agradável à vista e que cativa o espírito”. Cativar o espírito me parece algo tão relativo... Você deve estar se perguntando: sobre o que essa menina está falando? Não ia ser sobre ela e a família dela? Exato. Essa história não é sobre a beleza, é como a vida dessas três mulheres, e ser mulher nessa sociedade já é um desafio, estão entrelaçadas e são influenciadas por essa tal beleza.

**BEATRIZ:** Mamãe, a senhora não muda. Pra quê fazer tanta coisa? O médico já falou pra você tomar cuidado e...

**MARGARIDA** (*cortando a filha acenando com a mão*): Eu ainda tô viva e muito bem, posso fazer as minhas coisas.

**MARGARIDA** (*para os espectadores*): Toda vez que Beatriz vem aqui é assim: quer me controlar, vê se pode. É meia hora de discurso sobre quebra de ossos. Eu faço todas as minhas tarefas domésticas como sempre fiz e muito bem, viu? Tenho mais energia que muito jovenzinho por aí. Essa coisa de achar que velho não faz nada é muito ultrapassada. (**Falando com Beatriz e pegando o celular**) Tá na hora de você se atualizar, viu? Agora sorri aí pra eu tirar um retrato e mandar pra minhas amigas (*Beatriz se mostra desconcertada, mas sorri*).

(*Aparece e depois é retirada rapidamente uma projeção de uma selfie de Margarida, como se ela tivesse batido a foto nesse momento*).

**BEATRIZ** (*rindo*): Mamãe, você acabou de mandar no grupo uma foto sua batendo a foto.

**MARGARIDA:** Jesus, tô horrorosa!

**BEATRIZ:** A gente nem vai poder ficar muito tempo... (**Sente o cheiro no ar**) Ah, não acredito. Bolo de cenoura, né? Golpe baixo.

(*Senta-se à mesa com Margarida, tomando um café. Logo após, Cecília volta, meio apressada, dividindo a atenção entre o caminho e o celular*)

**CECÍLIA:** Vocês souberam de Manuela? Estava no shopping e desmaiou do nada.

**MARGARIDA:** Manu? Também, agora não come quase nada. Mas graças a Deus perdeu aquele peso todo. Sua prima não conseguia nem andar direito de tão gorda, mas hoje está melhor. Só tá muito magrinha... Bom é ficar com uma pessoa que dê pra apertar.

**CECÍLIA (para os espectadores):** Eu e Manu somos primas. Tão próximas que somos quase irmãs. Crescemos juntas e com esses comentários superconstrutivos de preocupação, nos comparando. Engraçado como nunca é o suficiente: ou a pessoa é magra demais ou gorda demais. Quer apostar quanto que agora vou ter que escutar sobre o corpo de nós duas?

**BEATRIZ:** Você devia seguir o exemplo... Não se cuida, as taxas tão todas alteradas...

**MARGARIDA (sobre Cecília):** É o que eu digo todo dia a ela. Imagine como ia ficar ainda mais bonita se perdesse uns quilinhos.

*(Margarida se levanta e pega na cintura de Cecília, segurando sua roupa para que fique mais justa, Cecília a observa, mas não a impede, só depois arruma a roupa de novo, afastando-se. Nesse momento Beatriz e Margarida fazem o mesmo gesto sem perceber, levantando os ombros, demonstrando a semelhança das duas. Se olham e depois se viram ao perceberem que fizeram o mesmo gesto. Começa um jogo de comicidade entre as personagens ao longo da cena, que em alguns momentos se percebem iguais).*

**CECÍLIA (para os espectadores):** O que eu disse? Manu perdeu muito peso, então, foram vários elogios, mas a aparência não é sinônimo de saúde. Ela emagreceu porque tem bulimia.

Eu fiquei em choque porque parece algo tão distante. Mas sabia que, em 2023, o Brasil tinha cerca de dez milhões de pessoas com transtorno alimentar?

**MARGARIDA:** Quem disse?

**CECÍLIA:** A USP.

**MARGARIDA:** Só falei porque me preocupo com a sua saúde.

**CECÍLIA:** Crueldade vestida de verdade não a torna melhor.

**MARGARIDA:** Ai, Cecília, deixa de ser dramática.

*(Cecília pega uma xícara de café, leva até próximo à boca, mas a mãe segura o seu braço para que ela não tome o café)*

**MARGARIDA:** Essa geração gosta de problematizar *tudo (fala rindo)*. Posso nem falar que uma pessoa tá gorda.

*(Margarida se aproxima e mexe no corpo de Cecília)*

**CECÍLIA:** A questão não é essa, é...

**MARGARIDA:** Na minha época, o povo tinha apelido até de “pelo de cachorro” e era todo mundo feliz.

**CECÍLIA:** Graças a Deus os problemas só surgiram agora, né?... *(para Margarida)* E você deixou de comer aquelas porcarias? Tá fazendo a musculação que o médico recomendou? E o cigarro, já parou?

**MARGARIDA:** Eu não! Eu já vivo assim há 75 anos e tô bem demais.

**CECÍLIA:** Com as veias entupidas e sedentária.

**BEATRIZ:** Cecília!

**CECÍLIA (para o público):** Apontar o dedo para os outros é bom, mas cuidar de si... Antes que vocês tomem partido e digam “frescura, família tem que falar mesmo” ou “elas são sem noção, sempre criticando a menina”, esse é só um exemplo. Muitas outras pessoas já nos disseram a mesma coisa ou muito parecida.

*(Cecília devolve a “cutucada” de Margarida e Beatriz se aproxima de Cecília, recebendo o dedo apontado também, até que as três começam a mexer nos corpos uma das outras, como uma dança. Beatriz algumas vezes mexe nos cabelos de Cecília de forma carinhosa; depois, puxa o braço direito dela para cima, junto com o seu, manipulando-a, como se ela fosse sua boneca; em seguida, toca em sua barriga, levanta seu queixo, segura as bochechas dela para cima e depois as solta. Até que Cecília passa a tocar o corpo de Beatriz também, em resposta, tornando movimentos alternados entre as duas. Após esse momento de tensão, as três vão diminuindo as ações, como se estivessem cansadas, param por um tempo e ficam se olhando).*

**BEATRIZ:** Ah, deixa ela, mamãe. Não quero brigas. Seu rosto é lindo, filha.

**CECÍLIA:** Já sei... *(imitando a mãe)* “Seu rosto é lindo, sorte a sua! O meu só ficou quando eu fiz meu nariz”.

**BEATRIZ:** Eu não sou assim.

**CECÍLIA e MARGARIDA:** É sim.

**MARGARIDA:** Sua mãe ficava igual a uma pimenta quando seu tio chegava na escola gritando na frente dos paqueras dela: “Cadê minha pinóquio?”. Bons tempos!

**BEATRIZ:** Eu era tão jovem.

**MARGARIDA (para Cecília):** Aproveite agora enquanto você é jovem, que, com o tempo, tudo despenca. Não tem academia ou creme que dê jeito.

*(Mexe em sua pele, sorri, puxando as bochechas para cima, e depois as solta. Enquanto isso, Beatriz se mostra afetada com as falas sobre o tempo. Busca um espelho na bolsa, se olha, toca em algumas rugas do rosto e, depois, passa um batom, sorri e desfaz o sorriso).*

**CECÍLIA:** Por favor, pare com esse papo, vó! Mamãe já está encucada demais com a idade. Outro dia, abri o armário do banheiro e quase caiu uma avalanche de potes de vitamina C, cremes antissinais e colágeno.

**BEATRIZ:** Eu preciso me cuidar!

**CECÍLIA (continua falando com Margarida):** Teve um dia que eu entrei no quarto e ela tava assistindo a um vídeo (*Cecília imita a cena descrita, com um tom sensacionalista*). “Você, que já tem uma certa idade (*fazia sinal de silêncio com o dedo indicador*), massageie seu rosto trinta minutos por dia para não ter nenhuma ruga. Todos vão ficar impressionados com a sua beleza!”.

**BEATRIZ:** Tá dando certo, não?

**CECÍLIA:** Por favor, mãe, você acredita em tudo da internet.

**MARGARIDA:** Depois, diz que tá sem tempo e dinheiro para nada.

**CECÍLIA (para os espectadores):** Mas eu não acho minha mãe fútil. Eu sei a pressão que sofremos. Toda vez que abro minha ferramenta de busca, na internet, têm várias matérias: “alimentos que emagrecem”; “exercícios para secar a barriga”; “colágeno natural antirrugas”; entre tantas outras. Cosméticos, procedimentos estéticos e cirúrgicos, hoje, são tão comuns que existe a chamada “indústria da beleza”, mas é quase impossível ficar fora dela. Outro dia, lendo a Forbes, vi uma pesquisa da Euromonitor internacional dizendo que, em 2020, o Brasil já foi o quarto maior mercado de produtos relacionados à beleza e cuidados pessoais, você sabia? Por que tem tanta gente insatisfeita com seu próprio corpo?

**BEATRIZ:** Quando você chegar na minha idade, vai entender! Seu pai, outro dia, soltou, em uma conversa, que agora minha beleza é diferente. **(Para os espectadores)** Me diga, o que diabos é isso? Eu sei que não sou mais a mesma, mas ele não precisa ficar lembrando isso. **(Para as outras personagens)** Daqui a pouco ele sai correndo atrás de outra.

**MARGARIDA:** Me poupe, Luiz Cláudio é louco por você há 25 anos. E gosta de você por quem você é. Eu já disse a você: “se não envelhecer, é porque morreu”. É a vida, Beatriz.

**(Cecília mexe na pele do rosto de Beatriz e lhe entrega um espelho, segurando-o junto com ela na altura de seu rosto)**

**CECÍLIA:** Isso aqui é sinal de uma linda história.

**MARGARIDA:** Você tem sorte por ter Luiz Cláudio. Ele te ama e ainda ajuda com as coisas de casa – mesmo já trabalhando tanto, coitado.

**BEATRIZ (ri afetadamente):** Ha! Coitada de mim! Ele ajuda, mas se fizesse metade das coisas que eu faço seria bom.

**MARGARIDA:** Ele é um anjo! Lembro quando vocês se conheceram, era engraçado demais.

**CECÍLIA:** Por quê?

**MARGARIDA:** Seu pai com aquela calma toda: **(começa a imitá-lo)** “Oi, dona Margarida, vim pegar Beatriz pra sair; ela ainda não tá pronta? Vou ficar lendo aqui, tudo bem? Vai que ela demora”. Sua mãe descia duas horas depois, toda emperiquitada. Era sempre estudando, por isso passou logo no concurso.

**BEATRIZ:** É, mas se eu sáísse como ele sai, todo mundo ia dizer “Valha, meu Deus... Essa mulher... ela não tem espelho?”. Você ia ser a primeira.

**MARGARIDA:** Eu não!

**BEATRIZ e CECÍLIA:** Ia sim!

Margarida finge um afetamento, mas depois concorda rindo e vai ajeitar a roupa de Cecília.

**BEATRIZ (para os espectadores):** O que mamãe não entende é que a expectativa da sociedade sobre mim – sobre a mulher – é muito maior que a sobre ele, sobre os homens.

**(Inicia-se um momento de interação maior com os espectadores, esperando as respostas)** Primeiro as mulheres. Levanta a mão quem se sente confortável em não se depilar? E em não fazer a sobrancelha? E sair sem nenhuma maquiagem? E quem está satisfeita com seu corpo? Agora, homens, chegou o momento de vocês, arrasem! Levanta a mão quem se sente confortável em não se depilar? E em não fazer a sobrancelha? E sair sem nenhuma maquiagem? Quem está satisfeito com seu corpo? Enquanto nos mantemos ocupadas com tantas coisas, ainda temos que ser destaque no âmbito profissional. E, mesmo envelhecendo, não podemos envelhecer.

Beatriz se senta sem a postura ereta habitual e respira fundo. Ela se observa através de um espelho, começando a massagear seu rosto, passando os dedos lentamente pelas rugas, buço, segurando a pele de seu braço e da pálpebra. Depois, passa a se maquiar, ação que traz aos poucos confiança a ela.

**BEATRIZ:** Ah, o tempo, tempo, tempo. **(O celular de Beatriz toca e ela olha)** Sua tia mandou mensagem. Manu está no hospital. Parece que ela fez um procedimento que infeccionou. Estão fazendo exames para investigar.

**CECÍLIA:** O quê?! Mas...

**BEATRIZ:** O que Manu estava pensando?

**CECÍLIA (atordoada):** Era só uma lipo.

**BEATRIZ:** Você sabia disso?

**CECÍLIA:** A mulher disse que em uma semana ela estaria bem. A gente viu nas redes sociais as fotos dos resultados de outras pessoas. A clínica era boa. Eu...

**BEATRIZ:** Na internet, Cecília?!

**CECÍLIA:** Ela só queria se sentir bem. Aquela gordurinha incomodava ela desde... desde... sempre? **(para os espectadores):** Você pode estar pensando que se a pessoa quer fazer cirurgia, procedimento estético, dieta, o que seja, qual o problema? Agora todos vão se descuidar e sair por aí de qualquer jeito? Mas te pergunto: é fruto do acaso o Brasil já ter ficado em segundo lugar no ranking de países que mais fazem procedimentos estéticos e o primeiro nos procedimentos cirúrgicos em 2023? Por que foram em mulheres mais de oitenta por cento das cirurgias plásticas do mundo em 2021? Não sou eu que estou dizendo, foi a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética, a ISAPS. É motivação pessoal ou pressão pelo padrão?

**MARGARIDA:** Vamos para o hospital agora.

**CECÍLIA:** Já vou.

**(Margarida e Beatriz saem da cena e inicia-se uma projeção no fundo do palco, permanecendo só a sombra de Cecília, com uma imagem dela localizada no lado direito, para onde Cecília olha, se compara e depois corre em sua direção, tentando alcançar a imagem. Essa imagem de Cecília é modificada por Inteligência Artificial, com os lábios aumentados e nariz mais fino. Porém, quando ela chega próximo a ela, a imagem é trocada por outra, localizada no lado esquerdo do palco, com um corpo bem**

**diferente, magro, para onde Cecília olha, se compara e depois corre em sua direção. Mais uma vez, troca-se a imagem. Uma pessoa com cabelos muito diferentes de Cecília, escovados e com ondas. Então, ela mexe em seus cabelos, passando os dedos por eles, tentando alisá-los, mas depois enrolando-os nos dedos e amassando, para tentar cacheá-los. Até que troca a imagem de novo, e, quando ela começa a se deslocar em sua direção, ela para abruptamente, começando a se deslocar para longe da imagem modificada por inteligência artificial, que representa a sua versão depois de procedimentos estéticos. Quando ela escolhe esse caminho contrário, a projeção começa a piscar, como se o projetor estivesse quebrado.**

**CECÍLIA:** Quem foi que projetou isso e apagou as luzes? Não vou cair mais nessa! **(Ela bate palmas para acender as luzes)** Antes de ter consciência de quem eu era, já corria atrás dessa tal Beleza... Manu pode perder a vida por causa disso. Manu, Bianca, Roberta, Marina, Maria, Duda...

**(Enquanto fala, Cecília vai tirando suas roupas e fica só com um top e um shortinho. Ao tirá-las, percebem-se linhas desenhadas em sua pele – semelhantes às feitas antes de uma cirurgia plástica –, as quais ela vai apagando, e também tirando sua maquiagem)**

**CECÍLIA:** Eu ia ser a próxima. Minha história por muito tempo girou em torno do meu corpo, porque ele podia ser sempre pauta à mesa? “Você devia emagrecer!”, “Ela tá um *monstro* de gorda”, “Você vai acabar sozinha se não se cuidar”. “Que maquiagem forte, você não precisa disso, é linda de rosto”. Perca cinco quilos em uma semana fazendo essa dieta da água, da luz, do vento, da *fome*. Na minha cabeça, a felicidade vinha

quando chegasse ao padrão – quando, na realidade, ele não existe. Perfeição não existe!

***(Cecília pega o celular novamente e tira uma selfie. Analisa a foto e mostra satisfação, sorrindo)***

**CECÍLIA:** Tu é linda demais!



FOTO DE JONI KLEYSON

Joni, 22 anos, residente em Natal/RN, é diretor e dramaturgo. Atualmente, é diretor geral do grupo Cães de Teatro, tendo escrito e dirigido as últimas obras do grupo. Também já escreveu para grupos de SP e trabalhou na elaboração de curtas-metragens.

# DRAMA, SUSHI E CIGARROS

## PRÓLOGO

*Na penumbra, ouvimos:*

**MULHER:** Eu já tive algum pensamento original? Alguma vez na vida?

**HOMEM:** Não dá pra fazer essa história ser um romance, é clichê.

**MULHER:** O que não fazer?

**HOMEM:** Eu sou clichê.

**Várias televisões de tubo ligam, sem som. Vemos os seguintes vídeos projetados na televisão: propagandas de remédios para pele; o big bang; trechos de espetáculos teatrais de sucesso; propagandas de cigarro; partos; vulcão em erupção; uma terra inóspita: "Natal, 4 mil anos atrás". Essas projeções acompanham os diálogos.**

**MULHER:** Eu deveria ir ao médico pra ver essa ferida nas minhas costas.

**HOMEM:** Amanhã, eu volto pra academia e começo a comer melhor.

**MULHER:** Uma amiga da minha mãe morreu do dia pra noite por causa dessas feridas que aparecem do nada na pele.

**HOMEM:** Não, eu não tenho dinheiro pra isso.

**MULHER:** No segundo ato, é onde o conflito precisa acontecer.

**HOMEM:** O método consiste em você ser o personagem.

**MULHER:** Meu cabelo tá caindo.

**HOMEM:** Eu não deveria ter vindo aqui hoje.

**MULHER:** Meu ralo entupiu com meu cabelo e alagou o banheiro inteiro.

**HOMEM:** Eu preciso me apaixonar.

**MULHER:** Minha gastrite me faz ter mau hálito. Mas é a ferida na pele que me incomoda.

**HOMEM:** Mas o que acontece antes do conflito?

**MULHER:** Quem são os personagens dessa história?

**HOMEM:** Clímax e desfecho.

***A televisão desliga. Breu.***

**MULHER:** Criamos histórias pra nos encontrar ou para nos perder. Mas se nós mesmos já somos um reflexo do que acontece nessa história, então, somos o reflexo do reflexo.

**HOMEM:** Uma reflexão.

## **CENA 1**

***O palco é iluminado, revelando o ambiente. À direita, uma mesa repleta de garrafas de vinho, uma máquina de datilografia, pratos, livros, taças e instrumentos variados. Várias televisões de tubo espalhadas pelo chão, às vezes umas em cima das outras. O Homem e a Mulher estão ambos com roupas de dormir, já é tarde da noite.***

**MULHER: (para o público)** Em meados dos anos 60, várias mulheres foram afetadas por um medicamento, chamado “Talidomida”. Esse remédio, se tomado durante a gravidez, poderia causar uma rara deformidade no feto ainda em desenvolvimento.

**HOMEM: (para o público)** Em meados dos anos 60, logo depois do final da segunda guerra mundial, quando Natal tinha se tornado um curral de gringos, a cidade do sol se encontrava então entediada.

**MULHER:** O remédio prometia tratar lúpus, mas passou a ser indicado a mulheres grávidas pra aliviar os enjoos da gravidez. Prometia. Por que, na verdade, tudo isso não passava de um boca-boca mentiroso.

**HOMEM:** Nessa mesma época, um bendito jornalista chamado Sanderson Negreiros, que precisava contar uma história pra um jornal da época, decidiu inventar que existia um vampiro assolando as ruas de Natal, mais precisamente no bairro de Mãe Luiza. Um boca-boca mentiroso.

**MULHER:** A talidomida foi proibida em tudo que é canto do mundo, menos no Brasil. Só depois do povo se unir, principalmente as mulheres, que o remédio foi banido. Mas o estrago já tava feito.

**HOMEM:** As pessoas começaram a acreditar na história de que existia um vampiro residindo aqui em Natal. Rapidamente, as praças começaram a ficar vazias e teve até gente presa nessa história. O jornalista até veio a público reconhecer a mentira. Mas o estrago já tava feito.

**MULHER:** Esse caso ficou conhecido como “A tragédia da talidomida”.

**HOMEM:** Esse caso ficou conhecido como “O vampiro de Areia Preta”.

**MULHER:** A talidomida possui o que chamamos de “estrutura quirial”.

**HOMEM:** Uma quiralidade.

**MULHER:** A quiralidade é basicamente quando duas coisas são idênticas, mas opostas.

**HOMEM:** É como as nossas mãos esquerda e direita, que são idênticas, mas opostas.

**MULHER:** É como querer contar a mesma história.

**HOMEM:** Só que de maneiras opostas.

***O Homem sobe na mesa.***

**HOMEM: ( *lendo* )** “Natal, dia 15 de novembro de 1967. ELE ATACA NOVAMENTE! Um homem foi preso na rua 2 de Novembro. Ele usava uma capa e dizia ser o vampiro que vinha assolando a população do bairro de Mãe Luiza. O suspeito prestou depoimento e foi solto em seguida”. ( ***para Mulher*** ) É um bom começo.

**MULHER:** E eu faço o quê com isso?

**HOMEM:** A gente pode pegar essa notícia, que não tem dono, e incrementar um pouquinho, dizendo que foi o meu avô.

**MULHER:** Não começa. Ninguém sabia quem era esse tal vampiro.

***A Mulher vai até a mesa, pega uma taça e a enche com vinho.***

**HOMEM:** E se ele tivesse sido? Pelo menos uma das várias pessoas que fingiram ser ele.

**MULHER:** Você tem algum documento que prova isso?

**HOMEM:** Tem o jornal. Ninguém sabe quem foi preso mesmo.

***O Homem vai até a mesa, pega uma taça para si.***

**MULHER** – Então, não é verdade, e, se não é verdade, não tem pra que colocar isso na dramaturgia.

**HOMEM:** Toda ficção tem um pouco de verdade. Na real, a ficção contém mais verdade que muito fato.

**MULHER:** Não quando você quer fazer uma história do seu avô e encher ela com mentira.

**HOMEM:** Quando VOCÊ quer contar essa história, até onde eu sei num foi pra isso que você me chamou?

**MULHER:** Eu preciso de inspiração.

**HOMEM:** Bloqueio criativo?

**MULHER:** Eu não tenho essas coisas. Me pareceu uma boa ideia falar sobre ele. Mas sem as mentiras.

**HOMEM:** Mas ele encheu a vida dele com mentiras. Eu já te contei da história do empréstimo?

***As falas do Homem e da Mulher se atropelam.***

**MULHER:** Essa história não me interessa-

**HOMEM:** O câncer de pele é um tumor maligno que se desenvolve quando as células da pele se multiplicam de forma descontrolada.

**MULHER:** Tudo bem que ele era essa pessoa, mas eu sinto que tem mais aí dentro. Além disso-

**HOMEM:** Só que estudos apontam que pescadores expostos aos raios solares-

**MULHER:** E é por isso que eu chamei você, eu preciso de um personagem cativante pra meu próximo romance-

**HOMEM:** Daí você quer usar o meu avô como personagem no seu roteiro-

**MULHER:** Dramaturgia.

**HOMEM:** Tanto faz.

***Ambos começam a comer sushi enquanto bebem o vinho na mesa.***

**MULHER:** Alguma ideia de onde começar? Essa é a hora.

**HOMEM:** Uma coisa que eu tava pensando era que, desde criança, eu ouvia essas histórias malucas do meu avô, sabe? Desde peixes que eram maiores que ele, histórias de grandeza e afins. Uma vez ele encontrou um corpo boiando no rio-

**MULHER:** Tu num tem alergia a camarão?

**HOMEM:** Camarão, crustáceo, qualquer bicho do mar.

**MULHER:** Neto de pescador que não pode comer peixe?

**HOMEM:** Sabe qual a parte mais curiosa disso tudo? Ninguém nunca pescou com o meu avô.

**MULHER:** Peraí, sushi pode?

**HOMEM:** Como assim?

**MULHER:** Sushi é peixe. Quer um antialérgico?

**HOMEM:** Eu não tenho alergia a sushi. Voltando. O meu avô nunca pescou com ninguém. Imagina se até o fato dele ser um pescador fosse uma mentira dele. “A maior mentira”. É um bom título, anota aí.

***A mulher acende um cigarro. Suspensão.***

**HOMEM:** Por que você tá fumando?

**MULHER:** Ora por quê... Porque eu quero!

**HOMEM:** Beleza, mas você fuma na minha frente sabendo que eu não gosto.

**MULHER:** Qual o problema?

**HOMEM:** Sempre parece que tô num interrogatório quando você tá fumando. Como se eu fosse um ladrão e você uma policial de filme B.

**MULHER:** Eu fico bonita fumando, só isso.

**HOMEM:** Mas é brega.

***A luz se transforma, desenhando apenas silhuetas que se movimentam e conversam em meio à penumbra. Eles lentamente vão subindo na mesa enquanto falam.***

**HOMEM:** Talvez, no contexto certo, você fique bonita, mas quase sempre é brega. Fica esse cheiro ruim impregnado no dedo, na gola da camisa. E a pior coisa é sentir a tua língua áspera enquanto você lambe o meu rosto. E ainda tem esse ar..

**MULHER:** Que ar?

**HOMEM:** O ar que você vai me fazer uma pergunta que eu espero, mas não sei a resposta. Como se alguma coisa minha tivesse prestes a ser descoberta.

**MULHER:** Que coisa?

**HOMEM:** Aí que tá, eu não sei. Só que eu tenho medo de você saber-

**MULHER:** E você não ter tempo de inventar uma mentira pra me enganar?

***A luz volta ao normal. Eles sentam nas cadeiras. O jantar retorna.***

**HOMEM:** Cadê o teu gato?

**MULHER:** Fugiu.

**HOMEM:** Com outra gata?

**MULHER:** Com outro gato. ***(reflete)*** Existe gato gay?

**HOMEM:** Gato eu num sei, mas peixe tem.

**MULHER:** Peixe?

**HOMEM:** Se você falar com muita convicção, as pessoas vão acreditar que tem. Sabia que uma vez meu avô ganhou na loteria?

***A mulher cospe o sushi e corre até a lateral do palco com um gravador de voz.***

**MULHER: (epifania)** Nota mental. Começar a história mostrando esses dois personagens: o avô e a avó. Um romance que se deteriora por causa das mentiras de um homem de mil vidas e uma mulher que deseja ser amada-

**HOMEM:** Dá pra eu dormir no sofá hoje? Tá meio tarde pra voltar pra casa.

**MULHER:** Com o caminhar da trama, vemos o clima ficar cada vez mais pesado entre esses dois personagens. A mulher com coração apertado-

**HOMEM:** Num tem um filme exatamente assim, não?

**MULHER:** Não, claro que não. Daí a avó, ela... Ela... **(tenta fisgar algo)** um belo dia chega em casa e quebra tudo. Não, é clichê. Ele, na verdade, traiu e, não...

***A mulher se frustra. Desliga o gravador.***

## CENA 2

***As televisões ligam e projetam o seguinte vídeo: um senhor, entre seus 60 anos, está sentado em uma cadeira. Ao fundo, está o mangue. Ele narra, brevemente, como funciona sua rotina de trabalho como pescador. Quando lhe perguntado se ele se sentia sozinho no mar, ele responde:***

**SENHOR:** Sozinho? Nada disso... Eu sentia era vontade de chorar com tanta paz.

***A televisão desliga.***

## CENA 3

***A mulher anda pra lá e pra cá no palco. Ela está no meio de uma explicação.***

**MULHER:** Logo depois, vem a etapa dois, que é o chamado pra aventura. Quando existe um conflito que tira o personagem da zona de conforto e engata a história.

**HOMEM:** Em que passo a gente tá agora?

**MULHER:** Algo entre a etapa dois e três.

**HOMEM:** Certo, a jornada do herói.

**MULHER:** Exato, é um bom guia pra quem tá perdido.

**HOMEM:** Você usa isso em todos os seus romances?

**MULHER:** Em alguns, por quê?

**HOMEM:** Dá pra notar o padrão.

**MULHER:** As pessoas gostam desse padrão.

**HOMEM:** E deve vender bem.

**MULHER:** (*para si*) É... mas esse padrão não serve pra essa história que eu quero contar.

**HOMEM:** Um pouco prepotente da sua parte, não acha?

**MULHER:** Ah, quer saber? Isso tudo foi uma péssima ideia.

**HOMEM:** Etapa três, recusa do chamado.

**MULHER:** Você quer contar de um jeito e eu de outro.

**HOMEM:** E você sugere o quê?

**MULHER:** Sei lá, eu vou escrever sobre qualquer coisa. Talvez eu faça uma tragédia ou um romance. Quem sabe uma autobiografia?

**HOMEM:** Ah, claro. Por que todo mundo vai fazer fila pra ouvir a história da mulher que morou com os pais até os 27 anos. Que a coisa mais radical que ela fez na vida foi pegar o ônibus errado pra faculdade. Uma pessoa que escreve numa máquina de datilografia pra se sentir superior, sério, por que você não usa um notebook-

**MULHER:** NINGUÉM SE IMPORTA COM ESSE VELHO!

**HOMEM:** VOCÊ JÁ OUVIU A HISTÓRIA DO EMPRÉSTIMO?

**MULHER:** ESQUECE ISSO!

*Eles se acalmam.*

**HOMEM:** Na minha opinião, o melhor jeito de começar esse roteiro-

**MULHER:** DRA-MA-TUR-GI-A. O seu trabalho é com roteiro, com cinema, o meu é com dramaturgia.

**HOMEM:** Deixa de drama.

**MULHER:** Impossível, esse é o meu trabalho.

*O Homem encara a Mulher, confuso.*

**MULHER:** Argh, que inferno! (*formando um pensamento*) Olha, muito antes de a gente nascer, com uns vinte e poucos dias de gestação, o nosso coração bate, pulsando, certo? Eis o drama: a ação. Essa que vem antes da consciência. A palavra “drama” vem do grego, que significa “ação”. Tá acompanhando? Dramaturgia, então, é a escrita da ação. De uma cadeia de ações. (*tendo uma ideia*) E, no caso dessa peça, as ações são como dois espelhos sobrepostos, um reflete eternamente o outro, então, essa ação tem que vir antes que a primeira imagem se forme. Tá, *vamo* seguindo nesse fluxo. Mais vinho.

*O homem dá uma taça cheia na mão dela.*

**MULHER:** Cigarro.

*Seu pedido é ignorado. Um gole no vinho.*

**MULHER:** Certo, então, primeiro a gente se move, depois pensa. Pensamentos que surpreendem, pensamentos que surgem. Que surgem na virada de uma esquina, no banho gelado, na garupa de uma moto, na vida de um velho. Entre o dito e o não dito. Dois espelhos sobrepostos. Uma imagem que se forma diante da outra. Sempre uma ação, depois uma reflexão. Ato contínuo. Infinito. Drama é ação.

**HOMEM:** Drama é ação, já entendi.

**MULHER:** A gente precisa começar de algum lugar. De alguma ação que seja marcante, que instigue a reflexão, um conflito. Cigarro?

*Seu pedido é novamente ignorado. Outro gole no vinho.*

**MULHER:** A história do empréstimo!

*O homem vai até a lateral do palco, empolgado.*

**HOMEM:** Você sabe, o câncer de pele é um tumor maligno que se desenvolve quando as células da pele se multiplicam de forma descontrolada. Só que estudos apontam que pescadores são expostos aos raios solares durante anos e, por isso, podem ter mais marcadores imunológicos que outras pessoas, o que os protege do câncer de pele. *(pausa)* Sabe quem teve câncer de pele depois de velho? Vinho!

*A Mulher passa sua taça para o Homem.*

**HOMEM:** Certo, próximo passo: fazer um tratamento particular, escolha da minha família, para agilizar os cuidados. Então, vamos fazer um belo empréstimo para arcar com os custos e,

opa, o empréstimo negado. Por quê? Meu avô já tinha feito três empréstimos durante a vida dele. Agora pergunta pra minha vó se ela sabia desses empréstimos.

***A mulher está na mesa, escrevendo na máquina de datilografia.***

**MULHER:** Então, a gente começa daí. É um bom ponto de partida e já é um conflito.

**HOMEM:** A gente começa com ele indo pedir o empréstimo-

**MULHER:** Antes. A gente começa com ele reconhecendo a doença e vendo a necessidade de pedir um empréstimo.

**HOMEM:** Depois, vem o conflito, a negação do empréstimo.

**MULHER:** Não. O conflito é a traição. O empréstimo é só gatilho.

**HOMEM:** Traição?

***Ela pega o gravador de voz***

**MULHER:** Nota mental. Frustrada, a avó descobre mais uma das mentiras do homem de mil vidas. Se o empréstimo lhe foi negado porque ele já tinha recebido três vezes, quem recebeu esse dinheiro?

**HOMEM:** Não, não. Esquece isso.

**MULHER:** Esquecer? Tá maluco? Logo agora que eu finalmente achei o começo da história? Se eu não escrever isso, eu vou escrever sobre o quê?

**HOMEM:** A história da loteria?

**MULHER:** Que se foda a loteria!

***Ele pega o gravador de voz da mão dela.***

**HOMEM:** Nota mental. Uma vez o meu avô ganhou nessas loterias de cidade-

**MULHER:** Qual o seu problema em falar disso?

**HOMEM:** Só que sem avisar ninguém, ele pegou todo esse dinheiro que ele ganhou e torrou em um boteco do outro lado da cidade.

**MULHER:** Será que ele falava que amava ela?

**HOMEM:** E não acaba aí não, viu-

**MULHER:** Dessa vez, você pode mentir, eu deixo.

***A luz muda, novamente desenhando apenas silhuetas na penumbra. Suspensão.***

**MULHER:** Você falaria que não vive sem mim?

**HOMEM:** Você fumaria na frente do bebê?

**MULHER:** A gente não tem um-

**HOMEM:** Fumaria?

**MULHER:** Escondido, na frente dele não. Não ia querer ser uma má influência pra ele. Se ele tivesse nascido.

**HOMEM:** Meu pai me contava uma história quando eu era criança, que me dava um nó na garganta.

**MULHER:** Eu sei, você já me contou. Também deu um nó na minha.

**HOMEM:** Uma pena que não chegou a nascer.

**MULHER:** Chegou sim, só não durou.

**HOMEM:** Só não durou.

**MULHER:** Será que ele falava que amava ela?

***Luz volta ao normal, HOMEM e MULHER se encaram. Um longo silêncio se instaura.***

**HOMEM:** Sem a história do empréstimo.

**MULHER:** E me sobra o quê?

**HOMEM:** Nada. **(SAI DE CENA)**

#### **CENA 4**

***Um foco de luz ilumina o proscênio. A MULHER caminha até lá.***

**MULHER:** Uma vez, eu descii até o rio pra esperar ele. Eu levei umas roupas pra lavar e passar o tempo. Eu me lembro como se fosse ontem. De encontrar ali, já na beira do rio. Fiquei sem saber se era de verdade o que meus olhos via. Uma moça bonita, praticamente uma Virgem Maria! E numa tranquilidade que só

você vendo, parecia em paz, sei lá. Eu vi só a pontinha do pé boiando de longe e danei-me na carreira, me esparramei dentro d'água pra cima da moça, agarrei no vestido, tão pesado, meu Deus, e puxei, puxei. A moça veio foi dura, gelada. Um vestido tão bonito. Veludo, acredita? Quem molha veludo, meu Deus? De rosto era tão linda, mas era só rosto, os peixe tinha feito a festa, pouparam o veludo, mas acabaram com as orelhas, com os dedos, rasgaram o peito e só o rosto ficou. Ai, meu Deus, só você vendo, era tanta paz naquele rosto que dava medo, como se... como se a morte fosse uma coisa boa. Como se morrer fosse o fim de tudo quanto é aperreio. Eu só ouvia o rio batendo nas pedras. O sol estralando nas costas. E eu olhando o rostinho dela, um rosto tão desconhecido, mas ao mesmo tempo tão familiar. Como quando você perde alguém muito importante e acaba encontrando essa pessoa numa parada de ônibus, numa fila de banco, e, por uma fração de segundo, você pensa “será que é ela?”. Você reza pra que seja a pessoa que você perdeu e que tudo não passasse de um pesadelo.

***A luz se apaga.***

## **CENA 5**

***A televisão liga e na tela aparece o Homem, sentado em uma cadeira no camarim, enquanto várias mãos o maquiam. Ele olha para a câmera.***

**HOMEM:** Tem dia que a gente olha pra cima e sabe quando vai ser um dia bom. Sabendo disso, eu descí até o pé do rio na madrugada. Só o lampião, a lua e eu. O rio é bom que faz você refletir as burradas da vida. Não que eu tenha muitas, umas aqui e ali. No rio eu era só mais um. Em terra eu tinha muitos

títulos, era pai, filho, vampiro. Essa história é boa, depois eu conto. Era um marido, quer dizer, sou um marido. Quer dizer, às vezes até esqueço que sou. Às vezes até esqueço quem sou.

***A câmera vira, vemos uma pintura enorme com as fases da lua. O homem entra no enquadramento.***

**HOMEM:** O povo fala muita coisa, mas tudo é lua. A lua faz alguma coisa com as marés, daí a gente aprende a ler ela só com o olho. Lua nova e crescente não presta, fuja. O ouro tá na lua cheia, isso sim. Aí é onde tem fartura. Foi numa dessas lua cheia que me aconteceu algo estranho.

***A câmera aproxima-se lentamente do rosto do Homem, enquanto uma luz intensa de ribalta ilumina seu rosto, criando uma atmosfera de terror.***

**HOMEM:** Eu me lembro de ver uma coisa sendo levado pelo rio. Corpo boiando a gente se acostuma a ver. É tão normal quanto alguém fingindo de morto boiando. Remei, remei e não alcancei. Parecia uma miragem, quanto mais perto eu ia, mais longe eu ficava, e mais curioso pra saber o que danado era aquilo. Chegou uma hora que eu não sabia mais onde eu tava e ao redor de mim só tinha rosa. O rio todo era flor.

***O Homem caminha para fora do camarim.***

## **CENA 6**

***A câmera acompanha o retorno do homem ao palco. A televisão desliga. A Mulher está sentada em frente à máquina de datilografia.***

**MULHER:** Tava onde?

**HOMEM:** Falando sobre as fases da lua.

**MULHER:** Claro que tava.

**HOMEM:** Tá fazendo o que?

**MULHER:** *(lendo)* “Primeiro ato. Cena um”.

*Silêncio.*

**HOMEM:** Tá. Cadê o resto?

**MULHER:** Vai pro caralho, vai.

**HOMEM:** Liga a televisão, vai que te inspira.

**MULHER:** Essa televisão só serve pra distrair.

*Ele entrega um roteiro pra ela, que lê por alto.*

**MULHER:** *(lendo)* “A maior mentira”. *(para o Homem)* Que porra é essa?

**HOMEM:** Um roteiro. Vou fazer um filme com a história do meu avô, isso daí que você tá fazendo tá demorando demais.

**MULHER:** Grandes merdas.

**HOMEM:** Você tá implicando porque é um filme-

**MULHER:** É desrespeitoso. *(abre o roteiro e lê)* “Em um plano

detalhe, vemos um jornal sobre a mesa, com a manchete: “O VAMPIRO MATOU CERCA DE TRINTA PESSOAS”. Sério isso? Você realmente vai definir ele assim?

**HOMEM:** Ótimo, *vamo* ler a cena que você escreveu? Ah, não tem nada ainda-

**MULHER:** Eu não consegui fazer nada por purismo seu.

**HOMEM:** Claro que foi culpa minha. Por que não seria, né?

**MULHER:** E agora esse coitadismo barato.

**HOMEM:** Eu tô tentando te ajudar-

**MULHER:** Pelo amor de Deus! Você finge se importar com o que eu crio, mas é o primeiro a querer fazer com que as coisas tenham a sua cara. Essa falsa compreensão.

**HOMEM:** Eu nunca fiz isso.

**MULHER:** Ah, coitadinho. As minhas ideias só são ótima se agradarem a você-

**HOMEM:** Eu posso fazer o quê se você não consegue-

**MULHER:** Eu não consigo o quê?

**HOMEM:** Começar algo.

**MULHER:** Não me venha querer falar de começar alguma coisa.

**HOMEM:** Eu tô falando da história dele-

**MULHER:** Ele nunca gostou de mim, que se foda.

**HOMEM:** Que se foda você!

***O homem caminha até a saída.***

**MULHER:** Você tava aonde?

***O Homem para.***

**HOMEM:** Falando sobre as fases da lua, eu disse.

**MULHER:** Não, não. Essa historinha de novo não. Aonde?

**HOMEM:** Faz diferença?

**MULHER:** Aonde?

**HOMEM:** Com uns amigos beben-

**MULHER:** Bingo!

**HOMEM:** Um homem como eu, que passa dia e noite levando sol na cabeça, se arriscando, num pode ter um luxo de vez em quando?

**MULHER:** De vez em quando? De vez em quando? Faz meses que ninguém te vê no trabalho. O teu neto veio aqui esses dias atrás de você, e onde você tava?

**HOMEM:** E ele queria o quê?

**MULHER:** Sei lá, gravar uns depoimentos. Aí eu disse que você tava ocupado demais se afogando na cachaça.

**HOMEM:** Eu sustento essa merda de casa-

**MULHER:** Você é um alcoólatra, um irresponsável e músico frustrado que o único trabalho que sabe fazer eu desprezo. Você fode mal e é um péssimo pai. E sou eu quem sustento essa casa.

**HOMEM:** Eu fodo mal?

*A luz muda, penumbra.*

**MULHER:** Será que ele falava o nome dela enquanto eles transavam?

**HOMEM:** Falar pode até ter falado, mas eu não acho que era sincero.

**MULHER:** O gemido devia ser sincero.

**HOMEM:** Nem todo gemido é sincero. Palavrão sim, esse é sincero.

**MULHER:** Então, todo palavrão na transa é sincero.

**HOMEM:** É igual a chorar. Na transa, todo choro é sincero.

**MULHER:** Em velório, também.

**HOMEM:** Não. No velório, nem todo choro é sincero. Mas, na transa, sim.

**MULHER:** Quando você chorou no velório dele, era sincero?

**HOMEM:** Era. Quando você me xingou na cama, era sincero?

**MULHER:** Não. Quando você gemeu pra ela, era sincero?

***Voltamos à normalidade.***

**MULHER:** Eu preciso de um conflito.

**HOMEM:** A gente tem um.

## **CENA 7**

**HOMEM: (sem empolgação)** No dia 20 de outubro de 1968, uma matéria foi publicada no jornal chamado “Diário de Natal”, no qual uma senhora narra que, durante dias, um vampiro bateu na sua porta.

***(A mulher caminha em direção à mesa de jantar, seca a garrafa de vinho em um grande gole, e, enquanto o homem fala, ela começa a quebrar a louça).***

**HOMEM:** Primeiramente, ela ignorou as batidas, achou que fosse uma criança perturbando ela. Dias se passaram e as batidas eram mais fortes, o que começou a preocupar ela.

***A mulher continua quebrando coisas.***

**HOMEM:** Até que um dia ela decidiu abrir a porta. E, quer saber?

***O homem vai até a mesa e ajuda a mulher a quebrar o restante***

***dos pratos. A Mulher sobe na mesa.***

**MULHER:** Até que um dia ela decide abrir a porta. E, ali parado na frente dela, está um homem que ela prometeu pra ela mesma que não iria ver novamente, um monstro do passado

***O homem sobe na mesa.***

**HOMEM:** Parado na frente dela estava um vampiro, que, com sede de sangue, pula em seu pescoço e ataca!

**MULHER:** Com sede se sangue, ela usa o homem como uma tentativa desesperada de sair de seu bloqueio criativo.

***Enquanto a mulher fala, a televisão mostra vários filmes clássicos de vampiros.***

**HOMEM:** E após ser atacada pelo vampiro, a mulher fica no chão coberta de sangue até a polícia vir salvá-la.

***A mulher vai até a televisão e começa a puxar todos os cabos dela.***

**MULHER:** Deitada na cama, arrependida, a mulher vê a criatura indo embora pela fresta da porta.

**HOMEM:** O meu pai conta que só via o meu avô de madrugada, quando pela fresta da porta do seu quarto ele o via chegar.

**MULHER:** A mulher alega ter visto o vampiro indo embora pela fresta da porta, é o que consta no depoimento prestado por ela.

**HOMEM:** De longe, vemos as coisas se afastando da gente, por

brechas, às vezes em reflexos. A bebida afastou o meu avô da família.

**MULHER:** Um remédio tomado de forma errada causou uma tragédia e afastou duas pessoas que se amavam.

**HOMEM:** Um vampiro afastou uma cidade inteira da verdade.

***O Homem puxa o cabo da última televisão. Ele encara a mulher durante um longo período.***

**HOMEM:** Olha, eu nunca culpei você por-

***Uma luz se acende na mulher, calando o Homem.***

**MULHER:** Eu chorei muito, muito, muito. Meu rosto inchou tanto e meus olhos caíram no chão. Eu tentei colocar eles de volta, mas não cabiam no meu rosto inchado. O olho secou, o rosto também. Quando eu consegui colocar eles de volta, já não conseguia ver mais nada. Eu aprendi a nunca mais chorar tanto, tanto como naquele dia.

***Um longo silêncio se instaura.***

**HOMEM:** A velha falou isso no depoimento dela, ela disse que se sentiu assim depois que o vampiro parou de ir visitá-la.

**MULHER:** Foi? Eu, eu não sabia.

**HOMEM:** Se você falar com convicção.

***A mulher reflete.***

**MULHER:** Essa história não vai levar a lugar algum.

**HOMEM:** Nenhuma história leva.

***Na penumbra, eles falam:***

**HOMEM:** A gente tenta de novo.

**MULHER:** Partindo do início, mas colocando o meio no início e o início no final.

**HOMEM:** Sem pontas soltas.

**MULHER:** Tudo deve ser resolvido. **(pausa)** Então, se todo final é um começo...

***Ouvimos uma campainha tocar.***

**MULHER:** Quem é?

**HOMEM:** Sou eu.

***As luzes se apagam, levando consigo a penumbra.***

**FIM**



FOTO DE DI GATTI

Di Gatti é produtor audiovisual e cultural, performer, roteirista, diretor criativo e gestor de projetos culturais. Especializado em Artes Performativas pela CAL (Casa das Artes de Laranjeiras - Rio de Janeiro/RJ) e premiado pela Funarte com a pesquisa sobre o enlace das linguagens artísticas com as novas tecnologias.

# **"O ARTISTA E O ATIVISTA"**

## **PRÓLOGO**

*Luz forte ilumina o rosto de um rapaz que coloca as mãos nos olhos.  
Ele veste uma camiseta branca com a frase "Acredite no que está  
ao seu redor, tudo está cheio de amor...".  
Ele fala diretamente para a plateia:*

Tudo que chega é bom.  
Tudo que parte também é.  
CONFIE!

*Entra um outro rapaz. Ele segura um material.  
Ele levanta um cartaz preto com letras brancas escrito*

**“VAI COMEÇAR UMA TRANSFORMAÇÃO COM CERTEZA”.**

*Luz apaga.*

*Tela branca de fundo acende.*

*A silhueta de um rapaz, pega um coquetel molotov e se prepara para arremessar.*

*O movimento é feito lentamente, como se estivesse em câmera lenta,*

*Como se o rapaz fosse uma imagem grafitada na tela branca.*

*A cena congela por alguns segundos.*

*O rapaz arremessa o objeto inflamável.*

*A tela “explode” (imagem de explosão e som forte)*

*No palco, aparece um outro rapaz, que levanta um cartaz branco com letras vermelhas.*

*Na parte superior centralizado, tem um ícone de fogo e, logo abaixo, escrito “2013”.*

*Sons de protestos retirados de vídeos originais dos protestos da época.*

*Na tela de fundo, são projetadas imagens de cartazes do protestos de 2013.*

**“3,20 É ROUBO”**

**“SE A TARIFA NÃO BAIXAR, A CIDADE VAI PARAR”**

**“PASSE LIVRE JÁ”**

**“NÃO PRECISAMOS DE COPA, PRECISAMOS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE”**

*O rapaz troca o cartaz.*

*No novo cartaz, está escrito*

**“VEM PRA RUA”.**

*Na tela de fundo, vídeos dos protestos organizados pelo MBL.*

**"NÃO A CORRUPÇÃO"  
 "IMPEACHMENT DILMA"  
 "TCHAU, QUERIDA"  
 "MITO MITO MITO"**

***O rapaz levanta um terceiro cartaz, escrito  
 "DESCULPE O INCÔMODO, ESTAMOS MUDANDO O PAÍS!".  
 Tudo para.***

***O artista entra com uma bolsa de onde tira peças de roupas e  
 começa a trocar de figurino enquanto fala...***

**VOZ EM OFF**

Ok

Ligamos pra você

Pode chamar o outro ator, por favor

***O artista sinaliza com polegar.  
 Sai de cena apreensivo.  
 Luz forte apaga.***

***O artista entra com uma bolsa de onde tira peças de roupas e  
 começa a trocar de figurino enquanto fala...***

**ARTISTA**

Essa já é a terceira audição que vou fazer hoje.

Uma para cada turno do dia.

Ninguém falou nada ainda: se fui bem, se me encaixo no perfil, se tenho alguma chance, nenhum feedback...

Levantei às 4h da manhã. Já atravessei toda a cidade. 2 vezes. Vou atravessar novamente agora! Trem, metrô, ônibus, bike, a pé, hora caminhando, hora correndo pra chegar a tempo.

Horas de espera, aguardando entrar em cena,  
mostrar o que preparei e NADA!

Será que vida de artista é isso!?

***Pergunta para a plateia.***

Quero saber como fui... se tenho chances...

***Sinal sonoro. Ele olha o celular.***

O ônibus!

***Ele pega a bolsa e sai correndo.***

## **CENA 01 (O PROTESTO)**

***Luz ilumina o ativista, que aparece com um megafone na boca e punho fechado pra cima...***

***Sons de protestos em off...***

***No canto oposto em paralelo, uma luz diferente ilumina o artista, que está no ônibus apreensivo com o horário...***

### **ARTISTA**

O que está acontecendo?!?

Se o trânsito continuar parado assim, vou perder minha audição...

***Ele segue apreensivo, olhando o celular... Luz diminui no artista***

***O ativista caminha numa diagonal e aparece segurando uma bandeira do Movimento Catraca Livre...Balança a bandeira com barulho de protestos em off...***

**ARTISTA**

Só me faltava essa...  
 Protesto de estudantes!  
 Motô (grita), motorista!  
 Tem como desviar do protesto, não!?

***O ativista volta a caminhar na diagonal até um fecho de luz. Ele segura uma máscara antigás. Tem muita tensão em sua expressão. Ele coloca a máscara, enquanto se ouvem estouros, gritos, confrontos, sirenes.***

**ARTISTA**

Não acredito que isso está acontecendo comigo...  
 Só piora...  
 Motorista, abra a porta!  
 Motô!!! (grita)  
 Preciso descer...

***(Ele coloca uma camiseta cobrindo seu rosto dos gases)***

Abre motorista, abra a porta!

***A fumaça toma conta do espaço como um grande nevoeiro, cobre tudo, só se vê fumaça, luzes piscam dentro, som de helicóptero, mais sons de tiros, gritaria e estouros... sirene de polícia... CAOS...***

**CENA 02 (A CELA)**

***Aos poucos, a fumaça vai se dissipando e o barulho diminuindo...***

**ARTISTA**

Deve ter algum engano.

**ATIVISTA**

Me solta, Pau no cu!

**ARTISTA**

Eu sou artista.

**ATIVISTA**

Prende agora,  
mas amanhã a gente volta em maior número ocupando as  
ruas!

***O artista e o ativista vão aparecendo caminhando de costas um para outro enquanto falam...***

**ARTISTA**

Eu estava no ônibus indo para meu trabalho  
e o ônibus ficou preso no meio do protesto.

**ATIVISTA**

Meu pai é advogado.

**ARTISTA**

Ei, moço, me solta!  
Isso é injusto!

**ATIVISTA**

Ninguém vai arregar não!

***Eles são empurrados e suas costas se esbarram... São presos de costas um para o outro numa espécie de barra de ferro (a bailarina)... Som de cela fechando... Eles tentam reagir ainda, correndo em direção à porta. Não conseguem... O artista e o ativista gritam...***

**ARTISTA**

Socorro!

**ATIVISTA**

Caralho!

***O artista está muito assustado, fragilizado. O ativista está enfurecido, se contorcendo... Eles continuam de costas um para o outro. Aos poucos, o clima vai se acalmando. Aos poucos, eles se sentam no chão, presos de costas na barra. Só se ouve a respiração. Silêncio...***

### **ARTISTA**

Meus pais nasceram numa fazenda no meio do sertão  
do Rio Grande do Norte.

Família numerosa.

Era comum primas e primos de primeiro grau formarem  
casais e novas famílias.

Um desses casais foi minha mãe e meu pai,  
que, depois do casamento, deixaram a zona rural  
e vieram para a capital.

Daí, eu nasci e fui criado  
até vir morar aqui,  
em São Paulo,

com uma vontade grande de ser artista.

### **ATIVISTA**

Meus pais se conheceram no Movimento Diretas Já,  
em 1984.

Meu pai, estudante de Direito, e minha mãe,  
estudante de jornalismo.

Os dois eram lideranças estudantis.

Daí vem meu DNA.

***Eles continuam falando sentados de costas um para o outro.***

### **ARTISTA**

Sempre quis ser artista e viver de minha arte,  
o que é bem difícil para baixa renda como eu.

**ATIVISTA**

Sempre fui privilegiado.  
 Estudei em colégio de elite bilíngue,  
 frequentei os melhores restaurantes e clubes,  
 viajava pro exterior nas férias,  
 usava as melhores roupas e tinha os brinquedos mais caros.

**ARTISTA**

Numa noite dessas,  
 quando estava voltando pra casa com dois colegas da faculdade,  
 escutei um grito e, quando me virei,  
 um rapaz tacou uma lâmpada fluorescente no meu rosto.  
 Na hora em que eu coloquei a mão no rosto, já estava saindo  
 sangue.

Aí, ele vem com a segunda...  
 e eu me defendo, mas ele estava com mais quatro amigos,  
 que me imobilizaram e me agrediram.  
 Pensei que fosse morrer...

**ATIVISTA**

Foi com você, cara?

***A "bailarina" cai. Eles se soltam e viram de frente um para o outro...***

**ARTISTA**

Sim!  
 Tinha acabado de chegar em São Paulo  
 Olhe...

***(Pega a mão do ativista e leva a sua testa)***

Ainda tem a marca aqui no meio de minha testa.

**ATIVISTA**

Parece uma falha.

**ARTISTA**

Falha?

**ATIVISTA**

Sim...

Você carrega uma marca de um sistema falho.  
É por isso que estamos hoje nas ruas.

**ARTISTA**

Você tá todo falhado também.

**ATIVISTA**

Eu!?

***Pergunta olhando seu corpo...***

**ARTISTA**

Todo respingado de sangue, fuligem, sujeira de rua.

**ATIVISTA**

Faz parte!

***Pausa. Por um tempo, eles se olham em silêncio...***

**ARTISTA**

Movimento Catraca...

***O artista mexe na camiseta do ativista, querendo ler o que está escrito...***

**ATIVISTA**

Livre!

***O artista se afasta um pouco...***

**ARTISTA**

Foi você quem organizou este protesto?

**ATIVISTA**

Eu, sozinho, não.

Está acontecendo no Brasil todo.

Não é só pelos vinte centavos do aumento das passagens...

Tem muita roubalheira, políticos corruptos.

**ARTISTA**

Eu perdi minha terceira audição do dia.

Era para um musical.

Iria pagar superbem.

Passei as duas últimas semanas ensaiando para encalhar no meio de protesto de rua.

***Fala decepcionado.***

**ATIVISTA**

Desculpe!

***Demonstra empatia.***

**ARTISTA**

Ah!

***Muito frustrado,  
o ativista esboça um leve sorriso.***

**ATIVISTA**

Você tem um jeito engraçado.

**ARTISTA**

Tenho!?

**ATIVISTA**

Tem!

**Sorri.**

**ARTISTA**

Tenho traumas.  
Sou todo traumatizado.  
Impaciente.

**ATIVISTA**

Não tô dizendo!

**ARTISTA**

E agora?

**ATIVISTA**

O quê?

**ARTISTA**

O que acontece?  
Eu nunca fui preso na vida.  
O que vai acontecer comigo?

**ATIVISTA**

Relaxa!

Amanhã eles soltam todo mundo.  
Só prenderam para sacanear o protesto.

**ARTISTA**

Sei...

O artista parece estar com frio...

**ATIVISTA**

Tá com frio?

**ARTISTA**

Aqui tá muito úmido.

**ATIVISTA**

Vem aqui,  
senta do meu lado.  
Bora se aquecer!

**ARTISTA**

Se aquecer?

**ATIVISTA**

Sim, vem!

***O artista caminha desconfiado para perto do ativista, que o abraça... Eles adormecem...***

***Passa um tempo...***

***Alguém fala em off o nome do ativista e diz que ele está liberado...***

***O ativista acorda, olha para o lado e vê o artista dormindo...***

***Tenta levantar com cuidado para não acordar...***

***Tira o casaco, cobre o artista e sai com cuidado.***

**CENA 03**

***O artista aparece escovando os dentes, falando sozinho...***

**ARTISTA**

Que dia é hoje?

Será que tem alguma conta para pagar?

Será que é o vencimento do aluguel?

Luz? Água?

***Fala com ele mesmo, como se fossem duas pessoas diferentes.***

E se eu não conseguir pagar a Internet?

Não! Não posso ficar sem internet, aí seria o fim.

Mas, sem energia, não tem internet

e, sem internet, não tem como ver

as oportunidades de trabalho!

Puts...

Se eu não conseguir pagar o aluguel deste mês,

vão me botar na rua.

Será que vou morrer de frio em alguma calçada, esquecido?

Morar só não é fácil!

Preciso de uma renda fixa urgente.

***O ativista fala ao lado, dirigindo-se para a plateia...***

***Ele veste uma camiseta amarela escrita "A Revolta do Busão".***

***O artista sai de cena.***

## ATIVISTA

Eu sempre tive muito claro que, se você atua junto aos sem teto, à luta das remoções, à liberdade na democracia, contra a máfia dos transportes e por uma cidade com mais mobilidade urbana, o Estado sempre cai sobre você...

O que mudou em 2013 foi a amplitude disso,  
a escala da repressão.

Quando comecei nos grêmios estudantis, a polícia reprimia com cassetete e cachorro. A gente era preso, detido em manifestação, entrava na delegacia e saía, assinava um termo.

Em 2013, a perseguição começou a ficar muito mais pesada. Era preciso identificar supostas lideranças e castigar de forma severa para intimidar os demais, para que não saíssem de novo às ruas...

Veio, então, a Tropa de Choque, as bombas de gás lacrimogêneo, bala de borracha, perseguição e principalmente a judicialização...

Em agosto de 2013, no Congresso Nacional, tramitou em regime de urgência uma reforma da Lei 12.850, que define o que é uma organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal.

Os deputados aprovaram a flexibilização da quantidade de quatro para três pessoas, e a polícia não precisou mais provar que essas pessoas se conheciam para enquadrá-las nesta lei.

Essa reforma é uma resposta explícita a junho de 2013.

***O ativista sai de cena...***

***Entra o artista...***

**ARTISTA**

Apesar de gostar de homens,  
 nunca me dei bem com homens gays.  
 Homens gays têm pavor de homens afeminados,  
 e eu vim bem temperado com feminilidade.  
 Aliás, homens, em geral, não gostam do que é feminino –  
 até os héteros.  
 Parece que tudo que é ligado à mulher e ao feminino é subjugado,  
 e o homem afeminado é aquele limbo  
 entre o ser homem e o ser mulher.  
 Confunde.

Em alguns casos, passa despercebido  
 até falar...

Não, eu não falo grosso.  
 Minha voz é sempre confundida por “senhora” ao telefone.  
 Não sou o macho que a sociedade quer que eu seja.

Desde sempre, estive em campo minado.  
 Meu primeiro campo de batalha foi em casa.  
 Sim, todo dia uma enxurrada de correções,  
 tentativas de ajustes...  
 “Seja homem! Ande como homem! Fale como homem!  
 Tenha jeito de homem!”.

Sempre negaram a realidade à sua frente.  
 Tentaram corrigir o que sempre fui.  
 Eu nasci assim!  
 Não escolhi, nem aprendi!

Sempre fui assim!

Desde criança!

Sim, fui uma criança viada.

Crianças viadas existem!

Eu fui uma...

***Entra em cena o ativista vestido todo de preto, mascarado.***

### **ATIVISTA**

A primeira vez que eu ouvi falar em *black bloc*, que eu vi de fato que havia um bloco de gente de preto combinando numa manifestação, foi em julho de 2014.

Se você pegar as imagens das manifestações antes disso, você vê gente de bermuda, chinelo, camelô, ambulante, muitos jovens com camiseta de escola estadual... Não se vê gente toda de preto, nem se falava em *black bloc*.

Eu diria que *black bloc*, na verdade, foi uma construção da mídia que foi colando. Daí foram surgindo páginas na internet, *black bloc* SP, RJ...

O discurso sobre os *black bloc* na mídia brasileira criou os *black bloc* depois.

O jornalismo adora testar narrativas, alimentar o pânico coletivo...

Na real, o *black bloc* surgiu na Alemanha, na década de 80, como uma tática de enfrentamento utilizada por anarquistas para defenderem as ocupações e as universidades contra a ação da polícia e os ataques de grupos nazistas e fascistas.

***Sons referentes a uma manifestação conduzida por black blocs.  
O artista entra...***

**ARTISTA**

Não aguenta mais tanto protesto!  
Todo dia tem um tumulto diferente nas ruas.  
Esse povo não tem o que fazer não!?  
Onde é que isso vai parar?

***A imagem de um político dormindo no congresso é projetada  
com música de terror.***

***Ele olha.***

O que os deputados estão fazendo?

***Pega um controle e liga a “tela” de projeção.  
Aparece o vídeo de um deputado dormindo...***

Olha lá...  
Tá nem aí!  
Terno caro, cheio de baba,  
pago com verba de auxílio paletó,  
que a gente paga.

Como um eleitor vota numa pessoa dessa!?

***Aperta o controle remoto e a imagem entra em curto...***

**CENA 04**

***Entra o ativista, dividindo o palco com o artista.***

**ATIVISTA**

Bora, Lava Jato!

**ARTISTA**

Passada que querem derrubar a presidenta à força.

**ATIVISTA**

Tchau, Querida!

**ARTISTA**

Um vampiro traíra assume o poder.  
Que País é esse!?

**ATIVISTA**

Meus pais estão questionando meu posicionamento político,  
mas minha popularidade só cresce no movimento.

**ARTISTA**

Com esse cachê de festa infantil, eu consigo pagar meu  
aluguel e  
fazer a feira deste mês.

**ATIVISTA**

Conquistei mais de 100 mil seguidores em apenas dois dias.  
Se continuar crescendo assim, nas próximas eleições, me  
candidato a algum cargo político.

**ARTISTA**

Nunca gostei de influencers.  
Eles nunca me influenciaram.

**ATIVISTA**

Isso é chantagem!

Vocês estão querendo me enviar para esse intercâmbio só  
para me tirar das ruas.

Vocês acham mesmo que ainda sou aquele garotinho mimado  
que vocês compravam com brinquedos caros?

**ARTISTA**

Preciso fazer alguma coisa para conseguir trabalho como  
ator..

***Pega um Ring Light, um tripé para celular, microfone lapela e  
começa a montar um miniestúdio...***

**ATIVISTA**

Essa prisão do metalúrgico tá com cara de farsa montada.  
Estão jogando o candidato favorito à presidência na prisão...

**ARTISTA**

Eu sempre fui artista  
desde criança,  
mas as coisas mudaram.

***Toca a tela do telefone, sua imagem é projetada ao vivo na tela  
de fundo...***

**ATIVISTA**

Mãe, Pai, vocês estavam certos!

Fui usado politicamente.

Tem muito dinheiro gringo sendo investido para aniquilarem  
os movimentos populares de esquerda na América do Sul.

***Artista fala diretamente para a câmera do celular em uma live...***

### ARTISTA

Antes de ser artista, agora você precisa ser  
“famoso da internet”.

Isso! Famoso!

Para conseguir trabalhar como ator,  
ter experiência e formação acadêmica,  
hoje, não é mais um diferencial.

Você precisa ter milhares de seguidores!

Quanto mais, melhor!

Os números é que têm valor de mercado.

Primeiro, você fica famoso;

Depois, você vira ator.

### ATIVISTA

No intercâmbio, vou fazer uma pós-graduação em Relações

Internacionais,

praticar mais meu inglês,

me afastar de vez de tudo e de todos.

O Brasil não é mais o mesmo!

***A imagem do artista apaga na tela...***

***Os dois personagens saem de cena.***

***Na sequência, um texto é escrito e lido em off na projeção:***

***“Em 1º de janeiro de 2019, a partir da reforma administrativa do governo recém-empossado, o Ministério da Cultura foi oficialmente extinto pela medida provisória nº 870, publicada em edição especial do Diário Oficial da União”.***

**CENA 05****ARTISTA**

Mas eu tenho certeza que o endereço é esse.  
 Eu vi no anúncio do Instagram,  
 fiz a inscrição,  
 vim para fazer a audição.  
 Como assim aqui não é mais uma produtora!?

Olha, tá aqui o endereço! E este lugar aqui.  
 Como assim aqui é um delivery!?  
 Tá Brincando com a minha cara, né!?

A produtora virou delivery de fastfood!?  
 Quando foi isso!?

Não acredito que dei viagem perdida.  
 Gastei o dinheiro que restava nessa passagem...  
 Como uma produtora vira serviço de delivery!?!?

Delivery!?!?  
 Pera!

Ei, moço!  
 Tem vaga!?  
 Quanto tá pagando por entrega!?

Eu topo!

***Toca um funk baixinho de fundo.***

***O artista coloca o capacete.***

***Vira motoboy.***

***Pega uma bag, imitando a logo do Ifood: "AíFudeu".***

***Som de moto.***

***Entra o vídeo com trecho do discurso nazista do Secretário Especial da Cultura***

***<https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ>***

## **CENA 06**

***Ativista conversa olhando para a tela de um computador.  
A imagem dele é projetada ao vivo no palco.***

### **ATIVISTA**

Hoje está bem frio.  
Até nevou estes dias.  
Tá bonito!

***As luzes e o branco nevado do asfalto e telhados se complementam.***

Parece que, nessa época, as pessoas renovam a esperança com a iminência da chegada de um novo ano.  
Também bate uma melancolia,  
uma saudade...

Sinto falta de vocês...

de meus amigos,  
de caminhar pelas ruas,  
do cheiro de casa,  
do clima da cidade,  
de agitar também.

***Sorri.***

Mas daqui a alguns dias chego por aí.  
Passou rápido este ano.

***Som de tv. Noticiário em inglês. Ele olha.***

Aqui, agora, só se fala nessa nova infecção  
respiratória na China.  
Tá fechando e isolando tudo por lá.  
Tomara que não se espalhe!

### **CENA 07 (UBERIZAÇÃO)**

***Artista entra empurrando um cubo branco até a boca de cena.  
Ele senta na frente deste cubo branco.  
Na camiseta, está escrito "precariado".  
Atrás dele é projetado o fundo de um carro em movimento.  
Na projeção, entra uma passageira no banco de trás.  
É uma senhora branca com cabelo montado, maquiagem forte, vestida com a camisa da seleção brasileira de futebol.  
Parece irritada.***

#### **PASSAGEIRA 1**

...e vou saber qual é o meu lugar de fala!  
Que porra é isso!?  
Tu sabe?

#### **ARTISTA**

O quê?

#### **PASSAGEIRA 1**

Lugar de fala?

**ARTISTA**

É...

***O artista vai falar, mas é interrompido.***

**PASSAGEIRA 1**

Só pode ser coisa de comunista...

Uma pivete favelada me dizendo o que devo falar..

Eu falo o que eu quiser, sou rica!

Ela que não tem onde cair morta.

Pobre e feia!

***Telefone toca. Ela procura e atende...***

Alô!

Já tô chegando...

***Tampa o celular...***

Falta quanto tempo para chegar?

**ARTISTA**

Tá falando comigo?

**PASSAGEIRA 1**

Tem outra pessoa aqui?

***Ele olha o celular perto da direção.***

**ARTISTA**

20 minutos.

**PASSAGEIRA 1**

10 minutos chego.

5 minutinhos e tô aí.

Quando você piscar, estou do seu lado.

Tô levando sua bandeira.

***Tira uma bandeira do Brasil da bolsa.***

Linda!

***Beija a bandeira e acena pela janela.***

***O artista uber assiste pelo retrovisor.***

Desligou...

Doida!

***Guarda a bolsa e pega uns panfletos.***

Pega para você distribuir com seus passageiros.

**ARTISTA**

O quê?

**PASSAGEIRA 1**

Uma mensagem de Deus para salvar o Brasil.

**ARTISTA**

Obrigado...

**PASSAGEIRA 1**

De nada... Guardo onde?

**ARTISTA**

Ah, não...

Não precisa se preocupar.

**PASSAGEIRA 1**

Deixa de besteira, você está dirigindo, eu guardo para você.

**ARTISTA**

Não precisa.

**PASSAGEIRA 1**

Vou colocar aqui.

**ARTISTA**

Não precisa.

Agradeço, mas eu não quero.

**PASSAGEIRA 1**

Não quer?

*Ele balança a cabeça que não...*

Por que não?

**ARTISTA**

Não acredito nessas coisas...

**PASSAGEIRA 1**

Que coisas!?

**ARTISTA**

Essas coisas de igreja.

**PASSAGEIRA 1**

Não me diga que tu é macumbeiro...  
Tu não bate um tamborzinho, não, né!?

**ARTISTA**

Não...

**PASSAGEIRA 1**

Ai...  
Aliviada.  
Ainda bem!

**ARTISTA**

Sou ateu!

*Ela se engasga.*

**PASSAGEIRA 1**

Pare o carro!  
Pare o carro agora!

**ARTISTA**

Ainda tá longe.

**PASSAGEIRA 1**

Pare!  
Vai que acontece alguma coisa.  
Não consigo conceber uma pessoa que não acredita em algo superior, divino, em um salvador...

*Ele para o carro.*

*Ela começa a se ajeitar para sair...*

**ARTISTA**

Aqui é um bairro comunista.

**PASSAGEIRA 1**

O quê?

*Volta a se sentar.*

**ARTISTA**

Aqui só mora comunista...

A senhora vai ser confundida com comunista.

Vai que tiram uma foto sua aqui...

**PASSAGEIRA 1**

Pisa!

Me tira daqui agora!

Ele continua parado.

Bora, meu filho! Sai daqui agora!

**ARTISTA**

Mas a senhora disse que não andava com gente igual a mim?

**PASSAGEIRA 1**

E não ando mesmo.

Quem já viu... Em pleno 2019, existir uma criatura  
que não acredita em Deus.

Não sabia que ainda existiam ateus.

**ARTISTA**

A senhora precisa decidir.

**PASSAGEIRA 1**

Decidir o quê?

**ARTISTA**

Desce aqui no bairro comunista ou segue com um ateu...

***Ela fica apreensiva sem saber o que fazer,  
olhando para todos os lados.***

**PASSAGEIRA 1**

Mas comunista e ateu não é a mesma coisa!?

**ARTISTA**

Não.

Nem todo comunista é ateu e nem todo ateu é comunista...

**PASSAGEIRA 1**

Pra mim é tudo farinha do mesmo saco...

***Ele respira profundamente olhando para o lado...***

Vai!

**ARTISTA**

O quê?

**PASSAGEIRA 1**

Pisa no acelerador e me tira daqui!  
Entre um ateu e um conluio de comunistas,  
você pelo menos é só um.  
Pode tocar pra frente!

***Ele liga o som.  
É a voz da Pablio Vittar.  
Ela se assusta.***

Que bicho é esse!?

***O artista se diverte,  
liga o carro e sai...***

***Toque do aplicativo, outro passageiro chama.  
O artista aceita a corrida.  
Na projeção de fundo, a passageira 1 desce.***

***Sobe o passageiro 2,  
aparentemente bêbado.***

**PASSAGEIRO 2**

Que horas?

**ARTISTA**

9h10min.

**PASSAGEIRO 2**

Ainda?

**ARTISTA**

Ainda?!?

**PASSAGEIRO 2**

A festa nem começou ainda.  
Vou chegar muito cedo.

**ARTISTA**

Vai sim.

**PASSAGEIRO 2**

É 9h da noite ou do dia?

***Esfrega as mãos nos olhos.  
O artista observa.***

**ARTISTA**  
É de manhã!  
Olha o sol...

***Abre a janela do carro.  
O passageiro se protege da luz.***

**PASSAGEIRO 2**  
Fecha, fecha!

***Desfalece.  
O artista fica apreensivo.***

**ARTISTA**  
O senhor está bem?

***O passageiro não responde.  
E insiste.***

O senhor está bem?  
Está sentindo alguma coisa?

***O passageiro está com a cabeça escorada no banco de trás,  
desfalecido, com a boca aberta.***

Ei, moço! Acorda!

***O artista freia o carro. Na freada, o passageiro acorda e vomita.***

Putaquepariu! Não acredito que você fez isso.

**Muito irritado.**

Você vai pagar a taxa de limpeza, viu?!

***O passageiro balança a cabeça que sim e vomita mais...***

Não acredito que isso tá acontecendo comigo.

**Buzinas de carro.**

***O artista muito irritado.***

***Na projeção de fundo, o passageiro 2 desce.***

***Imagem e som de lavagem de carro,***

***música de rádio ao fundo.***

***Aplicativo toca para um novo passageiro.***

***O artista (ao vivo) aceita a corrida e se recompõe.***

***A terceira passageira entra.***

***É uma jovem bem vestida, com jeito de executiva.***

**PASSAGEIRA 3**

Bom dia! Tudo bem!?

**ARTISTA**

Bom dia! Tudo caminhando...

**PASSAGEIRA 3**

Muito quente hoje...

***Artista***

Quer que eu ligue o ar?

**PASSAGEIRA 3**

Agradeço.

***A passageira pega um laptop.***

Desde quando você é uber?

**ARTISTA**

Vai fazer um ano.

**PASSAGEIRA 3**

Recente...

E o que você fazia antes?

**ARTISTA**

Era artista.

**PASSAGEIRA 3**

Sério?

**ARTISTA**

Sim.

**PASSAGEIRA 3**

Que interessante...

E você não é mais?

**ARTISTA**

Artista?

**PASSAGEIRA 3**

Sim...

**ARTISTA**

No momento, não estou atuando.

**PASSAGEIRA 3**

E por que você não está atuando “no momento”?

*Ele olha para a passageira.*

*Pausa. Respira fundo...*

**ARTISTA**

Preciso pagar minhas contas...

**PASSAGEIRA 3**

Entendo...

*Volta a olhar para o computador.*

**ARTISTA**

Com o fim do ministério da cultura,  
tudo foi sucateado, desmontado.

Não existe mais investimento em cultura.

Muitas produtoras fecharam, teatros fecharam,  
não se sustentam..

As audições acabaram, eu tive que me virar.

**PASSAGEIRA 3**

Se reinventar... se reposicionar profissionalmente.

**ARTISTA**

...ou passava fome,  
morava na rua,

voltava para minha cidade.

**PASSAGEIRA 3**

Que bom você se virou, não ficou parado esperando aparecer uma oportunidade, criou a oportunidade..

**ARTISTA**

...Eu sempre fui assim.

**PASSAGEIRA 3**

Empreendedor?

*Ele olha pelo retrovisor para trás.*

**ARTISTA**

Sobrevivente!

Não tivemos escolha.

Todos! Motoristas, motoboys, ambulantes,  
pequenos comerciantes...

Todos que chamam de empreendedores, na verdade, são  
pessoas que perderam a esperança de conseguir um emprego  
com salário digno com CLT, depois da famigerada  
reforma trabalhista...

Isso que um povo vestido de verde e amarelo  
adora chamar de empreender...  
para nós, é sobreviver!

**PASSAGEIRA 3**

Mesmo assim, continuo admirando sua iniciativa.  
Você poderia ter desistido.

**ARTISTA**

Desistir nunca foi uma opção pra mim.

**PASSAGEIRA 3**

Eu acredito que você vai conseguir...

**ARTISTA**

O quê?

**PASSAGEIRA 3**

O que você quiser...

**ARTISTA**

Sim...

*Eles sorriem enquanto cruzam o olhar no retrovisor do carro.*

**PASSAGEIRA 3**

Obrigada por me trazer de forma segura ao meu destino!

**ARTISTA**

Eu que agradeço!

**PASSAGEIRA 3**

Até uma próxima!

Ótimo dia pra ti!

**ARTISTA**

Pra você também!

Obrigado!

*A passageira desce.*

*Ele sorri.*

*Liga o som.*

*Notícias sobre a pandemia começando a se espalhar pelo mundo.*

*O aplicativo chama.*

***Um novo passageiro entra no carro ao vivo.  
Agora não é mais uma imagem projetada.***

**PASSAGEIRO 4**

Oi!

**ARTISTA**

Oi!

***Eles não se olham...  
As notícias da pandemia continuam no rádio.***

**PASSAGEIRO 4**

Na china, tá todo mundo isolado...

***Fala procurando algo na bagagem de mão.***

**ARTISTA**

Aqui há apenas alguns casos isolados...

**PASSAGEIRO 4**

Mas é bom já se cuidar! Na europa, começou  
a se espalhar rápido.

**ARTISTA**

Isso é assustador!

**PASSAREIRO 4**

Mas vai passar rápido.

**ARTISTA**

Será!?

**PASSAREIRO 4**

Vai, sim.

**ARTISTA**

Posso colocar uma música?

**PASSAGEIRO 4**

Fique à vontade.

*O artista coloca uma música qualquer.*

*O passageiro guarda a bagagem de mão e olha o movimento fora da janela.*

*Eles estão calados.*

*O artista olha rapidamente e pela primeira vez pelo retrovisor para o passageiro.*

*O passageiro olha para o artista dirigindo.*

*Eles falam ao mesmo tempo:*

**ARTISTA**

Está curtindo?

**PASSAGEIRO 4**

Música boa!

*Eles sorriem.*

**PASSAGEIRO 4**

Engraçado.

**ARTISTA**

Você...

*Eles sorriem novamente se olhando pelo retrovisor*

**ARTISTA**

O quê?

**PASSAGEIRO 4**

Seu jeito...

**ARTISTA**

Meu jeito!?

**PASSAGEIRO 4**

Tenho impressão de que já te vi em algum lugar...

**ARTISTA**

Talvez já tenhamos feito alguma corrida...

Seu rosto não é estranho.

**PASSAGEIRO 4**

Não! Não é de agora...

Faz tempo...

Não consigo lembrar.

***Eles se olham novamente pelo retrovisor e sorriem.***

**ARTISTA**

Talvez seja só impressão...

**PASSAGEIRO 4**

Acho que não...

**ARTISTA**

Se não for, a gente lembra.

***O Passageiro 4 sorri e olha para fora.***

***Eles ficam um tempo calados.***

***A música muda, começa a tocar Innerbloom (Rüfüs du Sol).***

***Os dois, artista e passageiro, parecem estar curtindo a música que escutam.***

***O artista olha pelo retrovisor.***

***O passageiro volta olhar para o artista:***

***agora, fixamente para a imagem da sua testa no retrovisor.  
O artista percebe.***

**ARTISTA**  
Aeroporto.

**PASSAGEIRO 4**  
Já?

**ARTISTA**  
Sim.

**PASSAGEIRO 4**  
Foi rápido.

**ARTISTA**  
Quer ajuda com a bagagem?

**PASSAGEIRO 4**  
Agradeço.

***Eles se levantam e saem do carro.***

***O passageiro segura uma bagagem de mão e leva uma mochila nas costas.***

***O artista pega um embrulho (caixa).***

**ARTISTA**  
Tá aqui.

**PASSAGEIRO 4**  
O que foi isso na sua testa?

***Passa a mão na testa do artista, que fica constrangido.***

**ARTISTA**

Um acidente.

**PASSAGEIRO 4**

De quê?

**ARTISTA**

Não gosto de falar sobre...

*O passageiro 4 sorri*

**PASSAGEIRO 4**

Lembrei

**ARTISTA**

O quê?

**ATIVISTA**

De uma noite tumultuada, em 2013,  
numa cela de delegacia.

**ARTISTA**

2013?

Cela de delegacia?

*O artista dá com os ombros, sem lembrar nada, e, no momento seguinte, abre um sorriso, olhando para o passageiro. Eles estão parados em pé, um de frente para o outro.*

**ATIVISTA**

Artista!

**ARTISTA**

Ativista!

*Os olhos deles brilham.*

***Eles sorriem.***

**ATIVISTA**  
Não estou acreditando.

**ARTISTA**  
É você!?

**ATIVISTA**  
Sim!

**ARTISTA**  
Eu nunca esqueci daquela noite.

**ATIVISTA**  
Nem eu...

***O artista olha para a mala do ativista.***

**ARTISTA**  
Tá indo pra onde?

**ATIVISTA**  
Para casa.

**ARTISTA**  
Onde?

**ATIVISTA**  
Tem quase dois anos que estou morando fora do Brasil.

**ARTISTA**  
Rico!

**ATIVISTA**

Meus pais!

Pagaram para tirar da cilada que estava me metendo.

**ARTISTA**

Foi de vez?

**ATIVISTA**

Logo estarei de volta.

Minha pós está acabando.

**ARTISTA**

Quer manter contato?

**ATIVISTA**

Vamos manter contato!

*Eles sorriem.*

**ARTISTA**

Anota aí meu número...

**ATIVISTA**

Fala...

*O artista mostra o celular..*

*Agora a gente não se perde mais...*

**ARTISTA**

Qual seu nome?

**ATIVISTA**

Qual seu nome?

*Eles falam os nomes e sorriem.*

**ARTISTA**

Benício.

**ATIVISTA**

Dom.

**ATIVISTA**

Posso te dar um abraço?

***O Artista diz que sim com a cabeça.***

***Eles se abraçam, existe afeto.***

***A música aumenta.***

***O ativista dá um beijo no rosto do artista, que fica sem jeito.***

***Eles se despedem.***

***O ativista entra na imagem da entrada do aeroporto, projetada ao fundo.***

***O artista fica olhando.***

***Passa um tempo e se vira para plateia.***

***Um avião decola.***

***Ele está feliz...***

**CENA 08 (VIDEOCHAMADAS)**

***Som de ventania.***

***Fumaça.***

***E a projeção vai mudando,***

***dando lugar a imagens (fotos e vídeos) da pandemia se espalhando pelo mundo.***

***Enquanto as imagens da pandemia passam na tela de fundo,***

***no palco e ao vivo, o artista põe uma máscara comum durante o período de pandemia, coloca um divisor de acrílico no cubo branco (o carro), separando o motorista do banco do passageiro, passa álcool-gel nas mãos, tira os sapatos, tira a roupa, faz um trouxa e sai de cena. Volta logo em seguida, enrolado numa toalha e de cabelos molhados.***

**O artista senta.  
A tela de projeção apaga.  
Ele está desolado.  
Silêncio.  
Nada é falado ou feito.  
Só escutam os sua respiração por um tempo.**

**Um toque de videochamada quebra o silêncio.  
O artista está um pouco catatônico.  
Leva um tempo até ser despertado pelo toque.  
Corre para atender.  
No projetor, com a tela dividida ao meio,  
o ativista aparece de um lado, o artista do outro.**

**ATIVISTA**

O que foi?

**ARTISTA**

Essa é a melhor hora do dia.

**ATIVISTA**

Qual?

**ARTISTA**

Quando você aparece.

O ativista sorri.

Gosto até do som do alerta da videochamada.

**ATIVISTA**

Não tá fácil!

**ARTISTA**

Nem um pouco.

**ATIVISTA**

Todo dia falo com minha família.

**ARTISTA**

Jurava que você tinha anotado errado meu contato.

**ATIVISTA**

Não...

**ARTISTA**

Passou um tempão pra você fazer contato, depois que viajou.

**ATIVISTA**

O mundo mudou.

**ARTISTA**

Meu medo só aumenta,  
se renova a todo instante que preciso sair de casa.

**ATIVISTA**

Vai ficar tudo bem!

**ARTISTA**

Será?

**ATIVISTA**

Vai passar rápido!

**ARTISTA**

Todo dia escuto alguém falando isso.  
Parece que virou um mantra, em *looping*,  
uma esperança que nunca se alcança.

**ATIVISTA**

Confesso que tá esquisito.  
Tá duro ficar isolado aqui dentro deste alojamento.

**ARTISTA**

Você está onde agora?

**ATIVISTA**

No mesmo lugar.  
Logo que cheguei, as coisas pioraram aqui.  
Fecharam tudo

***O ativista mostra o quarto onde está.  
A imagem é projetada na tela...***

**ARTISTA**

Parece menor que aqui...

**ATIVISTA**

Sim!  
É só um quarto com banheiro.

**ARTISTA**

Você tem feito o que para passar o tempo?

**ATIVISTA**

Escrever meu projeto final.

**ARTISTA**

Tem acompanhado o que está acontecendo aqui?

**ATIVISTA**

Sim...

Que sorte a do Brasil, né!?

**ARTISTA**

Uma catástrofe dentro da outra.

**ATIVISTA**

Parece um filme de terror com protagonistas sádicos.

**ARTISTA**

Minha sanidade avança rumo ao prazo de validade.

***O ativista sorri.***

E você acha graça?

**ATIVISTA**

O que resta?

**ARTISTA**

Gostaria de ter uma gota desse bom humor.

**ATIVISTA**

Pera...

***Sai da frente da câmera.***

Quero te mostrar algo,  
uma surpresa.

***Volta.***

Olha!

***Mostra umas fotos impressas para a câmera.***

**ARTISTA**

O que é isso?

De quem é?

**ATIVISTA**

Não se reconhece?

**ARTISTA**

Não...

Não acredito...

Eu não percebi...

**ATIVISTA**

Eu tirei quando entrei no aeroporto,  
depois de nosso encontro.

***São fotos estilo polaroid do artista, do lado de fora da entrada do aeroporto.***

***O ativista tirou as fotos da perspectiva de quem estava do lado de dentro do aeroporto, vendo a rua.***

***O artista sorri.***

**ARTISTA**

O mais engraçado é que você imprimiu.

**ATIVISTA**

E estão em exposição na porta de minha geladeira.

***Movimenta a câmera para mostrar a porta da geladeira repleta de fotos.***

**ARTISTA**

Eu fui parar na porta de sua geladeira!?

***Fala sorrindo.***

**ATIVISTA**

Sim.

***Se diverte***

***e vai apresentando outras fotos.***

Aqui, é pai...

Minha mãe, uma gata, né!?

Meus gatos, que ficaram aí no Brasil com eles.

**ARTISTA**

Estou bem acompanhado.

**ATIVISTA**

Tá sim,

só tem gente importante aqui.

**ARTISTA**

Gostei!

**ATIVISTA**

Da companhia na porta da geladeira?

**ARTISTA**

De você criar gatos...

Avançou uma casa.

**ATIVISTA**

Estou no caminho certo?

**ARTISTA**

Sim!

**ATIVISTA**

Você, sorrindo, fica ainda mais bonito.

*O artista fica sem saber o que falar.*

**ARTISTA**

Que horas são aí?

*O ativista olha a hora.*

**ATIVISTA**

Preciso dormir.

**ARTISTA**

Tudo bem!

**ATIVISTA**

Amanhã a gente se fala.

**ARTISTA**

Sim!

**ATIVISTA**

Boa noite!

**ARTISTA**

Boa noite!

***A videochamada termina.  
O artista apaga uma luz e sai.***

***Novo alerta de videochamada.  
O ativista entra em cena com o computador na mão.  
A imagem do artista aparece projetada ao fundo. Ele usa máscara e está no trânsito.  
É de dia.***

**ATIVISTA**

Cedinho já trabalhando...

**ARTISTA**

Sim...

**ATIVISTA**

Eu te ligo outra hora...

**ARTISTA**

Pode falar.

Eu parei para comer algo.

***Mostra uma embalagem de comida.***

**ATIVISTA**

Ah, tá.

Você não pensa em voltar a fazer arte?

***O artista come.***

**ARTISTA**

Os artistas foram os primeiros afetados.  
Já estava tudo parado, fechando as portas.

A pandemia só acelerou tudo.  
Tem gente passando fome...

**ATIVISTA**

O que me salva são os artistas.  
As lives, os streamings de música, séries, filmes...  
Outro dia assisti teatro feito por aqui.

**ARTISTA**

Tem teatro aberto aí?

**ATIVISTA**

Aqui, onde a gente está agora.  
Desenha com as mãos uma tela...

**ARTISTA**

Ah!?

**ATIVISTA**

Você deveria investir...  
Voltar a produzir conteúdo por aqui.

**ARTISTA**

Sou um influencer fracassado,  
ninguém queria assistir o que postava.

**ATIVISTA**

Agora todo mundo tá preso dentro de casa,  
querendo algo para se distrair.

**ARTISTA**

Só preso para me assistir?

**ATIVISTA**

É uma oportunidade.

**ARTISTA**

Será?

**ATIVISTA**

Você não tem nada a perder.

**ARTISTA**

Mas qual seria o conteúdo?

O que poderia interessar?

**ATIVISTA**

Sua experiência como motorista de aplicativo.  
Cada pessoa que você transporta é um universo de possibilidades.

**ARTISTA**

Hum...

**ATIVISTA**

Tenta!

*Sinal sonoro da chamada de uma nova corrida do aplicativo.*

**ARTISTA**

Vou voltar aqui...

**ATIVISTA**

Aproveita  
e já começa!

***O carro entra em movimento...  
O artista coloca o celular no banco. A imagem aparece de baixo  
pra cima.***

**ARTISTA**

Preciso desligar...

**ATIVISTA**

Se cuida!

**ARTISTA**

Você também!

**ATIVISTA**

Beijos!

**ARTISTA**

Beijo!

***O artista acena e desliga a videochamada.  
A imagem é projetada para  
o ativista, que sorri e sai.***

***O artista entra tirando os sapatos, a máscara, toda a roupa,  
fica de cueca, passa álcool-gel nas mãos,  
liga o Ring Light e o celular,  
liga o som e começa a dançar.  
A imagem dele é projetada.***

***Sinal sonoro de videochamada.  
Ele atende. O ativista aparece dividindo tela com o artista na  
projeção.***

**ATIVISTA**

Que sexy!

**ARTISTA**

Deixa eu vestir uma roupa.

**ATIVISTA**

Ah, deixa de besteira!

Eu já vi você em situação muito mais constrangedora.

**ARTISTA**

A humanidade caminha mesmo para o fim.

**ATIVISTA**

Vai nada, já estão testando uma vacina.

**ARTISTA**

Eu tô falando da P.A.D.

**ATIVISTA**

“P” o quê?

**ARTISTA**

P.A.D.

Punheta Assistida a Distância.

***O ativista sorri.***

**ATIVISTA**

Mostra mais!

**ARTISTA**

Mais!?

Você quer ver o quê?

Meu útero?

**ATIVISTA**

Uma boa ideia!

**ARTISTA**

Deixa eu te contar uma novidade.

***Pega o celular na mão, foco no rosto.***

Fiquei sabendo que estão articulando um edital novo  
para socorrer os trabalhadores de cultura.

São deputadas da oposição.

É uma Lei Emergencial.

**ATIVISTA**

Sério!?

**ARTISTA**

Sim! Isso é uma boa notícia pra gente que faz cultura!

**ATIVISTA**

A gente!?

**ARTISTA**

Sim, parece que vai ter até um cadastro para receber  
uma espécie de auxílio emergencial.

**ATIVISTA**

Mas você não é mais artista.

**ARTISTA**

Nunca deixei...  
Só fui forçado a hibernar.

**ATIVISTA**

Parece animado...

**ARTISTA**

Sim, algo religou aqui dentro.  
Algo bom, que há muito tempo não sentia.

**ATIVISTA**

Fico feliz por você!

**ARTISTA**

Quando terminar aqui, vou me informar mais,  
pesquisar...

***A videochamada é cortada.***

***O artista sai de cena.***

***Sinal sonoro de videochamada.***

***Entra o ativista, com o celular na mão.***

***O artista atende. A imagem dele é projetada na tela, junto com a imagem do ativista.***

**ATIVISTA**

Oi!

***O artista acena.***

Acabei de tomar a primeira dose  
do imunizante contra a Covid!

**ARTISTA**

Jura?

**ATIVISTA**

Sim... A vacinação segue avançando rápido por aqui...

Já tem gente tomando a dose de reforço.

O isolamento vai afrouxando.

Alguns lugares começam a liberar e,

Logo, poderei voltar ao Brasil.

**ARTISTA**

Atualmente, o Brasil é um dos lugares do mundo que mais

morrem pessoas de Covid.

Não tem vacina ainda.

O atual governo é negacionista,

não acredita e nem comprou as vacinas.

**ATIVISTA**

É, aqui não recomendam viagem para o Brasil.

É considerado “zona de perigo”.

É preciso fazer pressão.

***O palco começa a ser inundado de fumaça.***

**ARTISTA**

Olha o ativista...

**ATIVISTA**

...sociedade organizada, imprensa,

precisa mobilizar, cobrar...

Uma hora ele vai ceder!

**ARTISTA**

Deixa eu te contar...  
Eu escrevi um projeto de um novo espetáculo.  
Só estou aguardando lançarem o edital.

**ATIVISTA**

Que maravilha!  
Quero ir para a estreia.

**ARTISTA**

Você viria mesmo?

**ATIVISTA**

Já reservei meu lugar?

***Videochamada encerra.***

***Sons de protestos de fundo.***

***A fumaça toma conta do palco, como no início...***

**CENA 09**

***Uma música começa a tomar lugar do som dos protestos.***

***É a mesma música do reencontro do artista e ativista no Uber.***

***Innerbloom (Radio Edit) - RÜFÜS DU SOL <https://youtu.be/3S8X4hEs2l4?si=6NvKx6RRUjReA4b2>***

***Luzes fluorescentes começam a acender no meio da fumaça.***

***Piscam em sintonia com a música.***

***Aos poucos, a fumaça vai diminuindo.***

***Dois vultos estão no centro do palco.***

***Os vultos vão se revelando:***

***o ativista e o artista  
de frente um para o outro\*,  
cercados de lâmpadas fluorescentes.***

***\*Esta cena terá um desenho de movimentação específico...  
É, ao mesmo tempo, o trabalho autoral do artista e o encontro  
dos dois personagens.***

***A música vai baixando...  
No final da música, eles se beijam.  
As luzes fluorescentes vão desligando...***

## **EPÍLOGO**

***O artista e o ativista aparecem sentados em cadeiras de praia,  
na boca de cena,  
conversando lado a lado.  
Na tela de fundo, é projetada uma praia deserta,  
som baixinho de ondas do mar.***

### **ARTISTA**

Tudo na minha vida é tardio.  
Parece que leva mais tempo para acontecer.  
Sensação de que estou há uma ou duas gerações  
atrás da minha.

### **ATIVISTA**

Dez anos...

### **ARTISTA**

Às vezes.

**ATIVISTA**

O tempo que nos conhecemos naquela cela.

**ARTISTA**

Tá vendo...  
Uma década!

**ATIVISTA**

O que importa é que estamos aqui agora!

**ARTISTA**

Amalfitana!?

**ATIVISTA**

Aqui, agora...  
O tempo...

**ARTISTA**

Tenho saudades do Brasil.

**ATIVISTA**

Também.  
Mas não dava para ficar mais lá.

**ARTISTA**

Como deixaram acontecer isso!?

**ATIVISTA**

Isso vem sendo construído há muito tempo.  
Acho até que desde sua invenção.

**ARTISTA**

Invenção?

**ATIVISTA**

Sim! O Brasil é uma invenção...  
E os inventores reassumiram o poder.

**ARTISTA**

Será que algum dia viveremos a democracia novamente?

**ATIVISTA**

O Brasil nunca foi uma democracia de fato.

**ARTISTA**

Eu acreditava que morava numa democracia  
até o governo atual tomar posse.

**ATIVISTA**

A condição de uma política democrática e de um Estado  
democrático é uma sociedade democrática.

**ARTISTA**

Ih... Grande parte da sociedade brasileira não é.

**ATIVISTA**

Não, mesmo!

**ARTISTA**

É dissimulada, preconceituosa, violenta.

**ATIVISTA**

Adora uma hierarquia.

**ARTISTA**

Cultura dos senhores de engenho.

**ATIVISTA**

Falta ao Brasil as condições para se tornar  
uma democracia genuína.

**ARTISTA**

Mas, em alguns momentos, respiramos democracia.

**ATIVISTA**

Fomos iludidos.  
Eu fui um grande iludido.

***Olha para o artista***

**ARTISTA**

Você foi sempre tão convincente...

***Olha para o ativista***

**ATIVISTA**

Imaturo...

***Pausa.***

***Sons de pássaros.***

***Ondas do mar.***

***Os dois voltam a contemplar o horizonte.***

***É final de tarde, o sol começa a se pôr.***

***Eles se dão as mãos.***

**ARTISTA**

Tão lindo!

**ATIVISTA**

No horizonte muito distante...

***Apona para longe.***

O Brasil tem uma leve noção da importância dos direitos sociais, cívicos, culturais...

**ARTISTA**

Não temos nada disso agora...

**ATIVISTA**

...Agora, perdemos!

A extrema direita brasileira fez uma disputa cultural e ideológica de valores na base da sociedade.

Esse fenômeno, com viés fascista, autoritário, fundamentalista, ganhou uma parte expressiva da sociedade, construiu uma hegemonia de pensamento, inclusive em setores populares.

**ARTISTA**

Acho que a esquerda envelheceu com seus líderes e não percebeu.

**ATIVISTA**

Perdeu a conexão com a sociedade, enquanto a narrativa da prosperidade avançava nas camadas mais humildes.

**ARTISTA**

Nos bairros periféricos, comunidades, interiores, tem mais igreja que mercadinho...

**ATIVISTA**

Não existe diferença aí.  
É tudo mercado.  
Vende-se fé, voto, futuro!

**ARTISTA**

Isso é tão sombrio!

**ATIVISTA**

Mas não vai durar para sempre.  
É um ciclo.

**ARTISTA**

Tudo é tão cíclico...

**ATIVISTA**

Impermanente...

**ARTISTA**

Fluido...

**ATIVISTA**

“fluido” é tão artístico.

***Os dois sorriem,  
o sol vai se pondo,  
eles olham para frente e,  
depois, se beijam.  
O sol se põe.  
Ecuridão.***

***Na tela, é projetado um breve texto escrito como máquina  
de escrever.***

***(Início do texto)***

***Em dezembro de 2027, após grande articulação e formação de uma frente ampla de partidos do centro-direita, a extrema-ireita brasileira chega ao poder para um longo ciclo de domínio no Brasil...***

***(Fim do texto)***

***Tela escura.***

***Entra a música Innerbloom (Rüfus du Sol).***

***Uma foto lentamente vai aparecendo***

***da esquerda para a direita,***

***tomando conta de toda a tela de projeção ao fundo.***

***Na foto, sentado num barco, aparece, primeiro, o ativista;***

***depois, sentado no meio de suas pernas, o artista.***

***O ativista está beijando a nuca do artista.***

***A foto segue abrindo até preencher a tela.***

***Por último, aparece sentado***

***no meio das pernas do artista um terceiro rapaz.***

***O artista tem o queixo encostado nos ombros***

***do terceiro rapaz, que aponta para o horizonte.***

***A luz do sol toma conta de toda a tela.***

***(Fim...)***<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Algumas falas do ativista foram criadas a partir de entrevistas e relatos reais de pessoas que participaram das manifestações de 2013.



FOTO DE JÉSSICA DE PÁDUA

Jéssica de Pádua, nascida no RJ, radicada no RN, Arte educadora há 20 anos. Integrante do Mulherio das Letras Zila Mamede, contadora de histórias, mediadora de leitura e leitora pública. Escrevinte e atriz nas horas vagas, mãe e surda nas horas cargas.

# PALAVRAS SURDAS

## PERSONAGENS:

**Jéssica surda:** mulher jovem de 30 anos, professora de música, brasileira, contemporânea do século XXI.

**Jéssica judia:** mulher jovem de 18 anos, nascida em Veneza (Itália) no século XIV.

**Doutor:** homem de 40 a 50 anos, médico, de jaleco branco e estetoscópio no ouvido (arquétipo da medicina).

**Beethoven:** homem de 30 anos que sofre de surdez severa, musicista e pianista, nascido em Bonn (Alemanha), no século XVIII.

**Ernest Huet:** homem de 50 anos, surdo oralizado e bilíngue, nascido na França do século XVI. Surdo poliglota, professor (fala em português e libras ao mesmo tempo), nascido em Paris (França) no século XIX.

**Intérprete de LIBRAS:** ator-tradutor de qualquer gênero, contemporâneo do século XXI, veste-se de preto e estará inserido nas cenas, interpretando-as em libras e interagindo com o elenco e com o público, sem falar oralmente.

**Cenário:** Espaço adaptável, com tela de projeção ao centro/fundo do palco, iluminação aparente, um piano móvel acompanhado de banco e uma cadeira ou um banco de praça.

***(Ainda com as cortinas fechadas, ouvem-se árvores balançando com o vento e um bem-te-vi cantando. Logo começa a tocar a música "Jéssica", de Biro do cavaco, com tradução em libras e legendas no telão).***

*Sem a gente esperar nasce uma pequena flor  
 Que terá muito amor  
 Que terá muito amor  
 Nem bem nasceu já começamos regá-la  
 'Pra' mais tarde colher  
 Uma porção de carinho  
 Uma porção de carinho  
 Toda flor que nasce  
 Nasce sem nome sem nada  
 Sem título algum  
 Nasce desamparada  
 Mas aqui é diferente, temos amor e de tudo  
 Principalmente carinho  
 Pra enfrentar nosso mundo  
 Pra enfrentar nosso mundo  
 Eu vou dizer pra vocês  
 Qual é o nome dela  
 Eu vou dizer pra vocês  
 O nome dela é Jéssica, Jéssica, Jéssica, Jéssica,*

***(Em algum trecho da música, as cortinas se abrem, revelando Jéssica surda no centro do palco, de costas, sentada em um banco. A sua primeira atitude é colocar aparelho auditivo e ligá-lo; assim, ouve o som das árvores e das cigarras. O som vai abaixando. Jéssica surda vem até a frente do palco e inicia a sua fala).***

**Jéssica surda:** Eu não nasci assim, tive que me inventar; corri atrás do vento e ele soprou aos meus ouvidos... Foi gostoso, mas eu só senti, não escutei. Sou uma surda que ouve, fala, canta e conta histórias. Talvez eu seja assim para ensinar você a escutar. Tudo começou com uma dor, como se agulhas penetrassem em meus ouvidos. Só havia choro e silêncio: era o sarampo. Teve um grande surto no ano em que nasci e peguei sarampo quando tinha um ano. Ainda nas fraldas, sofri com a dor que me encheu de agonia e quietude. Apesar disso, cresci falante e perguntadeira, curiosa com o mundo e seus sons. Eu ouvia e a perda era pequena. Com o tempo, o silêncio, amigo da surdez, trouxe-me os livros, a poesia e a solidão ainda na infância. Assim, eu já tinha ouvido cigarras cantando, árvores balançando com vento e a voz da minha mãe cantando samba, Gal, Elis, Beth e Simone.

***(Projeção de filmagem mostra o momento em que Jéssica surda coloca o disco de Gal Costa, na música “minha voz” <https://www.youtube.com/watch?v=SkB6TwgnRjA>)***

*Minha voz, minha vida  
 Meu segredo e minha revelação  
 Minha luz escondida  
 Minha bússola e minha desorientação  
 Se o amor escraviza  
 Mas é a única libertação  
 Minha voz é precisa  
 Vida que não é menos minha que da canção  
 Por ser feliz, por sofrer*

*Por esperar, eu canto  
 Prá ser feliz, prá sofrer  
 Para esperar eu canto  
 Meu amor, acredite  
 Que se pode crescer assim prá nós  
 Uma flor sem limite  
 É somente porque trago  
 A vida aqui na voz*

**Jéssica surda:** Um dia, outras agulhas entraram e saíram dos meus ouvidos: era a lavagem. Doutor Luiz, médico pediatra, gigante como um guerreiro Viking, lavava meus excessos de cera dos ouvidos. Chiava, doía, incomodava e eu me inquietava. Cresci brincando só e ouvindo cada vez menos. Só me interessavam os sons primorosamente raros, como a cigarra estourando a cantar nos fins da tarde no calorento morro do Rio de Janeiro.

***(Ouvem-se zumbidos e chiados constantes como em [https://www.youtube.com/watch?v=g04Rv-z9\\_jw](https://www.youtube.com/watch?v=g04Rv-z9_jw)).***

**Jéssica surda:** Estão ouvindo? Escuto isso o tempo todo; sequela de otite aguda... Essa é a rádio sarampo, sempre fora do ar. Me acompanhem e, mesmo que incomode, tentem me ouvir.

***(Projeção da Poesia “a dor do silêncio”, de Renata Freitas, [https://www.youtube.com/watch?v=y\\_4sEh9PixE](https://www.youtube.com/watch?v=y_4sEh9PixE). Depois, com som de cigarras <https://www.youtube.com/watch?v=HAJ0GRlCRJw&t=22s>, Jéssica surda declama na sombra parte do poema “Portão pintista”).***

Ah, se ele pudesse falar  
 contaria as desaventuranças  
 da menina descabelada  
 de pé e corpo-chão.  
 Quintal - testemunha viva,

marcado no joelho estrabão -,  
de sol de tijolo e telha,  
só reina, guarda, desvela e cala.

O portão ocre de ferrugem preciosa  
pintou todas as tardes da cachorrada em trio.

Aquele portal frágil-forte  
se faz lembrança norte  
e de tanto ranger, rugiu.  
E no tempo, sumiu.

Expatriada, a menina ainda guarda  
chiados de árvores e canto de cigarra no ouvido.  
Se as lagartas-fogueiras queimavam brejeiras,  
a memória resiste ao destino.  
Na poesia, aquele morro não cala,  
é assobio.

***(Projeção embranquece devagar e Jéssica surda vai pra frente da tela. A ideia é deixar tudo em preto e branco)***

**Jéssica surda:** No início da adolescência, segui ouvindo e cantando, até que um dia uma colega me falou:

**Voz Metálica em OFF:** Olha como tá magra! O seu pino é muito fuço.

**Jéssica surda:** Menina, não entendi nada do que você disse...

**Voz Metálica em OFF:** Olha! ***(Jéssica mostra os pulsos circulados pelos dedos)*** Dá pra fechar a pulseira com dois dedos: o seu pino é muito fuço...

**Jéssica surda:** Então, você disse que meu pulso é muito fino?



***(Puxa o celular do bolso e aperta o botão de resposta “envie-me mensagem de texto”)***

**Jéssica surda:** pronto.

***(Guarda o celular no bolso e continua falando para a plateia).***

**Jéssica surda:** Eu vivia cantando, tocando, ensaiando, regendo e ensinando música, canto coral e banda rítmica. Minha rádio sarampo às vezes atrapalhava, mas, mesmo assim, eu ia levando. Você deve se perguntar “mas como ela se formou em música?!? Ninguém percebeu antes?”. A resposta é não, ninguém percebeu, nem eu mesma, minha perda era leve e, para sons musicais, não havia problema. Fui regente de coral, mestre de banda fanfarras em escolas públicas, ensinando adolescentes a percutir. Não tinha protetor auricular pra mim e pra ninguém! Eles tocavam como se não houvesse amanhã! Aos 23 anos, durante o teste da orelhinha da minha filha mais nova, após repetir 3 vezes a mesma pergunta, fiz um exame de audiometria e descobri: eu era surda!

***(Projeção muda, com imagens de notícias dos surtos de sarampo em 1986. Além disso, mostram-se exames de audiometria com variações sucessivas. Jéssica se mantém atrás da tela, com sombra projetada sobre as imagens. Doutor entra com postura de soberba, se põe em destaque ao lado do telão e põe o estetoscópio no ouvido)***

**Doutor:** O sarampo foi um grande problema nos anos 80, tendo crianças pobres como principais vítimas, que, mesmo medicadas, não resistiam devido à subnutrição. Quem sobrevivia ao sarampo ficava cego, surdo ou defeituoso. Você teve sorte! Mas não é só o sarampo que causa surdez não: caxumba, sífilis, toxoplasmose,

diabete, hipertensão... Bem, pelo seu exame aqui, sua cóclea e seu nervo auditivo foram comprimidos. É como se você ouvisse em uma face de 5 palavras, com 3 em outras leguas que você não conhece. Seu cérebro embragalha o som das palavras, trocando seus fenomas.<sup>2</sup> Impressionante! Como você fala?

***(Projeção encerra, doutor sai de cena e Jéssica surda volta ao centro do palco)***

**Jéssica surda:** Eu não me via assim, tive que me reinventar. Assim, essa história conta e canta o que reaprendi, e mostra o que a arte fez e faz por mim e em mim. Acho que a culpa foi do nome que me deram, inspirada numa música – sim, mas, antes, meu nome foi inventado por Shakespeare, daí todo o drama...

***(Entra Jéssica de Shakespeare (Jéssica Judia) vestida como um homem – um pajem – como se estivesse se disfarçando)***

**Jéssica surda:** Essa é a primeira Jéssica, personagem-chave de Shakespeare, “lindíssima pagã, dulcíssima judia”, filha de Shylock, agiota do “Mercador de Veneza”.

**Jéssica judia:** “Ai de mim, que pecado horrível carrego dentro de mim, sentindo vergonha de ser filha do meu pai! Mas, embora eu seja filha do meu pai, não sou filha de sua conduta. A nossa casa é um inferno!”.

**Jéssica surda:** E eu não sou filha da surdez!

**Jéssica judia:** Estamos num palco!

---

<sup>2</sup> As palavras estão “modificadas erroneamente” com propósito. É assim que a personagem escuta. As palavras corretas apareceram na projeção durante a fala do doutor: CORROMPIDOS - FRASE - LÍNGUA - EMBARALHA - FONEMAS.

**Jéssica surda:** Eu? Estou contando minha história e citei seu nome... Sim, estamos num palco, em uma peça de teatro, e...

**Jéssica judia:** “Eu levo o mundo como o mundo é: um palco onde cada homem tem seu papel, e o meu é triste!” **(Fala para a plateia)** Sou mulher, mas meu autor assim escreveu....

**Jéssica surda:** É triste...

**Jéssica judia:** “Todo artista tem a função de um carregador de tochas, para iluminar e mostrar aos outros que não conseguem ver”.

**Jéssica surda:** Neste caso, é o que e quem não consegue ouvir... Eu não consigo ouvir.

**Jéssica judia:** “Ora, mas falas!” **(Vira para o público e declama com raiva)** “Ela é surda; surda não tem olhos? Surdo não tem mãos, dimensão, sentido, impulso, sentimentos? Não se alimenta também de comida? Não se machuca com as mesmas armas? Não está sujeito às mesmas doenças? Não se cura pelos mesmos métodos? Não passa frio e não sente calor com o mesmo verão e o inverno que os ouvintes? [vira para Jéssica e continua eloquentemente] Se te furam, tu sangras? Se te fazem cócegas, não ris? Se te envenenam, não morres? E, se eles te fazem mal, não deve se falar?”.

**(Jéssica surda expressa reflexão e incerteza)**

**(Projetor acende, luzes baixas. Imagens de surdos e suas lutas por dignidade e direitos durante a história da humanidade. Jéssica judia fica à beira do palco e assiste a tudo. Jéssica surda na frente da projeção (Imagens em preto e branco, cores cinzas, declama poema “resposta à ameaça”)**

Se minha voz ficar lá  
não será por nada saber  
será pelo tempo,  
que machuca e cansa o querer  
será por não mais poder  
será pelo ouvir falho  
que medra meu esconder

Muitos nem notaram  
pois olham e não veem  
ouvem e não escutam  
pensam e nada creem  
que minha severa presença  
esmoreceu de cansaço  
da vida da dor  
da falta de abraço  
da palavra amiga  
de só resistir, sem afago

Minha morte será lenta  
como o dragão na batalha  
que mesmo sozinho luta  
em esperança seu fogo espalha  
vence a dor e a morte  
pois a fênix guerreira  
nas suas cinzas se entalha.

***(Projeção muda de cor; Jéssica vai para trás da tela projetando sua sombra. Mostram-se dados gráficos e notícias de jornais e reportagens sobre as dificuldades de educação, atendimento médico, relações de trabalho e cidadania dos surdos no Brasil. Doutor aparece e faz comentários sarcásticos, junto à leitura das notícias)***

**Doutor:** A comunidade surda no Brasil representa 5% da população, equivalendo a 10 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva. Dessas, 2,7 milhões têm surdez profunda. Não escutam nada... 71% das pessoas surdas não possuem instrução educacional ou só estudaram o Ensino Fundamental incompleto, sendo que só 7% dos surdos têm Ensino Superior completo. Mas me diga: como você vai dar aula assim? Muitos dos surdos não procuram médicos e não buscam assistência médica, porque não conseguem ter uma comunicação efetiva com médicos, que não aceitam o uso de aplicativos de transcrição ou não sabem libras, dependendo de alguém da família para se comunicar... Me passa o telefone da filha ou do seu filho para, quando a gente marcar, falar com eles... Para qualquer deficiente no Brasil, ir ao cinema, teatro e festivais ou qualquer programa cultural é muito difícil, especialmente para surdos, por haver poucos Intérpretes de libras atuando no mercado cultural brasileiro. Mas é só comprar um aparelho auditivo que resolve... Você sabe quanto custa o nosso aparelho?

*(Apaga a tela de projeção e Jéssica surda volta ao centro do palco. Jéssica judia, um pouco confusa, interpela a parceira de cena)*

**Jéssica judia:** Que personagem é ele?

**Jéssica surda:** É um médico que já me atendeu antes...

**Jéssica judia:** *(Sussurrando, escondendo a boca)* Mas o público não vai estranhar?

**Jéssica surda:** Madame, sou surda! Você está escondendo a boca, não tô entendendo nada...

**Jéssica judia:** Sim! Desculpe-me! Vou falar tudo novamente, ao seu ouvido...

*(Jéssica surda a afasta, faz uma cara irônica voltada para a plateia)*

*(Jéssica judia percebe o erro e para. Agora, começa a falar gritando e abrindo bem a boca de forma lenta e irritante)*

**Jéssica judia:** AH! ENTENDO! VOU FALAR...

*(Jéssica surda a interrompe)*

**Jéssica surda:** *(Fala exaurida)* Pelo amor de deus, é só falar devagar e articulado, mas sem gritar e nem parecer que está tendo um mal súbito!

**Jéssica judia:** “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia”.

**Jéssica surda:** Há sim... *(Celular toca novamente. É o mesmo número que aparece na projeção. Jéssica atende e fala rapidamente)* Oi, sou surda e não atendo ligações. Mande mensagens para meu WhatsApp, pode ser? Quando puder, respondo. Obrigada! *(E desliga o telefone)* Desculpe...

**Jéssica judia:** Mas, dos males, o menor, não precisas escutar todas as tolices do mundo!

**Jéssica surda:** Sou professora de música! MÚSICA!

**Jéssica judia:** Que castigo dos céus?!?!

**Jéssica surda: (Exaurida)** Ora, não diga tolices! Deficiência não é castigo de Deus, nem pecado ancestral a pagar... Isso já foi superado há muito tempo...

**Jéssica judia:** Mas nunca houve ninguém como tu antes?

**Jéssica surda:** Surda e musicista? Claro que houve! Um deles foi um dos maiores gênios da música sinfônica de todos os tempos!

*(Entra Beethoven, com um cone na mão, um pouco confuso. Quando Jéssica judia tenta se aproximar, Beethoven se esquiva)*

**Jéssica judia:** Nobre senhor... *(Jéssica judia o reverencia, Beethoven se afasta)*

**Jéssica surda: (Saúda Beethoven)** Maestro... *(Beethoven senta no piano)*

**Jéssica surda: (Fala para Jéssica judia)** Ludwig Van Beethoven foi um gênio da música que teve sarampo, como eu, e sofreu muito com a surdez em seu tempo, especialmente por ser músico e tentar esconder sua condição. Vamos deixá-lo à vontade com o piano.

*(Ambas saem de cena. Acende-se uma luz sobre o piano. Sentado nele, Beethoven fala como se comunicasse como o piano. Beethoven toca sonata nº8 A patética 1º movimento Grave -- Allegro di molto e con brio; no projetor, aparece a legenda da sua fala)*

**Beethoven:** “Posso dizer que levo uma vida miserável. Há quase dois anos, evito encontros em sociedade, pois não posso dizer às pessoas: sou surdo. Se eu tivesse outra profissão, ainda seria possível; mas na minha situação é terrível. E o que diriam meus inimigos, que não são poucos? Para te dar uma ideia dessa estranha

surdez, direi que no teatro devo me colocar junto à orquestra para compreender os atores. Não ouço os tons elevados dos instrumentos e das vozes quando me colocam um pouco distante”.

***(Ambas voltam à cena, observam de lado a postura triste de Beethoven. Projeta-se a poesia em libras “poesia surda pra sempre”, de Rodrigo Custódio da Silva: <https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU&t=5s>)***

***(Após finalizar, Beethoven permanece no piano. Jéssica surda e Jéssica judia se aproximam do piano, mas em ângulo oposto a Beethoven)***

**Jéssica judia: *(Fala para Jéssica surda)*** Mas ele não é surdo? Como pode fazer música?

**Jéssica surda:** Lembrando, besourinho? Ouvimos e fazemos música com todo nosso corpo e mente. A lógica matemática faz o ritmo se manter... Veja: ***(Estala os dedos em andamento lento e Jéssica judia a acompanha)*** se eu internalizar essa lógica, posso parar de estalar os dedos ***(Para)***, mas o andamento continua em minha mente ***(Continua em silêncio balançando a cabeça do andamento)***, e isso é contagiante!

***(Beethoven observa e se junta a elas, regendo em compasso quaternário o pulso)***

**Jéssica surda:** se eu pedir pra todos estalarmos os dedos após o sinal do maestro ***(Aponta pra Beethoven)***, podemos fazer um coral de estalados de dedos! Vamos?

***(Beethoven conta 1, 2 3 e marca e brinca com os grupos da plateia, como se fossem naipes de uma orquestra, até encerrar)***

**brevemente)** Assim como nosso coração bate, o ritmo pulsa em nós, em nossa mente! Ouvimos com o corpo inteiro!

**Jéssica judia:** Bravo, que magnífico!

**Jéssica surda:** E não é só o ritmo! O som é uma onda que vibra em nosso corpo! Podemos perceber o som através da vibração! Nem toda surdez é profunda, aliás: surdos profundos são minoria entres as pessoas com deficiência auditiva. Nosso corpo produz sons o tempo inteiro e nosso ouvido é só uma parte desse órgão sonoro chamado corpo. Como um violão, temos no peito uma “caixa acústica”, assim como nossa boca. Percebam: vamos bocejar... AAAAAAAAAAHHHHHHHH.... Agora, bocejem com a boca bem fechada. Perceberam? **(Vira pra Jéssica judia)** Venha e me ajude: vamos fazer um som grave **(Faz o vocalize unísono grave)** ele deve soar no nosso tórax, façamos! **(faz com a plateia; Beethoven faz e Jéssica judia percebe a sua barriga)**

**Jéssica judia:** É verdade! Assombroso!

**Jéssica surda:** Já os sons agudos são sentidos no início da garganta, testem! **(Faz com a plateia; Jéssica judia faz e Beethoven percebe a sua garganta)**

**Jéssica judia:** Fantástico!

**Jéssica surda:** Por isso, dizemos que as notas agudas são finas e as notas graves são grossas. Isso também acontece nos instrumentos chamados de idiofones, aqueles que precisam vibrar seu corpo para fazerem som **(Vira para a plateia)** Alguns de vocês têm instrumentos embaixo das cadeiras. Peguem! São idiofones. Poderá haver Claves, Triângulos, Reco-recos, Chocalhos, Caxixis, Ganzás. Vamos tocar conforme a ordem:

***(Jéssica judia acompanha com um prato de banda e Beethoven vai ao piano e toca o início da 5ª Sinfonia)***

**Jéssica surda:** Vamos tocar juntos! Quem não achou instrumentos vai bater palmas e os pés! É só seguir a partitura. ***(Fala para o maestro)*** Vamos tocar, Beethoven, o tema da 5ª sinfonia em ritmo de forró!

***(Tema da quinta sinfonia em forró: <https://www.youtube.com/watch?v=dfDrhpZ9mqc>. O som do ruído começa a ficar mais forte e Jéssica surda se incomoda)***

**Jéssica surda:** OK, gente, vamos parar...

**Jéssica judia:** A tocata está animando a plateia, não podemos parar agora ***(Sinaliza para a plateia tocar mais forte)***

**Jéssica surda:** Mas está me incomodando... Estou escutando tudo “abafado” ***(Pede para a plateia parar)***

**Jéssica judia:** Agora que começamos a festa! Vamos todos bem alto!

**Jéssica surda:** CHEEEGAAA!

***(Apagam-se todas as luzes, só Jéssica surda está iluminada no palco, todos os personagens somem. O zumbido agudo é contínuo. Jéssica tira os aparelhos e o zumbido continua. Na projeção, somente a boca de Jéssica aparece. Ela declama com raiva o poema “palavras surdas”)***

Eu sigo seus lábios  
E leio o escárnio

Mesmo de lado no canto da boca.

Eu vejo e percebo  
Sua pena em lampejo  
Falhas a voz e me fazes de louca.

Escuto com os olhos  
Vidrados de raiva  
sorrio e engulo, me faço de muda.

Mesmo sem som  
Entendes meu tom  
Soletro, na mente, a palavra surda.

Zumbidos, chiados  
Mil Corais de grilos,  
Cansaço sem fim.  
Um dia me vingo  
sarampo maldito  
E canto, bonito, do começo ao fim.

***(O chiado diminui. O silêncio deve pesar. Na projeção, acompanham-se as mãos de Jéssica em close fechado, recolocando e ligando cada aparelho auditivo em cada ouvido. Ela continua sozinha no palco e toca algumas notas dissonantes, propositalmente, ainda de pé, e bota os pés nas teclas agudas e depois nas graves. Finalmente, senta no banco e fecha as teclas do piano e fala para a plateia)***

**Jéssica surda:** Foi assim que tive que reaprender a ouvir. É difícil. Tudo é ruído até ser som novamente.

***(Entra o doutor, de máscara nos olhos e estetoscópio nos ouvidos)***

**Doutor:** isso é uma crise. Ela acontece quando há estresse auditivo. Façamos um pouco de terapia sonora (***Doutor se comporta, caricatamente, e faz como se fosse um ritual estranho e exagerado***). Vamos fazer silêncio. Inspiiiiire e expiiiiire. Inspiiiiire e expiiiiire. (***Sarcástico com positividade tóxica***) E não pire! (***Muda a feição para sério e fala para a plateia***).

**Doutor:** A perda auditiva traz sérios desgastes à saúde mental. Isolamento social, baixa autoestima e dificuldade de comunicação podem levar a desenvolver ansiedade e depressão. A falta de estímulos auditivos contribui para problemas de atenção, memória e concentração; surdos têm mais facilidade de desenvolver demência. A perda auditiva, acompanhada de zumbido constante, atrapalha o sono e gera desconforto aos sons mais intensos, limitando a participação em encontros sociais. Há o esforço de escutar; que, além de provocar um cansaço mental no final do dia, devido à dificuldade de compreensão de fala, pode afetar negativamente a memória e atenção. (***Após a fala, sai de cena. A luz volta e os personagens também***)

**Jéssica judia:** Nossa, que lástima!

(***Entra Ernest Huet e fala em português e em libras concomitantemente***)

**Ernest Huet:** Sim, temos problemas, mas há também outras soluções.

**Jéssica judia:** E esse agora, de onde veio?!?

**Intérprete-libras: (Texto aparece no projetor)** Esse é Ernest Huet, surdo criador do que hoje conhecemos por LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

**Jéssica Surda:** É uma honra tê-lo em nossa história (***Tenta falar em LIBRAS, mas não consegue.***).

**Ernest Huet:** Não se preocupe, eu faço leitura labial e a senhora fala muito bem. E o senhor é o precioso compositor Ludwig Van Beethoven, surdo oralizado como nós? (***Huet fala, escreve, faz as libras do sinal músico e faz o sinal para Beethoven***)

**Beethoven:** (***Olha horrorizado e escreve no caderno***) O que é isso? (***Repete o sinal***)

**Ernest Huet:** (***Ri meio sem graça***): Libras?

**(Na projeção, aparece mais uma vez o celular de Jéssica, que toca novamente com o mesmo número anterior. Visivelmente incomodada, Jéssica surda pede ajuda ao intérprete, que, juntos, atendem o telefone. Jéssica coloca a ligação no modo viva voz)**

**Jéssica surda:** Alô!

**Voz no telefone:** Boa noite, eu poderia falar com a senhora Jéssica?

**Intérprete:** Quer saber se é Jéssica.

**Jéssica Judia:** Eu?

**Jéssica Surda:** Não, eu... Pode falar.

**Voz no telefone:** (***Fala rapidamente, com voz anasalada e sota-que paulista, como operadora de telemarketing***) Olá! Boa noite, Jéssica! Somos da TeleComunica+, a operadora que conecta você ao que realmente importa! Hoje, estamos entrando em contato para

oferecer uma super oportunidade com um plano exclusivo, único e especial que vai revolucionar a sua experiência de comunicação. Com o nosso \*Plano Mega+, você tem ligações telefônicas ultrarrápida, superveloz e de alta velocidade, além de minutos ilimitados, sem limites e totalmente sem restrições\* para ligações. E não para por aí! \*SMS ilimitado, mensagens sem fim e sem custo adicional\* também estão incluídos! É a \*melhor oferta, a mais vantajosa, a mais incrível\* do mercado! E só hoje, \*exclusivamente hoje, você ainda ganha um \*\*desconto especial, único e imperdível\* para aproveitar! Não perca essa \*oportunidade única, exclusiva e limitada! \*\*Ligue agora, neste exato momento, e contrate já\*!

**Jéssica Surda e intérprete:** Quê?

**Jéssica Judia:** *(exagera na dicção e fala gritando)* Oh, moça, ela tem problema de audição, tem que falar mais devagar e claramente, sem parecer que está tendo um mal súbito!

**Jéssica Surda:** Moça, de onde é mesmo?

**Voz no telefone:** *(Fala inicialmente devagar e vai acelerando)* Somos da TeleComunica+, a operadora que conecta você ao que realmente importa! Hoje, estamos entrando em contato para oferecer uma super oportunidade com um plano exclusivo, único e especial\* que vai revolucionar a sua experiência de comunicação. Com o nosso \*Plano Mega+...

**Jéssica Surda:** *(Interrompe)* Moça, você tá oferecendo o quê?

**Jéssica Judia:** *(Imita e repete a voz do telefone, fechado o nariz com os dedos, anasalado a voz)* “Super oportunidade com um plano exclusivo, único e especial que vai revolucionar a sua experiência de comunicação”

**Jéssica Surda:** QUÊ?

**Intérprete:** É um pacote de ligação telefônica.

**Beethoven e Huet (*respondem juntos*):** *MAS ELA É SURDA!*

**Jéssica surda:** Moça, obrigada, mas não quero não. Sou surda, não faço e nem atendo ligações telefônicas. Vocês não têm promoção para mensagens e atendimento por escrito?

**Voz no telefone:** Não, senhora. Neste caso, vou indicar o nosso SAC para solicitações especiais para deficientes auditivos. É só ligar no número 0800 769 171. O número do seu protocolo é 202589576324681085. Quer que eu repita o número do protocolo?

**Jéssica Surda:** Não, obrigada! (*desliga o telefone*) Desculpe-me...

**Jéssica Judia:** Que aparelhinho é esse, luminoso e infernal, que te oferece algo que não podes desfrutar? (*sentada na ponta do banco do piano e observa*)

**Jéssica surda:** Ah, é a tal da tecnologia. Ajuda, mas, às vezes, atrapalha...

**Doutor (*Aparece de repente*):** Mas há muitos benefícios! O senhor Beethoven gostaria de ouvir sua 9ª Sinfonia? (*Beethoven não entende e o doutor escreve no caderno: "quer ouvir a 9ª sinfonia?"*)

**Beethoven:** Sim, por favor! Como pode acontecer esse milagre?

**Doutor:** (*Doutor coloca aparelhos auditivos em Beethoven*) E, agora, o senhor me ouviu?

**Beethoven:** SIM!!!!!!! Mas que voz horrorosa o senhor tem!

**Huet:** É melhor aprender Língua de Sinais e leitura labial!

**Beethoven:** Tirem esse homem de perto de mim!

***(Beethoven e Huet ensaiam uma briga, sendo afastados pelo doutor)***

**Jéssica surda:** falem de forma mais sutil, aparelhos auditivos não são ouvidos. Não conseguimos distinguir as distâncias dos sons, nem sua direção. É um verdadeiro inferno, chamado de “adaptação”! Mas, quer saber? Que seja!

***(Jéssica surda declama para a plateia)***

Pronto, sou surda,  
 não burra, nem doida, não muda,  
 só surda!  
 Sei muito bem  
 o que falo,  
 trato e faço!  
 Pensa que é fácil?  
 Quero ver fazer o que eu faço!

***(Beethoven abre o piano, senta e toca notas devagar, suaves... e, então, inicia o tema da 9ª sinfonia, os outros ouvem maravilhosos...Luz foca em Beethoven, e Jéssica surda declama o início do poema “ode à alegria”, de Friedrich Schiller, seguido por Ernest Huet e Jéssica judia)***

**Jéssica Surda:**

Ó, amigos, mudemos de tom!  
 Entoemos algo mais prazeroso e mais alegre!  
 Alegria, formosa centelha divina,  
 Filha de Elysium,  
 Ébrios de fogo, entramos em teu santuário celeste!

**Ernest Huet:**

Tua magia volta a unir o que  
 O costume rigorosamente dividiu.  
 Todos os homens se irmanam,  
 ali onde repousam tuas doces asas.

**Jéssica Surda:**

Quem já conseguiu o maior tesouro  
 de ser o amigo de um amigo,  
 quem já conquistou a pessoa amada,  
 rejubile-se conosco!

***(Beethoven toca o tema principal da 9ª sinfonia e os outros personagens tocam os instrumentos idiofones. Um coral canta em canto lírico o trecho final da 9ª sinfonia, que repete o poema declamado. Na projeção, um coral de intérpretes de LIBRAS faz a interpretação do mesmo trecho)***

FIM -

FOTO DE FÁBIO PEREIRA DE OLIVEIRA (TA'ANGAHARA)



Fábio é indígena em contexto urbano, juremeiro, candomblecista, ambientalista, escritor, roteirista, documentarista, pesquisador orgânico. Formado em Audiovisual pela UFRN. Especialista em Turismo, Literatura e Cultura pela UERN. Mestrando em Antropologia Social.

# RETOMADA

## **SINOPSE:**

Em “Retomada”, acompanhamos a trajetória de Matheus, um adulto que só depois dos 38 anos procura entender sobre suas raízes indígenas e se reconecta com sua identidade. Ao longo da peça, Matheus narra com emoção e profundidade os momentos cruciais que o levaram ao conhecimento de si. O monólogo transita entre memórias, pensamentos e emoções, revelando as histórias em sua própria linhagem familiar, transformando sua visão de mundo. Um testemunho poderoso sobre a busca de Matheus por sua identidade e um convite ao público para refletir sobre suas próprias raízes.

## **TRAJETÓRIA E OBJETIVOS DA PEÇA:**

**CENA 1** – Desconstrução da história do Brasil na narrativa colonial

**CENA 2** – Narrativas de origens: identidades e diversidades

### **CENA 3** – Sobre o que é desenvolvimento e vida bem-sucedida?

O objetivo é causar reflexões sobre as origens de cada um dos espectadores e sobre o que é vida bem-sucedida. Os questionamentos e as evidências do ator tendem a se encarregar desse processo de forma crítica, ao mesmo tempo que também de forma engraçada. A peça conduz a esse objetivo narrando costumes, situações e experiências vividas pelo autor, além de outros elementos que estão ao nosso redor, embora, por muitas vezes, passem despercebidos.

### **CENA 1**

***Uma sequência de fotografias e desenhos de indígenas, na época quinhentista da colonização, é projetada em uma tela no palco, como um flash na projeção. Enquanto as imagens passam, uma voz feminina surge no meio de burburinhos de crianças, em uma sala de aula, tendo como trilha o som de um maracá e um canto indígena Tapuia.***

**Professora (apenas a voz):** Atenção crianças! Atenção! Na aula de história de hoje, vamos começar com a História do Brasil! Abram aí o livro na página 50, no capítulo “O Descobrimento do Brasil!” ***(Som de páginas de livros e burburinho de sala de aula)***. Ô, Matheus! Trouxe seu livro, né? Leia pra gente o primeiro parágrafo.

**Matheus (Apenas a voz de criança):** O dia do.... “DESCOBRIMENTO DO BRASIL” é comemorado no dia 22 de abril. Esta data marca a chegada dos navegadores portugueses ao território brasileiro pela primeira vez, em 1500. Nesse ano que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, ele foi o primeiro a encontrar as novas terras e liderou uma expedição de 13 embarcações...

**Projeção para e luzes se apagam simultaneamente. Após alguns segundos, uma luz a pino no meio do palco acende. O ator entra em cena abaixo dessa luz.**

**Matheus (Já adulto e ator em cena):** Parou, parou, parou ... parou! Chega dá um embrulho ouvir essa mesma ladainha, essa mesma história? Esse aí que acabou de ler era a minha pessoa aos 10 anos de idade, lá na década de 90, não muito distante! Sabia nem quem eu era, onde eu tava, nem muito menos para onde iria... E eu ainda tô tentando entender tudo isso! Minha mãe era da igreja, que também nem sabia quem era, nem onde tava, nem pra onde iria. Escolheu um desses nomes bíblicos, assim como muitos aqui que eu seeeei: Davi, Sara, Pedro, Isabel, Samuel, Judite... Enfim... Vocês acreditam que só depois dos 30 que eu fui saber que toda essa historinha era mentira? Que foi tudo inventado para idolatrar os heróis do taaaaal descobrimento, das taaaais expedições? Antes, eu tirava onda com uns crente, amigos meus. Eu falava: *“Eu quero ver a tua cara quando tu souber que tudo que tu acreditava a vida inteira não passava de uma mentira, visse?!”* E nessa... o feitiço virou contra o feiticeiro. E até hoje eu pergunto a mim mesmo: *“E agora Matheus?”*. Pois é... O nosso país foi descoberto, mas vamos concordar que deram um jeito e ainda botaram o nome de Brasil! Mas, para o bom entendedor, Pindorama já basta! Foram descobertas, desmatadas, as florestas daqui – inclusive a Mata Atlântica. Tiraram tudo! O povo só fala em Amazônia, Amazônia e Amazônia. Parece até que não existem outros biomas. Até isso escondem da gente! A gente já tava aqui há uma pá de séculos! Por esses dias, meu sobrinho, que também não sabe quem é, nem onde tá e nem pra onde vai, precisou de ajuda na tarefa de casa. Mais uma daquelas pérolas das aulas de história. Quando eu peguei o livro, tava lá a marmota: a gente só de um jeito, como se tivesse parado no tempo, lá em 1500 e pouco. O pior é que tem uma pá de gente que acha que a gente

tem que ser assim... E andando pela cidade, a gente vê cada nome de gente nas ruas, nas escolas, nos outros cantos... Mas ninguém sabe a História por trás de tudo isso. É culpa de vocês? Talvez sim... talvez não. A gente reproduz o que escuta, o “ctrl c”, “ctrl v” da vida pela oralidade. Não precisa nem de computador pra isso! Ali, na avenida Prudente de Moraes, quem aí já passou ou até estudou lá sem saber, na escola MASCARENHAS HOMEM? Matou tanta gente esse aí, séculos atrás, e olha só, virou nome de escola! Quem aí é daqui de Natal? Já andou pela DEODORO DA FONSECA, FLORIANO PEIXOTO, HERMES DA FONSECA? E tantos outros MILITARES, FAZENDEIROS, ESCRAVAGISTAS, GENOCIDAS E BANDEIRANTES que tiraram a vida de uma pá de gente daqui? Gente nossa mais velha, tataravô, tataravó e sabe-se lá quem mais nesse muído! Fizeram sabe o quê? Podaram ao contrário! Pelas raízes da nossa História. Até quem não é daqui, EU TENHO CERTEZA, que tem ruas, escolas e seja lá onde for, com nome de alguma gentinha dessa aí! Por falar nisso, quem aí lê ou até já foi nas estruturas de CASCUDO?... Eu seeee que tem gente que vai lá na casa, no museu, que lê e até defende viu?! Maaaaas essa parte aqui fica pra outra peça, né? Andando pelas ruas, temos aí JAGUARARI, ITAPETINGA, KANINDÉS, CAICÓS, PAJEÚS, PAIANAZES, PAIATIS que chamam de AVENIDA 6, 7, 8 10 E 12 pra tentar nos apagar! Muita gente nem sabia disso, não aprenderam qual rua é aonde até hoje, imagineeeee, o nome do nosso povo! Eu mesmo fui saber um dia desses, minha gente!

***(Luzes apagam)***

## **CENA 2**

***(Imagens de várias pessoas do Rio Grande do Norte são projetadas por uns 20 segundos. Em seguida, o ator entra em cena sob outro foco de luz).***

**Matheus:** Se até hoje ainda é ensinado que o Brasil foi descoberto, imagine aí o que foi que aconteceu com o nosso povo, hein? Tanta coisa que não foi escrita, tanta coisa que não foi dita! Anos atrás, quando comecei a entender quem eu era, viajei pra Caicó e fui perguntar a minha vó a história da nossa família, que era tudo de lá! Ela arroteou, arroteou... falou da roça, dos mal olhado tirado com ramo de pião roxo no quintal de dona Zefinha, do pé de umbu no quintal, das pedras para fazer o fogo, tomava água no pote de barro e comia na cuiá, o beijú que fazia logo cedo, a carne de sol que botava para quasar, do cachimbo que fumava de tardezinha, às vezes era escondido e eu não sabia o porquê.... Aí eu.. peraí! Se a senhora come comida indígena, tem mania de indígena e vive em terra indígena... então, a senhora é indígena, né? Ela olhou pra mim assim meio torta e disse... *Nããão sou não, sou índia não, que história é essa?! Num existe mais índio por aqui!* Danou-se! um bocado de interrogações para minha cabeça. Aí eu só disse “*tá certo, vó, tá certo, vó*”, não quis forçar a barra, né? Mas com uma amiga branca de olhos azuis que nasceu lá pras bandas de Currais Novos eu tirei onda, visse?! Ela juuuura que é europeia e sabe qual o nome dela?

### ***(Segundos de silêncio)***

**Matheus:** JACIARA! hahahahahah o povo olhava assim e dava uma Stefanny, Isabelle, Sophia, e talvez com sobrenome Bittencourt, Salvatori, Alckmin, Pinheiro... Mas nem mesmo ela sabia que era “filha da lua”, do tupi, que, inclusive, é um nome lindíssimo! A menina tinha nome indígena, tinha mania de indígena, comia comida indígena, mas.... só queria ser o povo do outro lado do mundo, como é que pode???

### ***(Interação com o público)***

**Matheus:** Olhando daqui, eu vejo um bocado de indígena, nem que seja no nome! Tem alguma Amanda aqui? Pronto, Amanda vem de *amana*, do tupi, que significa “chuva, a água que vem do céu”! Tem alguma Maíra? Maíra é “cor de mel”! E tem algum Kauê? Kauê significa “bondoso, caba bom”! Aí o povo às vezes bota o nome bonito desses numas peste, né?! E Enzo?? Nããããooo! Enzo não tem origem aqui não visse (*risos*)... E meu nome, do qual não tenho gosto, assim como o de muitos, veio da lavagem da igreja e da bíblia...

Quando viajei para outros agrestes, outros sertões, e aqui no Rio Grande do Norte mesmo viu! Num precisei ir muito longe não! Eu olhava assim para o povo, analisava, puxava conversa. Às vezes, era fácil, tinham pessoas que eram mais receptivas, ou como dizem por aí eram “pessoas dadas”, né? Aí a conversa era massa demais, botava a rede na área ou no pé de umbu, dormia por lá mesmo. E tinha outras pessoas que eram mais cismadas, carrancudas e, depois de muito tempo de conversa, ficavam mais “dadas” que as outras. Eu olhava assim para o povo, analisava e... pensava: o povo é diverso demais aqui, minha gente! Tem caboclo e cabocla de tudo quanto é jeito! Alto, baixo, gordo, magro, olhos puxados, olhos grandes, cabelos curtos, cabelos longos, povo cismado, povo receptivo, enfim... Eu via a dona Magna, uma senhora de seus 80 anos, era alta, olhos grandes, cabelos grandes e quase sempre presos, foi minha avó enquanto estive de passagem lá em Ipueira. Ela fazia um beijú igualzinho o da minha vó mesmo! E as brincadeiras de ruas, os curumins e cunhatains, perto do açude em Parazinho, alguns com as baladeiras tirando umbu em uma época que dava de monte! Um balanço que improvisavam, às vezes com um pedaço de tábua ou um pneu de trator, e era uma briga afoita para se balançar por uns instantes nos finais de tarde. E seu Anísio, em Santana do Matos? Cuidava das poucas terras que tinha de

um jeito que parecia uma pessoa, só vocês vendo! Era todo dia cuidando do roçado de raiz, dos feijão, dos maxixe, que também plantava. Aquele cheiro de terra que ninguém confunde e que nos renova. Ah... como era bom! Ah, como pode ainda ser bom! Todo interior que eu andava mexia com meu interior! Quem aí chega da casa da vó volta triste porque não queria voltar pra essa loucura das cidades? E nessas idas e voltas, atravessando o RN, eu descobria! Descobria algo, uma história! Que foi encobera e para muitos ainda está.

***(Imagens e vídeos na cidade, fluxos de transportes, barulho urbanos, buzinas de veículos, trabalho, indústrias, fábricas, ônibus cheios e outros elementos que evocam estéticas da metrópole)***

**Matheus:** O que danado eu vim fazer aqui? Nesse caos, nessa loucura...Quando a gente tá crescendo, a gente desvaloriza o que tem. Éramos riiiiiiicos e não sabíamos, minha gente! A gente tinha que se sentir importante vindo pra cidade? Mas no fundo, no fundo.... num era isso não! Era necessidade mesmo de conseguir um pirá piré (dinheiro) pra ajudar em casa e estudar. A gente acaba se acostumado com o que não nos deixa feliz, que negócio esquisito esse... E, depois de um bocado de ano, eu tinha mesmo que me acomodar aqui e criar umas raízes no concreto? É... porque, olhando agora, foi uma acomodação! Tem gente que ainda consegue voltar de onde se criou, de onde nasceu, os mais velhos ainda tão vivos, né? Muita gente não tem tanta sorte assim, quando volta já não tem mais é nada! Num tem mais casa, num tem mais mata! Nem mais brincadeira de balanço e baladeira nos campos... Arrancaram as árvores e colocaram ventiladores gigantes!

### CENA 3

*(Imagens e vídeos de torres de parques eólicos, placas de energia fotovoltaicas, gasodutos e similares)*

**Matheus:** Aí um conhecido meu, que já nasceu na cidade grande, veio com um papo que a energia eólica era uma energia limpa e sustentável e num sei mais quantas... Aí eu perguntei: “meu caro! SUSTENTAR O QUÊ?”. Os caras invadiram as terras das nossas famílias, pagaram uma mixaria pra tirar a gente do lugar, para não falar que foi expulsão, né? Descobriram tudo de novo, matas e mais matas, o solo já não é mais a mesma coisa, sem falar nos bichos, né? Que não se escuta mais canto de sariema, nem cançã, nem de “tem farinha aí”... Eu num tô perguntando se tem farinha não, é o nome do pássaro mesmo! Mas me diga aí, meu camarada, sustentar o quê? Depois, fui entender o silêncio dele, omi! Ele num trabalhava como técnico ajeitando essas torres, omi?! É um galado mesmo! Mas aí esse foi café pequeno pra outra coisa que fui entender que tava acontecendo... Tinha um bocado de parente vindo pra cidade fazer curso para ajeitar essas torres. Essas mesmas torres que tão acabando com as matas e os territórios deles mesmos! Mas não era só isso: um bocado de parente também indo trabalhar pra usina de açúcar que tanto destrói matas e mais matas pra plantar cana de açúcar! E assim por diante. Agora, me diga aí como a gente sai dessa?! Porque é muito bonita aquela conversa descolonial, decolonial e agora contracolonial, né? Que tanto é falado na academia... Mas, minha gente!... Os boletos e as contas não param de chegar viu?! ahahahahah. Esse papo bonito não é pra chutar o pau da barraca colonial e fazer de conta que esse sistema doido não existe! hahahahaha calma! Alto lá! Mas será que não existe uma forma, um jeito, de “hackearmos” esse modelo de vida? Eu digo hackear, porque, quando se pensa em solucionar as coisas de uma forma quase impossível, se usa “hackear”, né? Parecido com aquele

“jeitinho brasileiro” de resolver as coisas. Eu não tenho a solução pra tudo, aliás, para quase nada! Mas posso fazer uma provocação sobre tudo! É botar o fogo no parquinho que chamam? O povo já me vê como um louco, um subversivo que quer virar a sociedade de ponta cabeça, que só arruma confusão! Fazer confusão não!... Questionar o mundo posto como sempre foi, etnocida, ecocida, machista, colonialista agora é fazer confusão? Huum, parece que alguém lucra com isso a ponto de ser visto como um ataque. Quem se beneficia com isso? Já se perguntaram? Pois tá aí! O mundo como tá agora! Tão vendo que deu merda essa colonização, esse jeito de pensar, essa lógica destrutiva disfarçada de progresso! Um bocado querendo voltar pra casa, voltar pras origens, sair dessa loucura ocidental, sentir cheiro de mato, de terra, da merda de boi, de ouvir o canto dos pássaros, mas como? Quando? Me diga aí? As correntes capitalistas já nos prenderam de tal forma que mesmo se tivermos as chaves não é tão simples destrancar e libertar-se! Sigamos no caminho de volta pra casa... E às vezes nem precisa sair do lugar e isso não se faz sozinho, só se faz no coletivo...

***(Projeção de cenas de estradas de barro, árvores, casas no interior, pessoas indígenas urbanas e aldeadas e outras cenas cotidianas não-urbanas são projetadas, ao mesmo tempo em que um canto Potiguara é toado a partir de texturas sonoras vindos de um maracá e uma flauta de pífano).***

**FIM.**

FOTO DE TAVINHO MIRANDA



Sebo, Bú e Eu é a dramaturgia de estreia de Tavinho Miranda. Ator, dramaturgo, poeta e compositor, Tavinho Miranda surge no cenário artístico no período pós-pandêmico. Sebo, Bú e Eu é o resultado do seu encontro com sua negraidentidade através da ficcionalização de sua história familiar e de fatos importantes da história de Alagoas, estado natal de sua ancestralidade negra e fé afro-ameríndia.

## SEBO, BÍU E EU.

Mito de Origem: Sebo, Bíu e Eu conta uma história de desigualdades sociais, racismo/colorismo, intolerância religiosa e identidade negra (negratitude) a partir das lembranças ficcionadas das personagens que dão título ao texto, narradas a partir do ponto de vista de um deles, Otávio. A narrativa da história desses três personagens centrais ocorre em “Flashback” e “Flashforward”.

### PERSONAGENS:

**Otávio/Narrador:** Filho de Bené/Bíu e de Nidinha. Se descobre negro já na maturidade. Esta “descoberta” traz à tona uma série

de lembranças que, memoradas, vão revelar as histórias potentes que rodeiam cada um de nós.

**Arthur/Sebo:** É um homem negro, porém, albino. Filho de Maria Candom, é uma criança curiosa e sagaz. Ele gosta de acompanhar a sua mãe durante os rituais religiosos de seu terreiro. Em 1912, quando tinha cinco anos, presenciou um ato de intolerância religiosa que tirara a vida de sua mãe. Arthur/Sebo passa a viver nas ruas.

**Maria Candom:** Maria é uma mulher negra, filha de ex-escravizados, mãe solo de gêmeos idênticos, sendo um deles albino.

**Malika:** Mulher negra, amiga de Maria Candom.

**Bené/Bíu:** Homem negro, primogênito de Arthur/Sebo e Júlia/Juju, nasceu em 1930, quando seu pai conta vinte e três anos de idade.

**Júlia/Juju:** Mulher negra, companheira de Arthur/Sebo, mãe de Bené/Bíu e avó paterna de Otávio.

**Nidinha:** Mulher branca, casada com Bené/Bíu, mãe de três filhos: Xandi, Soneca e Otávio.

**Xandi:** Filho de Bené/Bíu e de Nidinha.

**Soneca:** Filha de Bené/Bíu e de Nidinha.

### **LINHA DRAMÁTURGICA:**

A narrativa tem início com parte das personagens dentro de um carro indo para a praia de Porto de Galinhas/PE e, de repente, resolvendo ir visitar o pai de Bené/Bíu, no estado vizinho,

Alagoas. A partir daí, o que seria uma viagem de lazer se transforma em uma viagem através das afetividades, memórias, identidades e superação.

## CENA 01:

**“MARGARIDA QUE AMAVA BETO... QUE AMAVA LU... QUE AMAVA DANILO...”**

***(A peça inicia com o vídeo da propaganda da Brasília - Volkswagen, anos 70. (Brasília Volkswagen - Propaganda em HD - Anos 70). Bené/Bíu e Nidinha entram em cena e sentam nos bancos da Brasília anos 70, que foram colocados, previamente, de frente ao público. Eles entraram com os filhos no carro. A projeção agora mostra as três crianças na parte de trás da Brasília anos 70. Bené/Bíu e Nidinha dão início à viagem, interagindo com as crianças e com as paisagens. Na projeção, placas indicativas de trânsito dão a indicação para onde o grupo vai. No carro, todos ouvem “No toca fitas do meu carro”, de Bartô Galeno) No Toca-Fita Do Meu Carro - Bartô Galeno (Áudio Oficial))***

**Nidinha:** Ô Bené... Já que a gente já tá no meio do caminho mesmo, vumbora pra Maceió ver teu povo, teu pai? Já tamu no meio do caminho mesmo! *(Empolgada)*

***(Os atores em cena estão sentados em dois bancos dianteiros de Brasília, de frente para o palco. Por trás dos atores imagens do banco de trás da Brasília mostram três atores/atrizes crianças em algazarra, e a estrada ficando para trás)***

**Bené/Bíu:** Hã!? Ir para Maceió assim mulé, do nada? Nem roupas dos meninos a gente trouxe...

*(Entre risos e excitação com a proposta feita)*

**Nidinha:** Conversa, ômi, vumbora! As mininas de Jober são tudo do tamanho dos meninos, eles podem vestir os shorts delas.

*(Raciocinando empolgada)*

**Bené/Bíu:** Nidi... Nidi...

*(Sorrindo e sinalizando afirmativamente. Projetado no telão, por trás dos atores, as crianças concordam felizes)*

**Otávio:** Pai, Pai, Pai, Pai, Pai, Pai!!!

**Nidinha:** Minino, o que é isso, hein?! Fale devagar, danado!!

*(Se virando para tentar cascular quem falou. Na projeção no telão, as crianças tentam fugir dos cascudos)*

**Soneca:** Pai, tira essa música chata e põe Tina “Tcharles”, aquela que a gente gosta, põe, pai, vai!

*(Na projeção do telão, atriz/criança falando)*

**Xandi:** É, pai, bota aí!

*(Na projeção do telão, ator criança falando)*

**Bené/Bíu:** Peraí, meninos, peraí... boto já, boto já...

*(No telão, as imagens das crianças na parte de trás da Brasília são substituídas pelo videoclipe de Tina Charles I Love To Love by Tina Charles. As crianças cantam felizes. A projeção mostra cenas da estrada passando. O palco vai escurecendo aos poucos. A música "I Love to Love" vai sendo substituída por "Retrovisor", de Fagner Retrovisor Raimundo Fagner. O telão mostra o banco de trás da Brasília com as crianças dormindo. A projeção mostra a placa da divisa dos estados de Pernambuco e Alagoas. A projeção passa a mostrar cenas dos bairros populares de Maceió, no início da noite. No carro, todos dormem. No toca-fitas, ouve-se Elis Regina Elis Regina - Como Nossos Pais. Bené para o carro, eles chegaram à casa de Arthur/Sebo. Bené/Bíu desliga o toca fitas)*

**Bené/Bíu:** Enilde... acorda, acorda... chegamos!

**Nidinha:** Hummm?! Hã?! O quê?! Já?! tô ariadinha... Eita, Bené, olha teu pai ali na janela da casa de teu irmão.

**Bené/Bíu:** É, Enilde, é ele mesmo... Tá pouquinho, né?

**Nidinha:** ô, meu fio, é a idade né? A idade...

*(No telão, surge a imagem das crianças começando a acordar, preguiçosas, se animando enquanto Nidinha pede silêncio)*

**Nidinha:** Psiuuuuuuu! Fiquem quietos!! Seu pai quer fazer uma surpresa pro véio.

*(Bené/Bíu aproxima o carro devagar parando um pouco antes da casa. No telão, a imagem sai do banco de trás do carro e mostra a visão da frente do carro, uma casa simples,*

**cor de rosa, tipo interior. Na janela da frente, um senhor olha a rua)**

**Bené/Bíu:** Vou lá, Enilde! Será que ele vai se lembrar de mim depois de tanto tempo?

**Nidinha:** Lógico que ele lembra, omi... teu pai!

**Bené/Bíu:** A idade, né... os sofrimentos... os aperreios... os acontecidos da vida, Nidi...

**Otávio e Xandi:** Pai, pai, pai, pai pai... deixa a gente ir com o senhor!!!

**(No telão, a imagem sai da casa e volta para as crianças, que falam em uníssonos)**

**Bené/Bíu:** Bora, pra ver se o vô de vocês reconhece a gente. Mas fiquem quietos!

**(Bené/Bíu sai do carro e caminha em direção à casa. O telão projeta a imagem do velho na janela e as crianças – Otávio, Xandi e Soneca – chegando correndo alvoroçadas).**

**Bené/Bíu:** Boa noite...

**Arthur/Sebo:** Banoite, cidadão...

**(Sebo responde na tela)**

**Bené/Bíu:** Boa noite, senhor...

**Arthur/Sebo:** Ba noite, sinhô, o que deseja?

***(Arthur/Sebo responde da tela)***

**Bené/Bíu:** Falar com o senhor...

**Arthur/Sebo:** Comigo? Eu num fiz nada naum, sinhô, viu?  
O Sinhô né da puliça?

***(Arthur/Sebo fala, as crianças riem baixinho no telão)***

**Bené/Bíu:** Eu? Eu não, sinhô... Eu sou da...

***(É interrompido por Sebo no telão. As crianças acham graça)***

**Arthur/Sebo:** Eu num quero saber quem tu é naum, sinhô!  
Entonces, vá se saindo viu, vá se saindo ou eu mando chamar  
meu filho Biu, viu?! Ele sim é da puliça! Se saia, se saia...

***(Sebo olha para as crianças, apontando para uma delas na tela).***

**Bené/Bíu:** Olha ele aí, meu fio Bíu. Meu fio... venha para cá  
meu fio, para junto de mim... Vem tu também galeguim, vem!

***(A cena/diálogo se dá totalmente entre atores em cena e no palco).***

**Bené/Bíu:** Pai, sou eu seu filho Benedito, Bené, Bíu, pai...

**Sebo:** Nam sinho, meu fio Bíu foi simbora faz anos pra Marinha  
e de lá ganho o mundo pras estrangeiras. O sinho que si passar  
por ele por quê, sinho?

**Sebo:** Ah, eu já seio, seio sim! É porque o sinho sabe que ele  
virou um homi famoso, que faz até... até este bicho que anda  
debaixo das águas...

**Bené/Bíu:** Submarino, pai...

**Sebo:** Isso mesmo, sinho, esse tal aí, sim! Mas como o sinho sabe?!

**Bené/Bíu:** Porque eu sou seu filho, pai, Benedito, Bené, Bíu... que ia buscar sururu no Mundaú com o sinho de manhãzinha, se lembra?

*(Sebo faz cara de pensativo, intrigado, olha para as crianças e para Bíu)*

**Bené/Bíu:** Quer ver pai? Escute... “Tião?, Oi... Fostes?, Fui... Comprastes? Comprei... Pagastes? Paguei... Me diz quanto foi? Foi quinhentos reis...”

*(Canta para Arthur/sebo. Arthur/Sebo encara Bené/Bíu reconhecendo-o lentamente).*

**Sebo:** Mofi... é mofi Biu... Ô num é mofi biu? Nam... O sinhô num é môfi biu naum! Mofi biu tem a cara lisa.

*(Arthur responde na tela)*

**Bené/Bíu:** Sou eu meu pai, sou eu sim! A gente voltou da Inglaterra tem um tempo já, mas só pude vir te ver agora, estes aí são seus netos.

**Sebo:** Ah sim, me alembrei...

**Otavio e Xandi:** “A gente já voltou, vô! Faz é tempo...”

**(Unísson)**

**Otávio:** É, vô!

**Xandi:** A gente já disse, abestalhado!

**Soneca:** Deixem de briga! Vão confundir vovô!

**Sebo:** Ah, sim... entendi. Então, meu fio, venha aqui dá um abraço no pai e me contá as novidades, deve ter muita coisa pra contá. Meu fio Bíu voltou! Meu fio Bíu voltou!!

**Bené/Bíu:** Tenho, sim, meu pai. Me dê licença, que eu vou entrando. Peraí, meu pai, peraí...

**Bené/Bíu:** Enilde, Nidinha, vem timbora, papai lembrou de mim!

***(Neste instante, Nidinha se levanta do banco da Brasília, vem em direção ao Bíu e ambos entram na casa. Palco volta a ficar escuro. Narrador entra em cena. Uma "luz fria" acende sobre o narrador)***

**Narrador:** Aah... a memória! Faz tudo ficar tão... tão... tão mais claro, né? Mais próximo! Tá certo que existem memórias ruins, que talvez fossem até mais legal esquecer. Mas, de todo modo, lembrar das coisas é sempre um bom ponto de recomeço, bora ver?

**CENA 02:**

**“BATE MOLEQUE, QUEBRA BRAÇO, PERNA, TIRA SANGUE...  
MAS NÃO TIRA SABER!”**

*(Na projeção: “Bate Moleque, Quebra Braço, Perna, Tira Sangue... Mas Não Tira Saber!” Tia Marcelina - Quebra de Xangô, 1912. A frase acima vai desaparecendo lentamente. Surgem imagens de recortes de jornais da época, sobre o Quebra de Xangô de 02 de fevereiro de 1912)*

**Ex1.**

*(Imagem do Jornal Boca de Alagoas, de 06 de fevereiro de 1912, noticiando que o motivo das atrocidades cometidas contra os terreiros de Xangôs teria sido a reiterada prática de bruxaria a fim de favorecer um dos candidatos a governador do estado)*

**Ex2.**

*(Imagem do Correio Maceioense, de 08 de fevereiro de 1912, dando notícias de que a feitiçaria teria tomado conta da política alagoana)*

*(Novamente, uma “luz fria” acende sobre o narrador)*

**Otávio/Narrador:** Parece notícia de ontem, né? Mas não é. Este fato aconteceu há cento e doze anos, em 02 de fevereiro de 1912, dia de Yemanjá, e ficou conhecido como o “Quebra de Xangô”.

**Otávio/Narrador:** A gente tem essa sensação, de que foi ontem, porque fatos assim, volta e meia, acontecem ainda hoje. Dúvida? Dá uma pesquisadinha aí no Google, que tu vai achar, infelizmente...

***(Toca a música padrão do Google e surge a tela de pesquisa do Google. (Em seguida, trechos do vídeo abaixo Cresce número de casos de intolerância religiosa no Brasil. Otávio/Narrador comenta o vídeo)***

**Otávio/Narrador:** E olha que isso acontece nos dias de hoje, viu?!... Difícil!

**Otávio/Narrador:** Neste triste episódio da nossa história – pouco conhecido, sabia? – muita gente perdeu tudo o que tinha, perdeu a vida, perdeu a dignidade. Mas uma delas se destaca: tia Marcelina, negra africana, primeira e mais famosa Yalorixá Nagô na Maceió da época, detentora da coroa de Dadá. E isso tudo... por que mesmo?

**Otávio/Narrador:** A história conta que no centro disso tudo estava o Governador de Alagoas na época, Euclides Malta, também conhecido pelos seus opositores políticos como “Papa dos Xangôs alagoanos”, apesar deste título ter sido dado a ele de modo carinhoso por Chico Foguinho. Ele é esse aí, ó!

***(Narrador fala apontando a imagem que surge)***

***(Foto 01: Foto ou caricatura de Euclides Mata. Do outro lado, seu desafeto político, Fernandes Lima, mais conhecido pelo epíteto “O caboclo indômito”... Brega, né? Foto ou caricatura de Fernandes Lima surge ao lado)***

**Narrador:** O fato é que Fernandes Lima acusou Euclides Malta de “usar de bruxaria” para se perpetuar no poder... O fato é que Euclides Lima já estava no poder a mais de doze (12) anos...

***(Narrador faz caras e bocas suavizando o fato de poder haver verossimilhança entre os fatos)***

**Narrador:** Aí, já viu no que deu... Sobrou para os mais pobres, inclusive para a mãe de Sebo, Maria Candom... Minha bisavó.

***(Atrizes entram em cena dançando animadamente Cantigas de Exú - (Xirê do Candomblé) Com Letra e Tradução. Atrizes dão início a sua celebração arrumando alguns objetos litúrgicos em cena. A música diminui lentamente ao passo que a iluminação foca nos objetos litúrgicos em cena)***

**Maria Candom:** Laroîê Esú, Mujubá Esú... Nos traga caminhos Esú, caminhos de saúde, sucesso e prosperidade Esú, Laroîê!

***(Na projeção, duas crianças observam curiosas e animadas)***

**Malika:** Bora, Maria... Vambora... avia... melhor não demorar muito hoje...

**Maria Candom:** Conversa... Quem tem medo si enterra em vida!

**Malika:** Né conversa não, Maria! Tão falanu por aí...

**Maria Candom:** Dizeno o que, Malika? O povo conversa muita besteira...

**Malika:** Dizeno que a culpa de Euclides Malta num perder uma eleição é da gente, mulé, tu acha? Isso vai dar Kizomba!

***(A projeção mostra o significado de kizomba)***

**Maria Candom:** Kizomba? A Kizomba começou no dia que trouxeram o primeiro dos nossos para cá, na marra! Oxiii!!! E tem mais, que Euclides gosta de um batuque... Ele gosta, sim!

***(Atrizes dão uma gargalhada)***

**Malika:** Maria, Mulé...

**Maria Candom:** Né não, ti meti!

**Crianças:** Macumbero! macumbero! macumbero!

***(As crianças gritam jocosamente)***

**Maria Candom:** Vocês aí, fiquem quietos, ora!

***(As crianças obedecem sorrindo. As crianças fazem cara de pavor e fogem. Na projeção, surge o rosto de homens da Liga dos Republicanos Combatentes. Os milicianos passam a ofender Maria Candom e Malika. O palco fica totalmente escuro, luzes estroboscópicas dão o clima de confusão. As atrizes se agitam, se jogam ao chão, elas estão sendo agredidas por mãos invisíveis)***

**Maria Candom:** Pelo Sangue derramado de Nosso Senhor, num faça isso num seu moço!

***(Entre pavor e revolta)***

**Miliciano:** Morra, bruxa maldita, morra! Lugar de bruxa com você é no inferno desgraça!!

***(Fala um dos milicianos na projeção. Malika foge ferida, Maria Candom fica no palco caída, morta. As crianças entram em cena, recolhem objetos quebrados, e se agacham junto ao corpo morto, uma luz sobre elas dá o tom solene)***

**Otávio/Narrador:** Pois é... Terrível né? E imaginar que coisas assim ainda acontecem hoje em dia. Façamos a nossa parte. Se você souber de casos de Preconceito e intolerância, denuncie!

### **CENA 03:**

**“SÓ QUEM ANDA NA LINHA É O TREM.”**

FEIRA DO RATO - BENEDITO BENTES.

***(A cena inicia com imagens de feiras livres do Nordeste e do Brasil projetadas em tela Clara Nunes - Feira de Mangaio. Ator entrando em cena procurando Sebo)***

**Feirante 1:** Sebo! Sebo! Cadê tu, moleque da cara lisa, cadê tu, menino?

**Feirante 2:** Ixiii, vai é cansá viu... Ele tá lá mais sordado Dumel venu o povo do pífano. Num sabe como é, omi?!

***(Aparece na projeção)***

**Feirante 1:** É, má assim num dá não, já descarnei tudo, e cadê ele para levar os esqueletu pra fábrica? Sei não viu, sei não...

***(Ator fala saindo de cena. O palco fica vazio e em silêncio alguns segundos. Na projeção Banda de Pífano Cultural de Caruaru. Atores entram em cena)***

**Soldado Du mel:** Bora, Sebo, vumbora, menino, oxe!

*(Soldado Du mel entra no palco dançando)*

**Soldado Du mel:** Espía, Bíu, espia... Oia quem tá oiando pra tu, oia! é Juju, rapaz...

*(Na projeção, surge em meio à música dos pífanos uma menina negra retinta sorrindo, é Júlia/Juju. Sebo observa Juju na projeção. Juju sai da projeção e vem para o palco. Eles dão as mãos, dançam ao som de pífanos e saem juntos do palco. Palco escurece lentamente. Na projeção, imagens de passagem do tempo: 1. Eles se casando; 2. Fatos históricos da década de 20; 3. Eles grávidos de Bíu)*

*(Atriz entra em cena, ela está grávida)*

**Juju:** Ô, Arthur, por que demoro tantu?

*(Ator na projeção)*

**Sebo:** Tava cuidano, no Benidito Bentes.

**Juju:** Cuidano? Eu sei... Tava era no coco do Gogó da Ema, vieru mi dizer, isso sim viu?!

*(Ator na projeção)*

**Sebo:** Foi. Fiz a Feira no Rato e depois fui. Comprei um pífano, ó!

**Juju:** Agora deu o Binidito! Vai virá tocador, num tendo tiborna tá bom. Espía, vem cumê!

***(Neste momento, além de Sebo, a projeção mostra o significado da palavra "tiborna". Sebo se zanga)***

**Juju:** Qui foi, ômi, agora deu pra zangar com tudo... uhum. Vai rezar! Quem gosta de carranca é barqueiro!

**Sebo:** Uns fede menos, outro fede mais...

***(Ator na projeção)***

**Juju:** Oxiiii, agora deu pra implicar com a cantiga alheia foi, ômi? Vá tomar banho, vá, só cheira a jumento, ave maria!

***(Fazendo graça)***

**Sebo:** Vôjá. Como tá o mininu?

***(Ator na projeção)***

**Juju:** Ino.

**Sebo:** Só?

***(Ator na projeção)***

**Juju:** Agora deu... Deixe de aritica e vá se banhar, omi!

***(Projeção mostra o significado de "aritica")***

**Sebo:** Oxi, e perguntá do mininu agora é conversa mole, é?!

***(Ator na projeção)***

**Juju:** Né isso não, omi, é só os pensamentos que voa aqui, voa acolá, tu sabe... É mais um pretinho no mundo.

**Sebo:** Eu sei de nada... e sei sim, o santo protege! Vamu cumê, que tô esgueirado!

*(Ator na projeção/ projeção mostra o significado de “esgueirado”)*

**Juju:** Pois vexee, vá se banhá, que fiz piau (*galinha*).

*(O palco volta a ficar escuro. Juju sai de cena. A projeção mostra a cena do nascimento de uma criança preta. Narrador volta ao palco. Luz fria acende sobre o narrador)*

**Narrador:** É... Se foi exatamente assim, eu não sei. Mas o que eu sei, de verdade, é que, no final, o bem vence... E se não venceu, é porque ainda não é o fim.

#### **CENA 04:**

**“SUNDAY, BLOODY SUNDAY”**

**U2**

30 de janeiro de 1972 - Aeroporto de Heathrow

*(“Proibida a entrada em Cuba e Países do Bloco Socialista. Não é recomendada a visita a países do Oriente Médio, Norte da África e Irlanda do Norte”. Recomendação escrita no passaporte de Bené/Bíu e família em 1974).*

**(Está tocando U2 - Sunday Bloody Sunday-H e na projeção, clipe e cenas de pousos e decolagens se alternam. Atores entram em cena)**

**Nidinha:** Tais realizado nun tais, Bené?

**Bíu:** Tô, Nidi, não fosse essa confusão...

**Nidinha:** Que confusão, omi?

**Bíu:** Parece que explodiram uma bomba, algo assim...

**Nidinha:** Eita, Bené! E agora?

**Bíu:** Agora... Agora nada! A gente vai para o hotel e pronto.

**Nidinha:** E os mininu, Bené?

**Bíu:** O que tem?

**Nidinha:** Como “o que tem”, omi?

**Bíu:** É, o que tem? A gente vai pro hotel, fica lá, amanhã eu me apresento e... é isso.

**Nidinha:** Eu quero voltar, Bené!

**Bíu:** Voltá? Tais doida?

**Nidinha:** Doido deve tá tu, omi! Morar num lugar desses, voti... O povo se explodindo, nammmm!

**Bíu:** Nidi, vai ali dá de cumê aos mininu que eu vou procurar saber direitinho o que houve.

**Nidinha:** E como é que eu vou falar com o omi, Bené?

**Bíu:** Oxi, falando oras! Vá... Vá... Vá...!

*(A tor sai de cena)*

**Nidinha:** Buenos dias, moço...

**Atendente:** Excuse me, ma'am?

*(Na projeção)*

**Nidinha:** Ai, meu Deus! Moço... Garçom... Omi...

**Atendente:** Ma'am... can I help you?

*(Na projeção)*

**Nidinha:** Ai, moço, tu falas mi linguas? Gê farlê francês? Alemón? Ai, Jesus!

**Atendente:** Food?

*(Na projeção, a atendente percebe o desespero e gesticula levando a mão à boca.)*

**Nidinha:** Sim, mi señor, isso mermo! Fudi! Isso sim, fudi!

**Nidinha:** Ai, meu Deus! Graças a Deus! Axe Maria! Até que enfim...

***(Atendente se despede desejando a Nidinha boa sorte. Palco fica escuro. Luz fria acende sobre narrador)***

**Narrador:** Então... D. Nidinha... que coisa, hein? Falando inglês só na base da entoação do “yesss...” e do “noooo...”, deu conta do recado direitinho. É a fibra da mulher brasileira!

## **CENA 05 - FINAL**

**“EU CARREGO COMIGO: CORAGEM, DINHEIRO E BALAI!”**

BANDITISMO POR UMA QUESTÃO DE CLASSE

ÁLBUM DA LAMA AO CAOS - NAÇÃO ZUMBI 1994

***(A cena tem início com a música Chico Science & Nação Zumbi - Sangue do Bairro (Clipe Oficial) tocando e a frase acima sendo projetada na tela e desaparecendo lentamente à medida que o Ator/Narrador entra no palco em silêncio. Ator/Narrador começa a correr no mesmo lugar. Ainda na projeção, a imagem simula alguém que foge de seu perseguidor, olhando para trás, arfando, correndo, fugindo pelas vielas e becos dos bairros das Rocas/Brasília Teimosa em Natal/RN. A projeção interage com Ator/Narrador. Cada ação de um provoca a reação do outro. Ex: Perseguido derruba caixas que atrapalham o perseguidor. Na projeção, simultaneamente a imagens da fuga/perseguição, imagens de violência policial, desigualdades sociais, momentos históricos importantes e artes se alternam. No palco, luzes estroboscópicas dão o clima, e o ator/narrador reage a elas ao som de Monólogo ao Pé do Ouvido (Vinheta) / Banditismo por uma Questão de Classe (Vinheta). A projeção mostra imagens desestabilizadas, como se o perseguido caísse. Ator/Narrador também cai no palco, esgotado, olhando para o teto. Vemos imagens de filmagem de baixo para cima como se***

***mostrasse o olhar de ambos os caídos ao chão contemplando o céu ladeado pelas paredes grafitadas da viela. A projeção fixa-se numa parede grafitada com a imagem de violência policial e desigualdades sociais). Obs.: esta imagem terá de ser recriada por artista grafiteiro local por ocasião da montagem. Ator/ Narrador levanta-se em silêncio, deixando o palco ao som de Nação Zumbi - Meu Maracatu Pesa Uma Tonelada. A projeção continua a mostrar a imagem do grafite ao mesmo tempo que surge a frase “Sempre certo na contramão...”, Chico Science).***

**FIM**



FOTO DE GLÁUCIA MARIA

Gláucia Maria, natural de Natal/RN. Formada em Biologia e Gastronomia, atualmente é aluna de percussão. Acredita que a criatividade e a expressão artística são essenciais para a mudança que queremos no mundo.

# SESSÃO DA TARDE

## PERSONAGENS:

**Mônica:** Pisciana, amante do copo meio cheio, mãe de dois meninos.

**Matilda:** Virginiana, phd em assuntos diversos, desde o amor até a natureza, passando pelo clima e suas consequências, mãe de uma menina.

**Magali:** Taurina na sua essência, mãe de três, apaixonada pela vida e suas linhas, sejam retas ou curvas, e dona de uma escuta surreal.

Amigas, acima de tudo, desde os anos 80. Encontraram na amizade livre a melhor forma de levar a vida. Elas têm profissões totalmente diferentes e se encontram nos mais diversos cafés

da cidade. Ao menor sinal de pauta importante, elas movem montanhas e se encontram para serem “escuta-ativa”. Enquanto tomam café ou bebem vinho, conversam sobre a vida. Muitas vezes não resolvem nada. Ah, inclusive marcam viagens e não vão, mas sempre marcam.

A peça se passa no fim da tarde. O pôr do sol em Natal, com suas cores em tons de laranja, contrasta com os enfeites natalinos e os complementa, na maioria vermelhos, afinal, é Natal em Natal”. Quando a luz se acende, vemos o interior da casa de Mônica, a sala e uma pequena área externa. Ouvimos uma música natalina tocando ao fundo (*possível música: “We wish you a merry christmas” - de Villancicos*). Magali chega.

**Magali: (*fora de cena*)** Migaaaaaaa! (*pausa*) helloooo, cheguei!

**Mônica: (*fora de cena, na cozinha*)** Oieeeee, tô aqui botando o bolo para assar, entra aí!

**Magali: (*Magali vai entrando pela sala*)** Quase não vinha. Cheia de coisa para fazer. Essa época do ano é um inferno. Que cheiro é esse?

**Mônica: (*fora de cena*)** É o cheiro do Natal, é a palmeira que floresce nessa época.

**Magali:** Valha... eu pensava que era incenso (*risos*)

**(*Mônica encontra Magali na sala. Ela vai tirando o avental! Se cumprimentam com um abraço bem demorado*)**

**Mônica: (*risos*)** Isso é um incenso temporário de Natal. Vou me trocar, desço já.

**Magali:** Não vai demorar, né? Pensava que já tava pronta! **(risos)**

**Mônica:** Só cozinho arrumada, você sabe **(risos)**.

**Magali:** Pisciana, né, meu bem?

**Mônica: (orgulhosa)** Com ascendente em Leão. **(falando alto de fora de cena)** Você não tinha terapia?

**Magali: (falando alto)** Eu remarquei. Terapia é prioridade, mas... quando a gente se encontra...

**Mônica: (fora de cena. Falando alto)** ...Perae, não tô ouvindo nada! **(falando pra si)** Cadê aquela blusa?! Quando a gente quer achar as coisas... Achei! **(cantarola enquanto se veste)** “Então, é Natal! E o que você fez?”

**Magali:** Ai, Mônica, essa música “peloamor”...

**Mônica: (para Magali)** Descendooooo! **(Volta à cena)** Vamos ficar ali atrás enquanto Mat chega!

**(As duas vão em direção ao terraço, na parte de trás da casa).**

**Magali:** Então, como eu ia dizendo, ou melhor gritando, encontrar vocês não é terapia, mas é bem terapêutico pra mim. Amo! Menina, sua casa tá linda! Com cara de Natal hollywoodiano! Lá em casa, parece mais aqueles filmes catástrofe: “Armagedon”, “O dia seguinte”.

**Mônica:** Os meninos continuam bagunceiros?

**Magali:** Mulher, e o pior é que agora, na pré-adolescência, pra tudo eles têm argumento. **(imitando)** “Ai, mãe, não pode arrumar a cama porque os lençóis precisam levar vento, se não os ácaros...”: aquelas coisas de tiktokers que eles aprendem.

**Mônica:** Ah, minha filha, com minha avó não teria tiktoker certo. Arrumasse não pra eu ver. Meu influencer era um cinturão no lombo.

**Magali:** Desse jeitinho. Ai, mas Natal em Natal é um presente, né? **(risos)**.

**Magali:** Nem sempre, olhe como tá nossa cidade.

**Mônica:** Verdade! Presente de grego pode ser.

**(breve silêncio)**

**Magali:** Ei, que caixas são aquelas no chão? Curiosa eu...

**Mônica: (disfarçando)** Caixas?

**Magali:** As três perto do sofá. Com laços enormes. **(suspira)** Amo laços!

**Mônica:** É um pedaço de uma história, ou melhor, de um processo...

**Magali:** Lá vem a Mônica misteriosa. Sei não, viu?

**Mônica:** Pois é,,, **(cantarola)** “são coisas da vida AAAA e a gente se olha e não sabe se vai ou se fica aaaaaaaa”. Rita Lee sabia das coisas, viu?

**Magali:** Verdade, a Rita tinha uma visão muito clara da vida. Amigaaa, por que você não quis marcar esse café em outro lugar? Um trabalhão fazer toda a comida...

**Mônica:** Esse encontro é mais que especial, é afetivo, é natalino e temos muito o que conversar. *(silêncio)*

**Magali:** Confesso que eu amo essas comidinhas sem glúten. Cuida, conta logo, o que foi...

**Mônica:** Não sei o que você está pensando, mas... Bom, esse é o primeiro Natal sem minha mãe.

**Magali:** É não viu!

**Mônica:** É sim! *(repensa)* Aliás, é não, você tem razão. Na verdade, foram poucos natais.

**Magali:** Tem vinho? Tô achando que esse papo tá mais pra vinho do que café.

**Mônica:** Tem um que abri ontem. Vamos começar por ele enquanto Matilda chega?

**Magali:** Perguntando pra uma Taurina, meu amor?

*(Mônica vai buscar o vinho e já traz um pratinho com antepastos. Na sequência, ela pega as taças)*

**Magali:** Adoro casas que têm um vinho no ponto. E os aperitivos já prontos. Mulher, tu não existe. Casa comigo! *(risos)*

**Mônica:** Qualquer um serve, né?

**Magali:** Pra casar?

**Mônica:** Não, mulher, o vinho. *(risos)* Mas só tem esse aberto, então, se tem esse vai esse mesmo. *(serve o vinho)*

**Magali:** Foi bem assim meu primeiro casamento. *(risos)*

**Mônica:** Um brinde ao verdadeiro amor. Amor de amigos. *(tomam um gole)* Ai, *(cantarola Rita Lee)* “Qual é a moral, qual vai ser o final...” *(Magali se junta a ela na canção)*

**Mônica e Magali:** “...dessa história!”.

**Mônica:** *(vai trazendo o restante da comida e arrumando a mesa da sala)* Ai, Magali... pra mim, a gente sentar de vez em quando para trocar uma ideia é vital que nem café e vinho,.. Você já percebeu que sempre pelo olhar da outra a gente consegue ver o problema de outro ângulo?

**Magali:** “O inferno são os outros”.

**Mônica:** Nãã. No nosso caso, a salvação são as outras. A gente sempre sai melhor depois dos nossos encontrinhos. A gente cresce juntas.

**Magali:** Mulher, crescimento só se for para os lados *(risos)* mas sim, é verdade, eu volto pra casa mais leve.

*(silêncio. As duas se entreolham)*

**Mônica:** ALEXA, tocar música de Natal para descontrair no cavaquinho!

**Magali:** Menina, Específica é ela.

**Mônica:** Ah, eu sou movida à música. E, pra tocar nos assuntos familiares, só com música.

**Magali:** Lá vem bomba! Deu até palpitação.

**Mônica:** Incrível como assunto de família mexe com a gente. Ô troço trabalhoso é família.

**Magali:** Né isso? Um amor que a gente não escolhe, né?

**Mônica:** E a gente não sabe se vai ou se fica.

*(silêncio. Entra Matilda)*

**Matilda: (fora de cena)** Que cheiro é esse?

**Mônica:** Tamo aqui atrás, Matilda... vemmmmm!

**Matilda:** Que cheiro de tangerina! **(Entrando)** Não acredito, que mesa linda! Amo bolo de tangerina.

**Mônica:** ALEXA, tocar música de Natal, de Mariah Carey.

***(Mônica levanta para receber a amiga e vão todas para a mesa da sala. As três dão um abraço coletivo e muitas risadas)***

**Matilda: (durante o abraço):** Ai, amigas, que bom encontrar vocês. Desculpa a demora, tinha trânsito na Roberto freire, Natal em Natal, né? Mas cheguei.

**Mônica:** *(entregando uma taça e servindo vinho a Matilda)* A gente tá começando pelo vinho.

**Matilda:** Ai, parem de ser perfeitas, por favor. (risos)

**Mônica:** Meninas, é muito especial essa nossa confrã. A noite de Natal tem seus significados; aliás, o mês de dezembro faz parte desse moído. Encontrar amigos, famílias, presentes, confraternizações de trabalho, parece que não existe maldade em dezembro, todo mundo bonzinho **(risos)**.

**Matilda:** Menina, eu atrasei mesmo. Já estamos na fase Mônica filósofa?

**Mônica:** Eu, particularmente, cresci com um vazio emocional.

**Matilda:** *(percebendo)* Ah, por isso o vinho. Tá explicado.

**Magali:** Pauta família.

**Matilda:** Eta lasqueira. *(dá um gole maior no vinho)*

**Mônica:** Esse meu vazio emocional, nessa época do ano, sempre foi preenchido pelos filmes. *(Irônica, mudando o clima)* E, como vocês sabem, a neve fez parte desse período, e eu amo. Os bonecos de neve com seus cachecóis vermelhos...

**Matilda:** Mulher, que neve? Em Macaíba não tinha isso não **(risos)**

**Magali:** Muito menos em JAMPA... **(risos)** Bebeu foi?

**Mônica: (seguindo na ironia)** Pois aqui tinha, sim! As casas de Candelária tinham até o teto inclinado para escorrer a neve, tinha chaminé para Papai Noel descer na lareira, excursão para esquiara no Morro do Careca ou nas Dunas de Genipabu... não lembram? Não, vocês têm uma memória péssima.

**Matilda: (entrando no jogo)** Ah, claro que me lembro. **(risos)** Lembro das chaminés, das lareiras **(risos)** fazia muito frio, né? Maga, teve até uma vez que Papai Noel ficou preso com tanta fuligem. **(risos)** Saiu até no “Aqui, Agora” **(risos)**.

**Magali: (imitando o repórter Gil Gomes)** “Noel foi resgatado com vida. Gil Gomes para o Aqui, Agora”.

**Mônica:** E, minha filha, as árvores de Natal eram pinheiros belíssimos que vinham em cima dos carros. **(risos coletivos. Elas param o jogo)** Acho que todas as crianças que tiveram infância e adolescência nos anos 80 sonhavam com o dia em que ia nevar em Natal. Os filmes da sessão da tarde só mostravam esse Natal de neve e a gente torrando no calor, com a cara no ventilador.

**Magali:** Traumatizada.

**Mônica:** Pois então. Aquilo ficou no nosso inconsciente. Depois que a gente cresceu, entendeu que a magia da tv ia dando lugar à realidade. Devaneios, migas.

**Matilda:** Mulher, melhore! **(risos)**

**Mônica:** Vamos conversando e comendo! Não pode sobrar nada!

**Magali:** Lá em casa, era no máximo uma árvore de galhos

secos com algodão. **(Ela ri sozinha)**.. O que foi? Vocês nunca tiveram uma?

**(silêncio)**

**Mônica:** Essa foi a primeira árvore que tive lá em casa.

**(silêncio)**

**Magali:** Poxa, desculpa pelo gatilho, Môniquets.

**Mônica:** Sem problemas, apenas lembrei.

**Matilda:** Meninas, que caixas são aquelas?

**Magali:** Perguntei a mesma coisa. **(risos)** Amei os laços!

**Mônica:** Ô povo curioso! Nam, marmeudeus! Eu, hein? Vamos comer o bolo enquanto tá quentinho, e fiz aquele docinho de nozes e damasco que vocês amam. Aceitam um chá ou chocolate quente ou suco ou café...?

**Magali:** Meu Deus, é o paraíso! Será que morri, senhor?

**(As amigas se servem e continuam a conversa saboreando as delícias)**

**Magali:** Eu sinto cheiro de suspense no ar. Você sente, Matilda?

**Matilda:** Omi, desde que chegou o convite que senti cheiro de suspense...

**Mônica:** É o seguinte: fiz uma surpresa pra gente...

**Matilda:** Eu sabia. Tá vendo, Magal, tinha farinha nesse angu. Boy, já estou me tremendo.

**Mônica:** Pois então... se fosse um filme, a gente ia cortar agora pra 1986.

**Magali:** Eita, Sessão da Tarde.

**Mônica:** ...ano que aconteceu o maior acidente nuclear do mundo, em Chernobyl.

**Matilda:** Lembro demais. Minha mãe morria de medo que a radiação chegasse no vento.

**Mônica:** ...e nesse justo ano aconteceu uma explosão de emoções na minha vida, acho que vocês nunca souberam disso.

**Matilda:** Espera aí, amiga! Tô aqui lembrando! Nesse ano, a gente estudava na mesma escola, lá no Colégio Imaculada Conceição. Lembra das minhas crises de asma? Aff, nem fale! Enquanto isso, “na sala de justiça”, Magali desfilava nas passarelas de Jampa city...

**Magali:** Eu era modelo manequim e fazia sucesso, viu? Tá por fora! (*risos*)

**Mônica:** Como eu ia dizendo, naquele ano, um amigo de sala olhou para mim, no intervalo, lá em frente à capela do colégio, e disse “Meu pai é amigo do seu pai”... Eu quase desmaiei, era meu sonho!

**Matilda:** Quem era esse menino dos sonhos? Jogava basquete? Da nossa sala? Não lembro...

**Mônica:** *(ri alto)* Mulher, se acalma...respira .... quando eu falo dos sonhos, não era o menino, mas sim conhecer meu pai, criatura! Eu imaginava um modelo de pai. Mas aí, quando ele falou aquilo, vieram muitas dúvidas: será que vai gostar de mim? Será que ele é fofo?

**Magali:** O menino dos sonhos? *(Matilda ri)*. Brincadeira. Conta.

**Mônica:** A gente guardou aquele segredo.

**Magali:** Você e o boy misterioso? Como era o nome dele mesmo?

**Mônica:** Sim, o nome dele não vem ao caso. Daí, um dia, depois de pular o muro do colégio e invadir um banco, literalmente... O banco onde meu pai trabalhava, o BDRN.

**Matilda:** Aquele da Floriano Peixoto?

**Mônica:** Uhum.

**Matilda:** Aff, tenho ranço daquele banco. Minha gerente era uó. Desculpa, continua.

**Mônica:** Enfim, eu entrei lá e encontrei meu pai. Lindo e sorridente como eu sempre tinha imaginado. Olhei para ele e disse “sou sua filha e quero uma bicicleta rosa!”.

**Magali:** Haha. A primeira coisa que você falou?

**Mônica:** “Quero uma bicicleta rosa”.

**Matilda:** E ele?

**Mônica:** Ele, com o rosto vermelho igual pimenta, disse “pois vamos lá na ‘Sertaneja’ comprar!”. Mulher, eu lembro que eu me tremia toda por dentro. Era como se a partir dali fosse acontecer uma história de contos de fadas. O filme da família perfeita.

**Magali:** Sessão da Tarde de verdade, viu?

**Mônica:** É... mas acho que virou “Vale a pena ver de novo”. Bom, eu não podia simplesmente chegar em casa com uma bicicleta e dizer pra minha avó “olha, ganhei do meu pai, que eu conheci hoje no BDRN!!!”.

**Matilda:** Ela ia achar que você roubou.

**Mônica:** Né isso? Até porque eu cresci sabendo que meu pai abandonou a gente e foi embora para o Rio, como é que eu ia despejar essa notícia para a pessoa que eu mais amava na vida? Eu contando pra vocês agora consigo escutar direitinho o arrastado do sapato dele indo ao meu encontro para me abraçar.

**Matilda:** Ô, mulher! Acho que eu vou chorar.

**Mônica:** Que é isso? Não precisa ficar triste! Foi lindo e só tenho lembrança boa até hoje. Acho que, se aconteceu assim, é porque tinha de ser. Sinto saudade do que não tive. Afinal, Dona Amélia só soube na semana que eu ia casar!! Eu disse assim para ela “Já pensou se no dia do meu casamento meu pai estivesse por Natal e entrasse comigo na Igreja da Candelária? Não seria o máximo?”... Ela riu de canto de boca ... e por sete dias eu alimentava essa hipótese... E deu certo! Ele entrou comigo na igreja para espanto de todos os convidados, incluindo família, padre Vilela e tal. Eu, particularmente, amei. Acho que foi a única vez que nos reunimos todos. Dois anos depois, ele faleceu.

**Matilda e Magali:** *(falam ao mesmo tempo)* Eu não fazia ideia!!

**Mônica:** Por isso que eu queria dividir com vocês essa história.

*(Mônica enche os olhos de lágrimas)*

**Magali:** É eita em cima de vixe, viu?

**Matilda:** A gente já se conhece há o quê? Vinte anos? E sempre tem novidade, né? Parece que a gente vive umas 7 vidas.

**Mônica:** Vida de gatas. *(Risos)* Pois é. Vocês agora entenderam como conheci metade do meu DNA. Da minha origem. A outra metade depois eu conto.

**Magali:** Metade?

**Matilda:** Sim, ela não foi criada pela mãe, lembra?

**Magali:** Verdade.

**Matilda:** Amiga, pelo menos, você tinha Dona Amélia, que tenho certeza não mediu esforços para cuidar de você!

**Mônica:** Sim, com certeza. E, na casa de vocês, como era? Tinham conflitos?

*(As amigas balançam a cabeça afirmando que também tinham conflitos)*

**Matilda:** No meu caso, perdi meu pai cedo, vocês lembram.. E os conflitos existiam de forma discreta. Minha mãe me amava de uma forma muito singular. De um lado, foi bom, porque aprendi

desde cedo que “rapadura é doce, mas não é mole não”. Acho que consegui, na minha vida pessoal e profissional, algo que eu nem tinha planejado. Sou feliz, grata e terapeutizada (**risos**). Eu acho que eu só sobrevivi à politicagem da universidade porque tive esse doutorado em inteligência emocional dentro de casa.

**Magali:** Falou a Doutora, phd que arrasa! É muito doido como a gente é tão diferente e as nossas vidas se entrelaçaram! São iguais e diferentes ao mesmo tempo. Na minha casa, conflito era que nem escovar os dentes. Rotina. Quatro irmãos.

**Matilda:** Imagino, viu?

**Mônica:** Eu não consigo imaginar, porque tudo o que eu queria era uma casa cheia, então, eu imaginava ser um mar de rosas. É sério.

**Magali:** Jamais, amiga! Cresci em um lar aparentemente saudável e, hoje, vejo como existiam questões em torno do amor e do coletivo. Minha casa sempre muito cheia, uma família muito barulhenta, nunca fui a favorita. (**refletindo**) Talvez eu faça terapia até hoje muito por isso. Confesso que no fundo era bom. Minha mãe amava criança! Meu pai era bancário também, trabalhava bastante. Minha mãe era responsável por tudo em relação a nós quatro. Um pouco diferente de vocês. E, hoje, vejo na nossa amizade uma força incrível. Quando nos tornamos mães, tivemos a oportunidade de rever um pouco o que nos afligia e fazer diferente... Acertamos? Não! Mas tentamos! Sim, Mat, quando você falou na faculdade, eu lembrei que escolhi Arquitetura pensando em mudar o mundo através das moradias e suas formas. Sempre que desenho meus projetos, tento colocar neles um pouco de afeto e trazer a natureza para dentro das casas, dando a elas uma casa com cara de vó, sabe?

**Mônica:** Amo esse seu jeito de pensar, miga. Linhas retas, mas cheias de afeto! Sou suspeita! Na real, eu queria uma família de comercial de margarina. Naquela época que eu sonhava nevar em Natal. Hoje, jamais! **(risos)**

**Matilda:** Eu também amoooo tuas ideias, Magali. Esse seu jeito fashion me inspira.

**Mônica:** Eu, por exemplo, fiz Biologia achando que ia viver no Greenpeace! Salvando as baleias... Ah, me lembrei que quando eu via o clipe da música “As baleias”, de Roberto Carlos, eu ficava louca! Não sou vegana, mas não lido bem com o mau trato animal.

**Matilda:** Nem fale porque causa animal é a minha causa, né?

**Mônica:** Pois é, vocês notaram que esse olhar com cuidado pras pessoas, pra natureza, faz um laço nas nossas vidas?!

**Magali:** Nunca tinha pensado nisso.

**Matilda:** Menina, a gente deu ardeio, mas não esqueci que Mônica ia falar sobre a outra metade do DNA. Essa conversa tá mais para uma aula de biologia. **(risos)**

**Magali:** Né isso?

**(Magali, levanta e vai até a sala para observar a árvore de Natal)**

**Mônica:** Pois é! Que louco... A outra parte do meu DNA era uma presença ausente. Fui criada por minha avó e, todos os anos, enquanto fazia o primário ali, entre meus 7 e 10 anos, eu recebia uma caixa grande cheia de adesivos: frágil, destinatário,

remetente – coisas da zona franca de Manaus. E, dentro da caixa, vinham coisas parecidas, todo ano. Tinha papel de carta, borracha perfumada, binóculo, coleção de hidrocor, relógio do Mickey... Nossa, que lembrança mágica! Me passa o suco, por favor, Matilda!

**Matilda:** Ei, eu tinha um relógio desse! Minha tia trouxe de Manaus. Achava lindo também

**Mônica:** Pois é, ele tinha uma pulseira vermelha... **(os olhos enchem de lágrimas)** Falar do passado é reviver uma história, às vezes com um pouco mais de sabedoria. Ah, vinham uns negocinhos que se colocavam na garrafa de refrigerante em cima da mesa de aniversário, do tema da festa. **(pausa)** Acho que era uma forma de compensação para ela. Eu sei que eu amava receber e ficava ansiosa pra abrir, mas tinha de esperar a noite de Natal. Minha avó era rigorosa. Quando chegava, naquele momento, o tempo parava! Sempre vinha uma carta para a vovó, contando a parte adulta, que, por sinal, ainda guardo uma comigo.

**Magali:** Ela te amava da maneira dela

**Matilda:** E haja coração!

**(As duas amigas se entreolham)**

**Monica:** Qualquer dia, marcamos um café pra gente ver esse baú de memórias. Aliás, porra de café! Peguem as taças! Vamos brindar à vida, à amizade e ao amor! ALEXA, Música de Natal do filme “Esqueceram de mim”.

**(Mônica levanta e vai em direção às caixas)**

**Mônica:** Matilda, feliz Natal! Fiz pra você. Te amo! Espero que o que tá aí dentro te ajude a enxergar uma saída naquele engodo da universidade.

**Matilda:** Ai, amiga! *(se abraçam)*

**Mônica:** Não abre ainda. Magali, feliz Natal! Fiz pra você também. Te amo! Que você volte a escrever cartas.

**Magali:** Obrigado, Mônica, sua louca. Te amo! *(se abraçam)*

**Mônica:** E a minha... que eu fiz para essa menina sardenta de olhos castanhos que mora dentro de mim e que eu amo. Prontas? Podem abrir.

**FIM**

REALIZAÇÃO  
Casa da Ribeira

ORGANIZADORES DO LIVRO  
Alessandra Augusta e Henrique Fontes

MENTORES DO I LABORATÓRIO  
DRAMATÚRGICO DA CASA DA RIBEIRA  
Clotilde Tavares, Alessandra  
Augusta e Henrique Fontes

ELABORAÇÃO DO PROJETO  
Ana Cláudia Viana, Alessandra  
Augusta e Henrique Fontes

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Jeane Ataíde

PRODUÇÃO  
Filipe Maia

INTÉRPRETE DE LIBRAS  
Francinaldo Nascimento

CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL  
Jammerson Yuri da Silva

REGISTRO FOTOGRÁFICO  
Luana Tayze

REGISTRO VIDEOGRÁFICO  
Taline Freitas

ASSESSORIA DE IMPRENSA  
Gustavo Farache - G7 Comunicação

GERENCIAMENTO DE MÍDIAS  
Di Gatti

DESIGNER GRÁFICO  
Daniel Torres

EDITORA  
Mariana Hardi

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Amanda Marques

REVISÃO TEXTUAL  
Arthur Barros de França

IMPRESSÃO  
Offset Gráfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Escola de criação [livro eletrônico] : primeiras  
dramaturgias / org. Alessandra Augusta,  
Henrique Fontes. -- 1. ed. -- Natal, RN :  
Mariana Hardi, 2025.

PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-81064-09-9

1. Artes cênicas 2. Criatividade (Literária,  
artística, etc) 3. Dramaturgia 4. Peças de teatro  
5. Teatro brasileiro I. Augusta, Alessandra.  
II. Fontes, Henrique.

25-321240.0

CDD-792.026

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Teatro : Artes da representação 792.026

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Henrique Fontes, trabalhou na organização do livro e foi mentor da Escola da Criação. É dramaturgo, ator e diretor teatral com mais de 35 anos de experiência. Escreveu 22 peças e dirigiu mais de 30 trabalhos.



Alessandra Augusta, trabalhou na organização do livro e foi mentora da Escola da Criação. É atriz e produtora cultural formada em Teatro pela UFRN e especialista em Ensino do Teatro pelo IFRN. Pesquisadora de temas como o Teatro Negro, Feminismo, Ancestralidade e Dramaturgia Autoral.



Clotilde Tavares, foi mentora da Escola da Criação. É escritora, agitadora cultural, vivendo em Natal/RN.

Este projeto foi fomentado pelo PROGRAMA FUNARTE RETOMADA 2023 - TEATRO.

